

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
CAMPUS DE MARÍLIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**

**Edgar Indalecio Smaniotto**

**EUGENIA E LITERATURA NO BRASIL:  
apropriação da ciência e do pensamento social  
dos eugenistas pelos escritores brasileiros de  
ficção científica (1922 a 1949).**

**Marília – SP**

**2012**

**EDGAR INDALECIO SMANIOTTO**

**EUGENIA E LITERATURA NO BRASIL:  
apropriação da ciência e do pensamento social  
dos eugenistas pelos escritores brasileiros de  
ficção científica (1922 a 1949).**

**Tese de Doutorado apresentada à  
Faculdade de Filosofia e Ciências  
da Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus  
de Marília, como parte das  
exigências para a obtenção do  
título de Doutor em Ciências Sociais  
no, Programa de Pós-graduação em  
Ciências Sociais.  
(Linha de Pesquisa: Cultura,  
Identidade e Memória).**

**Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Christina de Rezende Rubim.**

**Marília – SP**

**2012**

SMANIOTTO, Edgar Indalecio.

**EUGENIA E LITERATURA NO BRASIL: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949).**

. / Edgar Indalecio Smaniotto. Marília, SP: UNESP / FFC, 2012, 131 f.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Christina de Rezende Rubim

Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UNESP / FFC – Marília.

1– Ficção Científica      2 – Eugenia      3 – Pensamento Social  
4 – Antropologia      5 – Ciência      6- Darwinismo

# Edgar Indalecio Smaniotto

## **EUGENIA E LITERATURA NO BRASIL: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949).**

BANCA EXAMINADORA:

---

**Professora Doutora Christina de Rezende Rubim (Orientadora)**

UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
Faculdade de Filosofia e Ciências. Câmpus de Marília

---

**Professor Doutor Andréas Hofbauer**

UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
Faculdade de Filosofia e Ciências. Câmpus de Marília

---

**Professor Doutor Aluisio Almeida Schumacher**

UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
Faculdade de Filosofia e Ciências. Câmpus de Marília

---

**Professor Doutor Carlos Alberto Machado**

Doutor em Educação pela PUC-RJ

---

**Professor Doutor Edgar Silveira Franco**

Universidade Federal de Goiás, FAV - Faculdade de Artes Visuais.  
FAV /UFG - Câmpus II.

**Suplentes:**

---

**Professora Doutora Célia Aparecida Ferreira Tolentino**

UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"  
Faculdade de Filosofia e Ciências. Câmpus de Marília

---

**Professor Doutor Vanderlei Sebastião de Souza**

Fundação Oswaldo Cruz/RJ  
Escola Nacional de Saúde Pública

---

**Professora Doutora Simone Rocha**

Universidade do Contestado - UnC  
Curitibanos – SC

*A minha esposa Karina e meu filho Marco Aurélio,  
pelos agradáveis momentos juntos.*

*A Christina de Rezende Rubim, mestra querida, amiga e orientadora.*

*Aos meus pais, Elidio Smaniotto e Carmem Lúcia Alves.*

*“Através da abundante e espantosa literatura chamada de ficção científica, sobressai no entanto à aventura de um espírito quase adolescente ainda, que se desdobra à medida do planeta, se empenha numa reflexão na escala cósmica e situa, de maneira diferente, o destino humano no vasto Universo. Mas o estudo de semelhante literatura, tão comparável à tradição oral dos narradores antigos, e que dá provas dos profundos movimentos da inteligência em marcha, não é coisa séria para os sociólogos.”*

*Louis Pauwels e Jacques Bergier, **O Despertar dos Mágicos.***

*“É óbvio que a ciência é uma, mas pode se evidenciar para o bem ou para o mal. Lá estão as utopias e as distopias, inevitáveis prolongamentos da essência humana. Mas seja qual for a alternativa, é inegável que a ficção científica manipula alguma verdade prenunciadora, não importa se inclusiva. Equivale pois, como arte, a uma catarse ante a ambiguidade existencial dos terrestres. Essa literatura de nosso tempo merece portanto acurada reflexão, pois sugere o sociólogo do amanhã, na medida que o vir-a-ser pode ser perscrutado pela ciência. Ficção Científica: Sociologia do futuro?”*

*Rubens Teixeira Scavone, **Templários, Frankenstein, Buracos Negros e outros temas.***

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo contribuir para as pesquisas referentes ao movimento científico e social conhecido como eugenia, a partir da análise de obras brasileiras de ficção científica publicadas na primeira metade do século XX, particularmente entre os anos de 1922 a 1949. A partir de algumas obras representativas, segundo a crítica especializada da época, buscamos verificar a forma com que o pensamento eugênico foi incorporado às narrativas de ficção científica, dando forma à representação ficcional de mundos utópicos eugenistas. Mapearemos e estudaremos a apropriação da ciência e do pensamento social desses intelectuais eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica, no período de 1922 a 1949, possibilitando compreender as formas com as quais o discurso eugênico foi incorporado à literatura brasileira e, posteriormente, difundido por ela. Para tanto, buscamos entender os limites da eugenia como ciência, as diferentes formas do gênero ficção científica e as formas de interação entre literatura de ficção científica e eugenia no Brasil e nos Estados Unidos. Dessa forma, teremos um amplo aspecto das interações entre o pensamento social eugenista e o campo literário no Brasil. Sendo assim, os textos literários, a serem abordados no decorrer de nossa pesquisa, possibilitarão identificarmos a transposição do discurso científico eugenista para a literatura de ficção científica, na primeira metade do século XX.

**Palavras-Chave:** Ficção Científica – Eugenia – Antropologia – Ciência – Pensamento Social e Darwinismo.

## ABSTRACT

This work aims to contribute to research concerning the scientific and social movement known as eugenics, from the analysis of Brazilian science fiction works that were published in the first half of the twentieth century, particularly at the years 1922 to 1949. From some representative works, according to specialized critics of the age, we seek to verify the way the eugenic thinking was incorporated into the science-fiction stories, forming the fictional representation of utopian eugenicist worlds. We shall map and study the appropriation of science and social thought of these intellectual eugenicists by Brazilian writers of science fiction at the period 1922 to 1949, making possible to understand the ways which eugenic discourse was incorporated into Brazilian literature and posteriorly spread by it. Therefore we seek to understand the limits of eugenics as a science, the different forms of the science fiction genre and the forms of interaction between science fiction literature and eugenics in Brazil and the United States. Thus we will have an ample aspect of interactions between the eugenicist social thought and literary field in Brazil. In such case, the literary texts, which will be discussed during our research, will enable identifying the transposition of eugenicist scientific discourse to the science fiction literature in the first half of the twentieth century.

**Key-words:** *Science Fiction - Eugenics - Anthropology - Science - Social Thought - Social Darwinism.*

## SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	10
Introdução.....	11
<b>CAP. I.</b> Eugenia, Ciência e Ficção Científica: um encontro possível.....	14
<b>CAP. II.</b> Ficção Científica: definições, temas e história.....	22
2.1. Definindo o Gênero Ficção Científica.....	22
2.2. Nasce a Ficção Científica: o moderno Prometeu.....	27
2.3. Júlio Verne: nasce a ficção científica “hard”.....	31
2.4. H. G. Wells: política e sociedade na ficção científica.....	32
2.5. Arthur Conan Doyle: em busca de mundos perdidos.....	39
<b>CAP. III.</b> Darwinismo, racismo e eugenia.....	43
<b>CAP. IV.</b> Ciência, Eugenia e Ficção Científica: o mito do super-homem americano.....	56
<b>CAP. V.</b> A Eugenia no Brasil: lamarckismo, progresso, saúde e nacionalismo.....	71
5.1. Lamarck: a evolução pelos caracteres adquiridos.....	71
5.2. Lamarckismo e eugenia no Brasil.....	75
5.3. Eugenia e Raça no Brasil.....	87
<b>CAP. VI.</b> O Futuro Eugenizado: pensamento eugênico, nacionalismo e ficção científica no Brasil.....	93
6.1. Lobato e o Pensamento Eugênico.....	93
6.2. O Feminismo Eugênico de Bittencourt.....	99
6.3. A Eugenia antifeminista de Berilo Neves.....	110
<b>CAP. VII.</b> Críticas ao Futuro Eugênico.....	115
Considerações Finais.....	121
Referências Bibliográficas.....	123

## Lista de Figuras:

Fig.	Nome	Pág.
01	Monte Roraima	40
02	A Escala das Raças Humanas	51
03	Comparação entre negros e símios	52-53
04	Capa de Frank R. Paul para Amazing Storie de Agosto de 1928	58
05	1º Arte da capa do livro Uma Princesa de Marte.	61
06	2º Arte da capa do livro Uma Princesa de Marte.	61
07	Capa de Gladiador de 1930	67
08	Adaptação do pescoço da girafa	73
09	Capa do livreto “Jeca Tatuzinho”	81
10	Ilustração de J. U. Campos para o Almanaque do Biotônico, 1935	82
11	A Redenção de Can (1895)	89

## INTRODUÇÃO:

Este estudo pretende ser uma contribuição às pesquisas do movimento científico e social conhecido como eugenia, palavra criada pelo cientista britânico Francis Galton em 1883 para significar as possíveis aplicações sociais do conhecimento da hereditariedade para obter-se uma desejada “*melhor reprodução*” (STEPAN, 2005).

A eugenia, desde suas formas mais brandas, representada pelo branqueamento e a higienização (eugenia positiva), até a eugenia negativa de Kehl<sup>1</sup>, com suas propostas de esterilização dos degenerados, teve ampla aceitação social em diversos círculos intelectuais brasileiros (DIWAN, 2007).

As propostas eugênicas quase sempre vêm acompanhadas de exercícios de futurologia, como os prognósticos elaborados por Roquette-Pinto<sup>2</sup> segundo as estatísticas oficiais de população de 1872 a 1890, nos quais o autor previu um branqueamento da população brasileira até o ano de 2012.

Entre os anos de 1922 e 1949, as teorias referentes ao branqueamento da população brasileira, higienismo e eugenia, faziam parte das discussões intelectuais da elite brasileira (SKIDMORE, 1976; STEPAN, 2005 e SCHWARCZ, 1993). Uma vez que os literatos participavam intensamente dos debates políticos e culturais da nação, a eugenia e o higienismo, como propostas científicas de melhora da nação, logo também se fizeram presente na literatura (DIWAN, 2007, p. 105), em especial a de ficção científica (CAUSO, 2003).

A literatura de ficção científica apresenta em seus discursos alguns arquétipos bastante conhecidos, entre eles as utopias e distopias, mundos perdidos e viagens no tempo (FIKER, 1985). Esses arquétipos, típicos da ficção científica, foram utilizados como recurso literário por escritores brasileiros entre 1922 e 1949, a fim de divulgar suas ideias eugênicas.

Identificar, demarcar e compreender essa apropriação do pensamento eugênico pelos escritores brasileiros do período é o objetivo de nossa pesquisa.

---

<sup>1</sup> Em termos gerais, a eugenia positiva pretendia a melhoria dos indivíduos de “sangue bom”, os de raça branca, através do controle dos casamentos. Já a eugenia negativa pregava a esterilização dos indivíduos de sangue ruim, levando a sua eliminação (BLACK, 2003).

<sup>2</sup> Os diagramas foram reproduzidos por Lilia Moritz Schwarcz (1993, p. 97).

Nossas fontes de trabalho serão coletadas com base nas publicações intituladas Ficção Científica pela crítica especializada<sup>3</sup>. Os textos são: *O Presidente Negro ou O Choque das Raças* (Monteiro Lobato, 1922); *Sua Excia. a Presidente da República no ano 2500* (Aldazira Bittencourt, 1929); *A Costela de Adão, a Mulher e o Diabo, e Século XXI* (Berilo Neves, 1929/1931 e 1934 – respectivamente); *Zanzalá* (Afonso Schmidt, 1938); *3 Meses no Século 81* (Jerônimo Monteiro, 1949).

A decisão por textos notoriamente considerados Ficção Científica, além de evitar a difícil busca por toda a literatura brasileira, com o objetivo de fazer um levantamento por obras literárias que tenham sido escritas a fim de divulgar ideias eugenistas, visou também realizar o trabalho com um gênero literário que tem na extrapolação do saber científico sua principal característica (CAUSO, 2003). Portanto, limitando nossa pesquisa tanto em um gênero quanto em um determinado tempo cronológico, já que, após 1950, a eugenia se tornou um tema tabu na ficção científica mundial, inclusive na brasileira, e, antes de 1922, não houve obras abordando essa temática (CAUSO, 2003).

Na era tecnológica em que vivemos desde a revolução industrial, os horizontes humanos foram enormemente ampliados, juntamente com sua curiosidade e imaginação (SKORUPA, 2002). A Ficção Científica, por sua vez, é fértil em produzir a imaginação sobre esses novos e vastos horizontes científicos e tecnológicos, sendo ela mesma um gênero literário que nasce com a ciência moderna.

Se, em geral, todos os avanços científicos modernos foram trabalhados pela Ficção Científica em um momento ou outro (ASIMOV, 1984), uma vez que a *“ficção científica elabora extrapolações que, a partir da ciência contemporânea, procuram hipoteticamente, na forma de narrativas literárias, o que poderia ser o futuro, no tocante a fenômenos novos ainda não descobertos”* (CARDOSO, 2001, p. 5), a eugenia da primeira metade do século XX também foi motivo de extrapolações por parte de autores de ficção científica.

Mas como nos lembra Skorupa (2002, p. 3):

---

<sup>3</sup> Ver: MEDEIROS (1999), NASCIMENTO (1985 e 1994), TAVARES (1992), BOURGUIGNON (2005), CAUSO (2003) e PEREIRA (2005).

a despeito de constantemente referenciar-se ao futuro, ela está indissociavelmente ligada ao seu momento de produção e, no seu âmago, discute essas realizações baseadas na ciência e na tecnologia.

Se estamos falando de um gênero literário que elabora extrapolações a partir da ciência contemporânea ao seu momento de produção, podemos então identificar na ficção científica tanto uma representação literária do conhecimento científico de sua época, quanto uma prefiguração<sup>4</sup> das utopias almeçadas por essa sociedade.

Sendo assim, os textos literários, a serem abordados no decorrer de nossa pesquisa, possibilitarão identificarmos a transposição do discurso científico eugenista para a literatura de ficção científica, na primeira metade do século XX. Contribuindo assim para o mapeamento da divulgação das ideias eugenistas, tendo em vista que a literatura tem uma receptividade social mais abrangente que textos científicos.

---

<sup>4</sup> Podemos definir o ato de prefigurar como *“representação de coisa futura. Representar antecipadamente coisa que ainda não existe, mas que pode existir.”* Ver: FERNANDES, Francisco. LUFT, Celso Pedro. GUIMARÃES, F. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo: Português**. 41<sup>o</sup> ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

## **CAPÍTULO I – Eugenia, ciência e ficção científica: um encontro possível.**

Nossa pesquisa teve suas motivações baseadas, principalmente, nas possibilidades abertas pela perspectiva de análise da etnografia do pensamento e da ciência. Nessa perspectiva, buscamos uma oportunidade de realizar um empreendimento histórico, sociológico, comparativo, interpretativo, de tornar inteligíveis questões ainda não suficientemente problematizadas acerca do campo do conhecimento que será objeto de análise (PONTES, 1997).

Essa é uma perspectiva que permite um tratamento analítico e circunstanciado; abordar os diversos ramos da atividade cultural e científica (literatura, biologia, eugenia, antropologia etc.), exercidos pela intelectualidade brasileira que absorveu as ideias eugenistas (escritores de ficção científica), circunscrevendo-a como um grupo cultural específico, ainda que possivelmente não tenha se organizado socialmente<sup>5</sup>.

Analisaremos essa comunidade (escritores de ficção científica) em suas diversas dimensões: histórica, experiência social e intelectual, atitudes, visão de mundo, ideologia e posição na estrutura social vigente. Assim, poderemos compreender melhor o pensamento desses autores, no contexto em que viveram, e a constituição de um saber sobre a singularidade do Brasil como nação e as esperanças futuras depositadas nela.

Pretendemos, também, mostrar que os discursos produzidos pelos integrantes do universo literário e científico da época não são apenas pontos privilegiados de observação intelectual, mas, antes de tudo, modos de estar no mundo, que nos possibilitará uma apreensão – mediada pela dupla confluência entre eugenia e literatura (ficção científica) – da história intelectual e da formação do campo das ciências sociais no Brasil.

Para tanto, devemos compreender que as ciências, como nós as conhecemos hoje, se desenvolveram num determinado momento histórico da sociedade ocidental, após o século XIX, principalmente. O movimento científico e

---

<sup>5</sup> No caso dos escritores, já que os teóricos eugenistas se organizaram em diversas associações, como: Sociedade Eugênica de São Paulo, Liga Pró-Saneamento do Brasil, Liga Brasileira de Higiene Mental e Comissão Central Brasileira de Eugenia.

social conhecido como eugenia, por sua vez, esteve em grande parte contido na primeira metade do século XX.

Uma vez que podemos compreender a ciência como uma sucessiva sequência de revoluções paradigmáticas (KUHN, 1989), porque a apreensão da realidade constantemente se modifica, transformando-a em algo novo, podemos postular que a considerada, hoje em dia, pseudociência da eugenia foi um momento paradigmático anterior ao paradigma atualmente aceito da biologia e da genética.

Fundamentando-se na história das ciências, Kuhn desenvolveu uma nova visão epistemológica. Até ele, a ciência era vista como um muro, ao qual cada cientista ia acrescentando o seu tijolo, resultando no conjunto chamado “saber científico”. É a visão cumulativa, na qual o desenvolvimento da ciência

torna-se o processo gradativo através do qual esses itens foram adicionados, isoladamente ou em combinação ao estoque sempre crescente que constitui o conhecimento e a técnica científicos. E a história da ciência torna-se a disciplina que registra tanto esses aumentos sucessivos quanto os obstáculos que inibem sua acumulação. (KUHN, 1989, 20)

Kuhn propõe uma nova imagem de ciência. Nesse novo quadro, vemos grupos de cientistas lutando por essa ou aquela teoria em contraposição a outras.

Os primeiros estágios do desenvolvimento da maioria das ciências têm se caracterizado pela contínua competição entre diversas concepções de natureza distintas; cada uma delas parcialmente derivada e todas apenas aproximadamente compatíveis com os ditames da observação e do método científico. O que diferenciou essas várias escolas não foi um ou outro insucesso do método - todas elas eram “científicas” - mas aquilo que chamaremos a incomensurabilidade de suas maneiras de ver o mundo e nele praticar a ciência. (KUHN, 1989, 20)

Uma vez que uma das escolas triunfa, temos o estabelecimento de um paradigma e surge o que Kuhn chamou de ciência normal.

A Física de Aristóteles, o Almagesto de Ptolomeu, os Principia e a Óptica de Newton, a Eletricidade de Franklin, a Química de Lavoisier e a Geologia de Lyell - esses e muitos outros trabalhos serviram, por algum tempo, para definir implicitamente os problemas e os métodos legítimos de um campo de pesquisa para as gerações posteriores e praticantes da ciência. Puderam fazer isso porque partilhavam duas características essenciais. Suas realizações foram suficientemente

sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividades científicas dissimilares. Simultaneamente, suas realizações eram suficientemente abertas para deixar toda espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinindo de praticantes da ciência. Daqui por diante deverei referir-me às realizações que partilham essas duas características como “paradigmas”, um termo estreitamente relacionado com a ciência normal. (KUHN, 1989, 30)

Temos acima uma das definições de Kuhn para o paradigma. Margareth Masterman encontrou vinte e uma delas no livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Kuhn define paradigmas como: 1) uma realização científica universalmente reconhecida; 2) mito; 3) filosofia, ou constelação de perguntas; 4) manual, ou obra clássica (como vimos na citação acima); 5) toda uma tradição e, em certo sentido, um modelo; 6) realização científica; 7) analogia; 8) especulação metafísica bem sucedida; 9) dispositivo aceito na lei comum; 10) fonte de instrumentos; 11) ilustração normal; 12) expediente, ou tipo de instrumentos; 13) um baralho de cartas anômalo; 14) fábrica de máquinas-ferramenta; 15) figura de *gestalt* que pode ser vista de duas maneiras; 16) um conjunto de instituições políticas; 17) “modelo” aplicado a quase metafísica; 18) um princípio organizador capaz de governar a própria percepção; 19) ponto de vista epistemológico geral; 20) um modo de ver; 21) algo que define ampla extensão de realidade.<sup>6</sup>

As diversas definições de paradigma não diminuem o valor do trabalho de Kuhn, até porque elas não são excludentes. Ao contrário, a originalidade de seu trabalho e a amplitude de sua definição de paradigma faz de suas ideias, em redundância, um verdadeiro paradigma epistemológico.

Ao partirmos de uma abordagem paradigmática, como a proposta por Thomas Khun, verificamos que o abandono da caracterização da eugenia como ciência para uma caracterização como pseudociência<sup>7</sup> deveu-se pouco a uma mudança de perspectiva construída em relação ao objeto de pesquisa, e

---

<sup>6</sup>MASTERMAN, Margareth. LAKATOS, Inre & MUSGRAVE, Alan. **A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento**. São Paulo, Cultrix, Edusp, 1979.

<sup>7</sup> *Pseudociência* é uma caracterização usada para denominar campos de conhecimento que pretendem ser científicos, mas, na ótica da ciência acadêmica aceita, não fariam uso correto, ou fariam um uso incompleto e ideológico do método científico, chegando a conclusões não verificáveis experimentalmente ou por indução e dedução. Além da eugenia, alguns campos do conhecimento, como a parapsicologia e a ufologia são por vezes assim classificados, é necessário, pelo menos no caso das duas últimas maiores discussões sobre critérios de cientificidade. Alguns autores também classificariam como pseudociência o materialismo histórico e a psicanálise, o que gera controvérsias.

muito a motivações políticas. Afinal, com a vitória aliada na II Guerra Mundial e o repúdio popular maciço às políticas de extermínios nazistas, baseados na eugenia, esta, antes 'ciência', foi abandonada definitivamente, mesmo que inicialmente apenas no nome, quando alguns ex-institutos de eugenia trocaram seus nomes para Institutos ou Departamentos de Genética (BLACK, 2003).

Toda a ciência necessita, para seu desenvolvimento, ser divulgada, principalmente para seus pares – ao contrário do mito do cientista solitário (tão comum na literatura de ficção científica).

O periódico científico<sup>8</sup> surge com um objetivo bem claro: promover a troca de informações entre os cientistas. É o que chamamos de comunicação primária: o cientista escreve para seus pares, esperando que eles validem suas hipóteses dentro da comunidade.

Os cientistas<sup>9</sup> que trabalhavam com eugenia mantiveram uma rede de publicações periódicas<sup>10</sup>, seminários<sup>11</sup> e sociedades científicas<sup>12</sup> a fim de divulgar suas pesquisas. Com isso, estavam interessados em mútua troca de conhecimentos e convalidação de suas observações.

Por ser um movimento que pretendia moldar a sociedade – ou seja, uma ciência que pretendia ser aplicada no planejamento de políticas públicas – e não apenas ciência pura, os eugenistas se preocupavam com a divulgação científica de suas ideias. No Brasil, por exemplo, Renato Kehl<sup>13</sup> se esforçava na divulgação das ideias eugênicas, e é nessa perspectiva que podemos ver a interação entre os escritores brasileiros de ficção científica e os cientistas eugenistas.

Alguns eugenistas, como Renato Kehl no Brasil e Davenport nos Estados Unidos, viam na falta de conhecimento científico (no caso, o conhecimento sobre raça e ciência segundo a eugenia) um dos grandes empecilhos a políticas públicas eugênicas eficazes, por isso defendiam sua

---

<sup>8</sup> Também relatórios, livros, etc.

<sup>9</sup> Como já salientamos, atualmente não se considera a eugenia uma ciência, e assim seus produtores seriam pseudocientistas, entretanto, esse é um olhar a posteriori. Para efeito deste trabalho, usaremos os termos ciência da eugenia e cientistas eugenistas, pois eram assim vistos na época de sua produção intelectual.

<sup>10</sup> DIWAN, 2007, p. 48-85.

<sup>11</sup> Idem, p. 48-85.

<sup>12</sup> Idem, ibid p. 48-85.

<sup>13</sup> Renato Kehl realizava palestras constantes, escrevia livros populares e incentivava, por cartas, intelectuais, principalmente Monteiro Lobato, a divulgar suas ideias (DIWAN, 2007).

divulgação. Percebemos, então, que eles já tinham uma ideia de como o analfabetismo científico era prejudicial. Como salienta Carl Sagan:

As consequências do analfabetismo científico são muito mais perigosas em nossa época do que em qualquer outro período anterior. É perigoso e temerário que o cidadão médio continue a ignorar o aquecimento global, por exemplo, ou a diminuição da camada de ozônio, a poluição do ar, o lixo tóxico e radioativo, a chuva ácida, a erosão da camada superior do solo, o desflorestamento tropical, o crescimento exponencial da população. Os empregos e os salários dependem da ciência e da tecnologia. Se a nossa nação não puder fabricar, com alta qualidade e a preços baixos, os produtos que as pessoas querem comprar, as indústrias continuarão a se deslocar e a transferir um pouco mais de prosperidade para outras partes do mundo.<sup>14</sup>

Um exemplo de fenômeno que ameaça a humanidade e só pode ser resolvido com decisões científicas é o crescimento da população mundial:

Se o mundo quiser evitar as consequências terríveis do crescimento da população global, com 10 ou 12 bilhões de pessoas no planeta no final do século XXI, temos de inventar meios seguros, porém mais eficientes, de cultivar alimentos – com o auxílio de estoques de sementes, irrigação, fertilizadores, pesticidas, sistemas de transporte e refrigeração. Serão também necessários métodos amplamente acessíveis e aceitáveis de contracepção, passos significativos para a igualdade política das mulheres e melhoramento nos padrões de vida das pessoas mais pobres. Como será possível fazer tudo isso sem a ciência e a tecnologia?<sup>15</sup>

Mas como o cidadão pode participar das decisões científicas, se não dispõe de conhecimentos mínimos que lhe permitam escolher entre essa ou aquela opção, e compreender o assunto e todas as suas consequências? A divulgação científica adquire, aqui, um importante papel político e ideológico: o de alfabetização básica dos conceitos de uma determinada ciência, nesse caso, da eugenia.

Portanto, devemos compreender a importância que a divulgação científica teve dentro do movimento eugenista, sobretudo porque, sem a divulgação e aceitação de suas ideias, seria impossível que viesse a alcançar seus objetivos de formular leis segregacionistas (BLACK, 2003).

---

<sup>14</sup> SAGAN, Carl. **O Mundo Assombrado Pelos Demônios: A Ciência Vista Como Uma Vela no Escuro**. São Paulo, Companhia de Letras, 1996, p.21.

<sup>15</sup> Ibid, p. 25

Os escritos de ficção científica, ao fazerem uso da literatura para divulgar conceitos eugênicos, ofereceram ao movimento eugenista uma porta de entrada de suas ideias ao leitor de romances e contos. Dessa forma tentaremos observar como a eugenia foi divulgada, principalmente através da literatura de ficção científica.

O filósofo da ciência francês Michel Serres (2007), que considera que “*não se pode mais separar a história das ciências contemporâneas, nem a história da filosofia, nem a história da literatura, nem a das religiões*” (2007), trabalha, a partir do estudo da obra de Júlio Verne, justamente com a questão da divulgação científica via ficção científica. Serres propõe, através do exemplo do escritor de ficção científica Júlio Verne, que a literatura muitas vezes nos oferece uma determinada forma de ler uma ciência:

Etimologicamente, “legenda” significa “o que deve ser lido”, e legendo, como é preciso ler. Num mapa, geralmente embaixo, à esquerda, um quadro intitulado “legenda” explica como ler os símbolos que ali estão. Passeamos agora as ciências. Como se deve ler a geologia? A astronomia, como se deve lê-la? Pois bem, Júlio Verne propõe um modo de fazer: ele constrói uma máquina que permite ir lá ver. Um submarino desce até a classificação dos peixes; um obus dá a volta a Lua; um pedaço de continente arrancado da Terra visita os planetas do sistema solar, como em Hector Servadac; uma jangada desce lentamente o Amazonas e permite explorar suas margens e encontrar os ribeirinhos. A “legenda” prepara a viagem e a “viagem” realiza a legenda (SERRES, 2007, p. 22-23).

Serres afirma que Júlio Verne “*tornou cultural o saber de seu tempo*” (2007, p. 169). Este é justamente nosso objetivo neste trabalho, entender como os escritores brasileiros de ficção científica tornaram o conhecimento eugênico parte da cultura de seu tempo, através da divulgação em obras literárias. Portanto, é nessa perspectiva da relação entre eugenia e ficção científica que trabalharemos no decorrer desta pesquisa, buscando assim entender a contribuição dos escritores brasileiros de ficção científica na divulgação do pensamento eugênico.

Mas, se buscamos compreender o movimento científico e social da eugenia no contexto estabelecido pela história das ciências e, como os literatos brasileiros participaram de sua divulgação para o público, temos igualmente

que entender as condições sociais de produção do pensamento eugênico e da literatura brasileira de ficção científica na primeira metade do século XX.

Para tanto, adotaremos o referencial externalista da etnografia do pensamento e da ciência, proposta por Geertz (1998), para sermos capazes de explicar tanto o perfil sociológico dos produtores culturais, intelectuais e simbólicos, suas representações ideológicas e práticas sociais, quanto o campo particular em que estão inseridos.

Segundo o referencial metodológico proposto por Geertz (1997),

O pensamento (qualquer tipo de pensamento: o de Lord Russell ou do Barão Corvo, o de Einstein ou de algum caçador esquimó) deve ser compreendido “etnograficamente”, ou seja, através de uma descrição daquele mundo específico onde este pensamento faz sentido. (p. 227)

Qualquer estudo que use como referência a etnografia do pensamento deve ser um empreendimento histórico, sociológico, comparativo, interpretativo, e um pouco escorregadiço, tendo por objetivo tornar assuntos obscuros mais inteligíveis (GEERTZ, 1997).

Todos esses processos não podem ser tratados de forma que sejam apenas um auxílio na interpretação da obra, pois, tudo aquilo que ela contém em seu interior – seja de caráter científico, literário, cultural ou aquele aglomerado de histórias plausíveis que chamamos de senso comum – é de vital importância para o seu entendimento.

Uma das premissas mais importantes desse método é que:

As várias disciplinas (ou matrizes disciplinares) humanistas, científicas-naturais, ou sociocientíficas, que compõem o discurso disperso da academia moderna, são mais que simples posições intelectuais vantajosas. São, para invocar uma fórmula de Heidegger, modos de estar no mundo; ou formas de vida, para usar uma expressão wittgensteiniana, ou ainda variedade da experiência intelectual, adaptando de James. (GEERTZ, p. 232)

Por conseguinte, devemos nos lembrar que a ciência, seus conceitos, suas teorias e verdades são parte da história e possuem os seus limites nela, porque, entre outras razões, não pode ser pensada independentemente dos sujeitos cognoscentes.

A esse método de análise externalista da obra que busca compreender sua totalidade no mundo social, soma-se a análise internalista da obra em si, como proposta por Goldschmidt (1963), o qual nos convida a examinar a produção literária e científica de um autor ou comunidade, recuperando o diálogo interno de sua própria obra e buscando reconstruir a lógica de sua composição interna. A necessidade de se fazer uma análise internalista da obra do autor se dá porque, segundo Rubim (1996):

O conhecimento tem origem em nossas próprias experiências. Não é inato e nem aparece espontaneamente ou naturalmente. É preciso esforço e determinação. Mas, se não possuímos suficiente experiência de vida, uma história que nos proporcione pensar e refletir sobre o que lemos, sobre o legado de nossos antepassados, os clássicos, não teremos condições de produzir conhecimento criativo. Quanto mais rica for essa história, mais poderemos avançar em direção a um conhecimento significativo e original. Neste sentido, um texto pode dizer muito sobre seu autor. Mesmo um texto científico. Em suas linhas e entrelinhas estão implícitas as suas concepções de mundo, de vida e de ciência. (p. 15)

A antropóloga Mariza Peirano salienta que a antropologia, que tradicionalmente recorria a etnografias como principalmente fonte de conhecimento, passou a dispor de um novo elenco de alternativas literárias para seu empreendimento de análise, todas elas legítimas e politicamente adequadas, inclusive a ficção científica (PEIRANO, 2006, p. 21), pois em um novo contexto em que:

Modificaram-se os campos vizinhos da antropologia (como opositores ou aliados) – em vez de arqueologia, biologia, sociologia ou lingüística de décadas passadas, que eram em síntese uma tentativa da antropologia tornar-se mais ‘científica’, hoje os antropólogos podem ser encontrados nos departamentos de história da ciência, crítica literária ou filosofia. PEIRANO, 2006, p. 17).

Assim, a fim de abarcar os objetivos que buscamos, o caráter metodológico de nossa pesquisa se caracterizará, em vários momentos, pela sua flexibilidade, já que trabalharemos com diversas fontes, o que permitirá viabilizar o cumprimento dos objetivos almejados. Como nos diz Becker (1999) “[...] quando estudamos [...] temos que conceber métodos novos apropriados para o segredo que nos confronta [...] à medida que as circunstâncias da pesquisa o exigiram [...]” (p. 13).

## CAPÍTULO II – Ficção Científica: definições, temas e história.

No Brasil, a primeira tentativa de definição da ficção científica foi dada pelo escritor Afonso Schmidt: “*as profecias têm uma utilidade: servem, no futuro, para estudar as aspirações populares da época em que foram escritas*”<sup>16</sup>; que é interessantíssima, pois está em conformidade com nossa atual compreensão do papel exercido pela ficção científica, que é antes uma tentativa de externar os anseios e aspirações de uma comunidade para com seu próprio futuro, do que uma tentativa de adivinhação ou futurologia. Essa leitura é o que nos permite, então, fazendo uma curva de 180 graus através dos futuros imaginados no começo do século vinte no Brasil, compreender as aspirações sociais e políticas almeçadas por uma geração.

### 2.1 Definindo o gênero ficção científica

O termo ficção científica foi usado pela primeira vez no editorial do nº 1 de *Science Wonder Stories*, em 1929. Essa era uma das publicações do editor Hugo Gernsback<sup>17</sup>, que cunhou o termo. Devemos salientar, entretanto, que o termo ficção científica foi criado para nominar algo que já existia *a priori*. Tanto que Gernsback publicava no início da revista textos de Edgar Allan Poe, Júlio Verne e H. G. Wells, autores cuja produção mais importante já havia sido publicada no século XIX (BAUDOU, 2008).

Mas, afinal, em que consiste a ficção científica e por que ela se diferencia de outras literaturas do imaginário? Jacques Baudou oferece uma tentativa de explicação:

Nas literaturas do imaginário, a ficção científica está próxima do fantástico e do maravilhoso. Diferencia-se, no entanto, das outras no que toca ao que Pierre Versins designa de ‘conjecturas romanescas racionais’. Assim, o fantástico e o maravilhoso não precisam de justificar a intrusão do sobrenatural, do irracional, do maravilhoso, do inverossímil no real, uma vez que, nos casos em que se tira partido da ambigüidade criada, essa mesma intrusão ou a possibilidade

---

<sup>16</sup> Essa definição, daquilo que classificaríamos como literatura de ficção científica – ainda que seu autor Afonso Schmidt na apresentação de seu romance Zanzalá (Clube do Livro, 1949, p. 13) use o termo profecia, talvez por desconhecer a literatura de ficção científica, e, portanto, não ter outra chave de compreensão e entendimento daquilo que produzia – será útil, no decorrer deste texto, pois é elucidativa sobre as interações entre eugenia e ficção científica.

<sup>17</sup> No capítulo IV deste trabalho, voltaremos a falar das contribuições de Gernsback à ficção científica.

dessa intrusão é que os define, enquanto na ficção científica, esta, antes de se expandir nas suas extrapolações, deve ser sustentada numa base racional, científica ou então deve ter uma relação de similitude científica (2008, p. 14).

Nesse caso, quando nos deparamos com um texto cujo personagem se transforma em um lobisomem em noites de lua cheia, não é necessário justificar essa transformação com alguma teoria entre a influência da lua nas marés e seu correlato de lobisomens. Não cobramos nesse tipo de história uma explicação racional, ou pseudorracional. Contentamo-nos com a lógica interna do texto, ou a falta dela, bem como com relatos de lendas e mitos, pois estamos diante de uma forma de pensar diferente da racionalidade científica ocidental. Para ilustrarmos essa diferença, recorreremos ao mito do vampiro.

O vampiro é um personagem folclórico europeu, tendo assumido diversas formas em diferentes tradições culturais: o evocador, o batedor, o visitante, o faminto, o nonicida, o *appesart*, o pesadelo, o estrangulador, o mastigador e os fantasmas de forma animal (LECOUTEX, 2005).

Os vampiros que conhecemos hoje são frutos mais de personagens literários que folclóricos, e são derivados dos textos de John William Polidori, J. Sheridan Le Fanu e Bram Stoker. Todos, escrevendo na mesma época em que Júlio Verne, Edgar Allan Poe e H. G. Wells, davam forma à ficção científica.

Claude Lecoutex (2005) nos diz que sempre se tentou explicar “*por que os vampiros não se decompõe, por que eles voltam, eles que transgridem todas as regras da natureza e põem em cheque as noções de vida e morte*” (p. 34). Era também necessário explicar “*a força sobrenatural dos vampiros, sua faculdade de atravessar paredes, seu gosto pelo sangue*” (p. 35).

Essas explicações viriam não da ciência, mas do místico, da magia e do paranormal: mortos vivos, criaturas satânicas, seres que se sobrepõem ao natural, à morte, portanto estão no domínio do sobrenatural. O mito do vampiro está ligado diretamente ao oculto, ao sobrenatural, à magia e religião. É aquele homem, segundo Louis Vax, que “*prolongou a sua vida para além dos limites normais... ora o homem tem a vaga impressão de que só pode prolongar indefinidamente a sua própria vida roubando parte da vida dos outros*” (1972, p. 35).

No decorrer do século XX e XXI, o mito do vampiro se encontrou com a ficção científica, surgindo aqueles que criaram ficções científicas baseadas nesse mito. O vampiro podia ser um alienígena, portanto outra espécie, algo natural de outro mundo; podia ser resultado de um vírus; espécie humanóide diferente; ou até o resultado de uma viagem no tempo.

Para ilustrar, comentaremos o livro *Treze Milênios v. 1: Gênese Vermelha* de Osiris Reis (CORIFEU, 2006). Osiris justifica a criação e a saga histórica de seus vampiros utilizando o recurso da viagem no tempo. Eurass Brown, “um cientista genial” com poderes de alterar quarks e léptons a serviço da Democracia Intergaláctica (organização política, utópica, supranacional e pan-galáctica do ano 7523), é quem cria a tecnologia da viagem no tempo.

No decorrer da experiência realizada por Brown, além dos participantes involuntários voltarem no tempo, na era pré-escrita (pré-história), mudanças genéticas vão paulatinamente transformando esses “civilizados e éticos” cidadãos da Democracia Intergaláctica em vampiros.

Adolf Schindler, médico e telepata, é o único dos sete tripulantes a resistir aos instintos hemofágicos que acometem seus companheiros de viagem. Eurass Brown, por sua vez, não tem nenhum pudor em romper todas as amarras éticas e morais que os seres humanos constituíram ao longo de sua história, escrita ou não.

A narrativa se concentra no duelo entre Schindler e Brown, ambos agora na Terra do ano 5.477 a.C. O primeiro tenta a todo custo salvar a continuidade temporal que dará origem a sua utópica Democracia Intergaláctica, enquanto o segundo quer criar um império sob seu governo ainda nessa era pré-escrita, no qual os vampiros se tornarão a casta dominante, à semelhança do romance *Anno Dracula* de Kim Newman.

Os demais vampiros originais (aqueles vindos do futuro) ou os transformados se alinham a um dos dois lados, conforme suas necessidades momentâneas. Dessa forma, o autor pretende narrar a história da humanidade através da ação dos vampiros entre o ano 5.477 a.C. e 7.523 d.C, unindo romance histórico, vampiros e ficção científica.

Podemos observar, após a leitura desse romance, que a diferença entre a ficção científica e a fantasia (ou terror) está justamente na tentativa de explicação. A “ciência” por trás da viagem no tempo ou da transformação dos

seres humanos do futuro em vampiros, via genética, pode não convencer ou parecer, para alguns, mais ficção que ciência. Mas ela está lá, e com ela, uma tentativa de explicar o mundo de forma racional.

A ficção científica é um gênero literário plural por excelência, abarca diferentes arquétipos e subdivisões temáticas ou mesmo periódicas (FIKER, 1985). Entre os arquétipos mais conhecidos e reconhecidos pelos leitores de ficção científica podemos destacar: viagens em naves interplanetárias e interestelares; exploração e colonização de outros mundos; guerras e armamentos fantásticos; impérios galácticos; antecipação, futuros e passados alternativos; utopias e distopias; cataclismos e apocalipses; mundos perdidos e mundos paralelos; viagens no tempo; tecnologia e artefatos; cidades e culturas; robôs e andróides; computadores, mutantes e poderes extrassensoriais<sup>18</sup>.

Além desses arquétipos, também oferece diversas divisões temáticas, tais como:

1. *Ficção científica teológica*: em que a religião é tema central da discussão em um ambiente alienígena, como a Trilogia Espacial: *Além do Planeta Silencioso* (1938), *Perelandra* (1943) e *Aquela Força Medonha* (1945), de autoria de C. S. Lewis, o famoso teólogo protestante, e autor das *Crônicas de Nárnia* e a saga *Duna* (1965), de Frank Herbert.

2. *Space Opera*: a série de livros Perry Rhodan, com quase 700 números editados no Brasil pela antiga Tecnoprint e atualmente pela SSPG, é um bom exemplo. São novelas espaciais em que a humanidade geralmente enfrenta perigosos alienígenas. A saga televisiva *Star Trekker* (Jornada nas Estrelas), é outro exemplo de *Space Opera*.

3. *Guerra Futura*: esse gênero literário é muitas vezes um meio termo entre o tratado militar e a ficção propriamente dita. Uma das obras mais conhecidas no Brasil nesse aspecto intitula-se “*A Terceira Guerra Mundial: Agosto de 1985*”. Escrita pelo General Sir John Hackett, essa obra se apresenta mais como um tratado militar do que como ficção.

Há diversas outras subdivisões temáticas, de ficção pré-histórica a histórias alternativas, mundos paralelos, mutantes, tecnologia a vapor superdesenvolvida (steampunk), entre outras. O pesquisador Jacques Baudou

---

<sup>18</sup> Para maiores detalhes ver: FIKER, Raul. **Ficção Científica: Ficção, Ciência ou uma Épica da Época**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

(2008), oferece na terceira parte de seu ensaio “*A Ficção Científica*”, uma detalhada subdivisão temática da ficção científica, bem como Raul Fiker, em seu “*Ficção Científica: Ficção, Ciência ou uma Épica da Época?*” de 1985.

Mas, agora, falemos um pouco dos macroperíodos da ficção científica (dos quais podemos destacar quatro), de algumas de suas características, além de seus autores mais representativos:

1º *Era Clássica*: Júlio Verne e H. G. Wells – valorização do saber técnico e científico. O cientista é o protagonista.

2º *Era de Ouro*: Isaac Asimov, Ray Bradbury e Arthur C. Clarke – aposta na ciência para o melhoramento ético e material da civilização humana, e forte influência das ciências *HARD*.

3º *New Wave*: J.B. Ballard, Harlan Ellison e Robert Silverberg – maior influência das ciências humanas e preocupações de ordem política.

4º *Era Cyberpunk*: William Gibson, Bruce Sterling e Vernor Vinge – cenários de alta tecnologia, caos urbano, transhumanismo e valorização dos movimentos de contracultura.

5º *Era Steampunk*: neste caso elementos típicos do século XIX, como a tecnologia a vapor, acabam por ter um desenvolvimento para além daquele que realmente tiveram. Podemos citar como exemplo a antologia *STEAMPUNK: histórias de um passado extraordinário* (Tarja Editorial, 2009).

No geral, todos esses arquétipos, divisões temáticas e periodizações são bastante nebulosos: podemos encontrar autores de *Space Opera* escrevendo excelentes novelas na era *cyberpunk*, novelas em que ciência hard e reflexão teológica estão juntas, etc. Assim, qualquer dessas divisões, grosso modo, ajudam-nos a entender esse gênero literário, mas é necessário uma certa relativização conceitual e metodológica para compreendermos os mundos da ficção científica, por vezes bastante fluidos.

Outra distinção que, para efeito deste trabalho, devemos nos ater é entre ficção científica *HARD* e *SOFT*. Nessa proposta de divisão da ficção científica, leva-se em consideração o arcabouço cultural ao qual o autor recorre para sustentar sua narrativa.

Se o autor recorrer principalmente ao campo da cultura humana que busca estudar e compreender a natureza, ele estará escrevendo ficção

científica *HARD* (pesada), pois recorrerá às ciências naturais e matemáticas (Química, Astronomia, Biologia, Física, etc.).

Tentando descrever ou definir a ficção científica hard, Gregory Benford afirma que, antes de tudo, ela apóia “uma compreensão da Ciência, seus métodos e sua visão de mundo”, enquanto retrata “eventos fantásticos com uma realidade convincente... Benford enumera elementos adicionais que caracterizam a ficção científica hard, que incluem um tom analítico não-emocional, um cara esperto ou experimentado em sua área, como protagonista ou narrador, e um senso de misticismo cósmico (GINWAY, 2005, p.148)

Mas, se o autor recorrer ao campo da cultura humana que busca entender a complexidade do próprio ser humano e as relações deles com aqueles de sua própria espécie e/ou consigo mesmo; esse autor estará fazendo ficção científica *SOFT*, recorrendo, de tal modo, ao campo das ciências humanas.

A Ficção Científica Soft seria aquela que se baseia nas ciências conhecidas como humanas: sociologia, psicologia, antropologia, ciência política, historiografia, teologia, linguística, assim como qualquer tecnologia relacionada a elas. E as Histórias Extrapolativas e Especulativas seriam definidas da mesma forma que para a FC Hard, com a diferença de que trata-se de ciências humanas (SHOEREDER, 1986, P. 09-10).

Neste trabalho, poderemos verificar que os escritores de ficção científica brasileira da primeira metade do século XX reportavam-se à eugenia (considerada então uma ciência *Hard*) para extrapolar mundos futuros diferentes socialmente. Isso ocorre, pois esses escritores tinham interesse na eugenia por seu possível caráter transformador da realidade social, não tendo eles interesse em discutir a epistemologia dessa ciência. Portanto, faziam ficção científica mais *soft* que *Hard*.

## **2.2 Nasce a ficção científica: o moderno Prometeu.**

Mary Shelley (1797-1851), em *Frankenstein ou o moderno Prometeu*<sup>19</sup>, é considerada a primeira autora de ficção científica (ASIMOV, 1984). No livro, o jovem Dr. Frankenstein consegue alcançar aquela que considera a maior das conquistas científicas: criar a vida, ou melhor, dar vida novamente a um corpo

---

<sup>19</sup> Ver: SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou o moderno Prometeu**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

inerte. Nesse caso, uma junção de partes de diversos corpos humanos. O ser resultante é tão vil que provoca terror e repulsa:

Quem poderia descrever o quadro de minhas emoções diante de tal catástrofe? Que pintor prodigioso poderia esboçar o retrato do ser que a duras penas e com tantos cuidados eu me esforçara por produzir? Seus membros, malgrado as dimensões incomuns, eram proporcionados e eu me esmerava em dotá-lo de belas feições. Belas?! Oh, surpresa aterradora! Oh, castigo divino! Sua pele amarela mal encobria os músculos e artérias da superfície inferior. Os cabelos eram de um branco imaculado. E, em contraste com esses detalhes, completavam a expressão horrenda dois olhos aquosos, parecendo diluídos nas grandes órbitas em que se engastavam, a pele apergaminhada e os lábios retos de um roxo-enegrecido... Eis que, terminada minha escultura viva, esvaía-se a beleza que eu sonhara, e eu tinha diante dos olhos um ser que me enchia de terror e repulsa (SHELLEY, 2002, p. 59).

O monstro literário de Mary Shelley vai diferir radicalmente do vampiro e de outros monstros devido a sua origem, que não é mágica e nem sobrenatural, mas, pela primeira vez, científica. Essa mudança de paradigma está explicitamente presente na própria história:

Meu pai não era cientista; sem luzes, portanto, para livrar-me da luta em que me debatia cegamente, tendo por aliada apenas a sede desenfreada de conhecimento. Sob a direção de meus novos mestres, atirei-me, nada mais nada menos, à descoberta da pedra filosofal e do elixir da longa vida. Entre os dois, prevaleceu esse último objetivo. A riqueza era uma finalidade secundária, mas quanta glória haveria de coroar a descoberta que permitisse banir a doença do organismo humano, tornando o homem invulnerável a todas as mortes, salvo a provocada por violência! (SHELLEY, 2002, pp. 43-44).

A fim de alcançar seus objetivos, Frankenstein começa seus trabalhos através da “*evocação de espíritos ou demônios*”, de forma persistente. Não se importando que suas “*bruxarias sempre fracassassem*”, ele vivia “*misturando mil teorias contraditórias*”, sem resultados. Certo dia conhece um naturalista, um homem de grande saber, um cientista, e percebe que os senhores de sua imaginação, Cornélio Agripa, Alberto Magno e Paracelso<sup>20</sup>, não poderiam em nada contribuir para ele.

---

<sup>20</sup> Para as referências nesse parágrafo, ver: SHELLEY, 2002, p. 44.

A autora marca aqui o abandono da magia e do sobrenatural, Frankenstein passará então à descoberta da eletricidade e do galvanismo<sup>21</sup>, e a estudar “*matemática e os ramos de estudo a ela pertinentes, por estar apoiada sobre sólidos alicerces, sendo assim digna de toda a consideração*” (SHELLEY, 2002, p. 45). Esse é o momento em que surge a ficção científica, pois a explicação pretende ser toda racional, dentro do escopo dos saberes científicos socialmente aceitos na época da sua produção.

Edgar Allan Poe (1809-1849), no conto *Os fatos do caso monsieur Valdemar*, recorre à ciência do mesmerismo<sup>22</sup> para dar continuidade à vida de um homem que está para morrer. No momento da morte de monsieur Valdemar, seu médico consegue, através do mesmerismo, prolongar sua vida, mesmo que quase vegetativa, na qual ele mal consegue proferir algumas palavras, com as quais deixa claro ter ciência de estar morto. Mas o processo não se alonga por mais de uma semana, e, quando a força magnética (mesmerismo) se esvai, o corpo literalmente se dissolve.

Em ambos os textos, de Poe e Shelley, recorre-se a extrapolação da ciência da época a fim de dar vida aos mortos. Nada de magia, apenas ciência.

---

<sup>21</sup> Entre os séculos XVIII e XIX, iniciaram-se as primeiras experimentações com eletricidade. Luigi Galvani, médico italiano, iniciou seus experimentos elétricos em rãs mortas. Ao tratar as pequenas rãs com eletricidade, Galvani conseguia alguns espasmos musculares que ele acreditava serem os primeiros passos para reanimar esses animais. Assim foi criado o termo galvanismo, e logo centenas de clínicas de tratamento elétrico foram abertas em toda a Europa. As clínicas eram procuradas, por exemplo, por quem queria tratar de impotência sexual.

Giovanni Aldini, sobrinho de Galvani, em 1803, fez experimentos com o corpo de um condenado enforcado. Com um par de varas eletrificadas, ele fazia com que parte do corpo morto se contraísse, o que levava muitos a acreditarem que o corpo iria ressuscitar.

Andrew Ure, químico, industrialista, filósofo e médico escocês, por sua vez, fez experiências em um corpo através de pequenas incisões nas quais introduzia sondas elétricas. Nessas experiências, Ure conseguiu que até os olhos do cadáver se mexessem, além de contorcer o rosto e erguer o braço, fazendo o cientista acreditar que, se o corpo não estivesse tão danificado, ele seria capaz de ressuscitá-lo.

Por fim, Konrad Dippel, pensador livre, alquimista e médico, chegou a alegar ter trazido corpos à vida, mas foi perseguido por religiosos, que diziam ser ele o próprio demônio encarnado, e por cientistas materialista, que o acusavam de ser alquimista. Ver: SMANIOTTO, 2010.

<sup>22</sup> A ciência do magnetismo foi fundada por Anton Mesmer (1734-1815), um médico cujas primeiras pesquisas versavam sobre os efeitos da gravitação na saúde. Mesmer dizia ser capaz de captar uma energia sutil (o magnetismo) e, através dela, restituir a saúde ao homem. Já em 1772, usava ímã em suas curas energéticas, mas, logo passou a usar apenas as mãos ou água magnetizada. Com ele se cunhou o termo magnetismo animal. Atualmente suas teorias são contestadas e tidas como pseudociência. Ver: SMANIOTTO, 2010.

No Brasil, o escritor Machado de Assis também faria uso da ciência no conto *O Imortal* (1882)<sup>23</sup>, no qual o filho do imortal revela aos dois cidadãos mais “ilustres de sua vila”, o coronel e o tabelião, as aventuras e angústias de seu pai. É um texto com viés existencialista, a imortalidade, vista muitas vezes como uma bênção, é mostrada pelas amarguras que ela pode trazer ao ser humano.

Machado de Assis trata de um dos temas recorrentes na ficção científica, a imortalidade, presente em obras como *Os filhos de Matusalém*, de Robert Anson Heinlein; em séries populares como *Perry Rhodan*; e em escritores brasileiros, como por exemplo, na noveleta *Quando os humanos foram embora*, de Gerson Lodi-Ribeiro.

No mesmo conto, Machado de Assis busca dar uma explicação científica para a imortalidade de seu personagem, a qual seria ocasionada por um composto de ervas, ainda que desconhecido, já que o xamã que a revelou ao imortal morre logo depois. No entanto, o imortal cogita levar o composto para uma análise em laboratório da Europa. Há, além disso, diversas referências no conto à “ciência” da homeopatia como princípio explicativo para o composto de ervas.

A homeopatia foi criada por *Christian Friedrich Samuel Hahnemann*, tradutor, médico e estudioso de filosofia por volta de 1790, e até hoje a eficácia dela é debatida por médicos homeopatas e céticos. Machado faz uso de um tema comum à ficção científica: a imortalidade. Ele ensaia uma explicação científica para a causa da imortalidade e faz especulações sobre uma “ciência”, a homeopatia, caminhando, portanto, para explicações científicas.

Somando-se a Machado de Assis, na segunda metade do século XIX, um grande número de escritores começou a produzir seus contos inspirados pelo legado e pela forma estipulada por Mary Shelley (1797-1851) em

---

<sup>23</sup> Pode parecer estranho, à primeira vista, colocar Machado de Assis como autor de ficção científica, mas, em seus 205 contos, Machado de Assis escreveu sobre quase tudo, tanto é que seus contos podem ser encontrados em diferentes antologias. Flávio Moreira da Costa incluiu o conto *A Cartomante* em uma antologia de *Contos de Crime* (Agir Editora), e o conto *A Causa Secreta* na antologia *Os Melhores Contos de Medo, Horror e Morte* (Editora Nova Fronteira). Contos como *Conto de Escola* e *O Apólogo* são incluídos em antologias para crianças. Enquanto na série *Para Gostar de Ler* da Editora Ática diversos contos de Machado de Assis são incluídos em antologias variadas: *Histórias Divertidas*, *Histórias de Amor*, *Histórias sobre Ética*, etc. Uma grande variedade de temas e gêneros.

*Frankenstein ou o Moderno Prometeu*, criando o gênero ficção científica. Entre esses romancistas, encontramos: E. T. A. Hoffmann (1776-1822), Edgar Allan Poe (1809-1849), Nathaniel Hawthorne (1804-1864), Edward Page Mitchell (1852-1927), Robert Ducan Milne (1844-1899), Frank R. Stockton (1834-1902)<sup>24</sup> e Ambrose Bierce (1842-1914)<sup>25</sup>.

Mas foram Júlio Verne, H. G. Wells e Arthur Conan Doyle que se dedicaram quase exclusivamente e criaram os principais temas subsequentes à ficção científica, até então designada por romance de vulgarização científica. Seriam esses autores referências aos trabalhos posteriores dos escritores brasileiros de ficção científica da primeira metade do século XX, e, portanto, dedicar-nos-emos um pouco mais à análise de suas obras.

### 2.3 Júlio Verne: nasce a ficção científica *hard*.

Júlio Verne inicia sua carreira com a publicação de *Cinco Semanas num Balão*, em uma coleção patrocinada pelo editor Pierre-Jules Hetzel, que pretendia “*publicar uma coleção de livros para a juventude, em que ciências e geografia fossem ensinadas pela ficção, de forma agradável e didática*” (CORRÊA, 2005, p. 98). Em *Cinco Semanas num Balão*<sup>26</sup>, Verne coloca seus heróis – um inglês, o doutor Samuel Fergusson, seu amigo escocês Dick Kennefy e o empregado Joe – numa aventura de exploração na África, de Zanzibar até o Níger, em um balão.

Já em *Viagem ao Redor da Lua*<sup>27</sup>, Verne conta a história de três homens, Nicholl e Barbicane (americanos) e Michel Ardan (francês), que se lançam em direção à Lua num “vagão-projétil” de alumínio, impelido por um gigantesco canhão enterrado no solo, o Columbiad. Tudo parte de uma operação empreendida pelos membros do “Clube do Canhão” de Baltimore, que após a guerra civil americana não tinham mais onde empregar seus novos

---

<sup>24</sup> Para conhecer a obra desses autores, recomendamos a coletânea de contos organizada por Isaac Asimov: ASIMOV, Isaac. **Lo mejor de la ciencia ficción del siglo XIX**. Trad. Domingo Santos e Francisco Blanco. Barcelona/Espanha: Ediciones Martinez Roca S. A., 1983.

<sup>25</sup> Para este último autor, recomendamos a coletânea organizada por Isaac Asimov: ASIMOV, Isaac. **Histórias de Robôs (Vol. 1)**. Trad. Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2005.

<sup>26</sup> Usamos para referência a seguinte edição: VERNE, Júlio. **Cinco Semanas num Balão**. Trad. Otávio de Vasconcelos. São Paulo: M. P., 1965.

<sup>27</sup> Usamos para referência a seguinte edição: VERNE, Júlio: **Viagem ao Redor da Lua**. Trad. Vieira Neto. São Paulo: Hemus, 1971.

projetos de engenharia balística. Devido a problemas técnicos, a nave acaba apenas contornando a Lua, mas consegue-se avistar nela água e uma atmosfera. No romance, Verne descreve desde os preparativos da viagem, inclusive a construção do canhão que atiraria o projétil em direção a Lua, até o aparelho que produz oxigênio e retira gás carbônico do ar usado no foguete.

Nos dois romances, Verne procura passar ao seu leitor não especulações a respeito de possíveis tecnologias futuras, como vemos na literatura de ficção científica do século XX, mas sim apresentar os conhecimentos científicos de sua época. O crítico literário Roberto de Sousa Causo reconhece esse objetivo:

Embora tenha tratado do passado histórico e pré-histórico, e escrito umas poucas narrativas ambientadas no futuro, Verne referia-se ao agora, ao conhecimento fixado pelo homem do século 19. Não importava que falasse de dinossauros ou da Atlântida submersa, sua ficção exsudava uma forte sensação do contemporâneo, integrando-se ao contexto das publicações populares em que seus romances apareciam. Os interesses cotidianos das pessoas do século 19 - viagens, descobertas e feitos científico-aventurescos - eram expandidos e tornados maravilhosos pelas suas viagens extraordinárias; a ciência e a tecnologia vinham impregnar a experiência do homem de então<sup>28</sup>.

#### **2.4 H. G. Wells: política e sociedade na ficção científica.**

Herbert George Wells teve grande importância no desenvolvimento da literatura de ficção científica, sendo, possivelmente, o autor mais conhecido do gênero após Julio Verne. Mas, ao contrário de Verne, que sempre se dedicou principalmente à escrita, Wells também foi um pensador social.

Como autor de ficção científica, Wells escreveu sobre vários temas que seriam mais tarde centrais nesse gênero literário: a viagem no tempo<sup>29</sup>, a

---

<sup>28</sup> CAUSO, Roberto de Sousa. **VIAGEM EXTRAORDINÁRIA – Ficção científica hard de Verne criou plataforma para a afirmação de autores como Michael Crichton e Willian Gibson, e gêneros como o steampunk e cyberpunk.** Revista CULT . São Paulo: Editora Bregantini, Março de 2005. Ano VII, nº 90. p. 59.

<sup>29</sup> **A Máquina do Tempo.** [S.T.] Portugal / Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992. (Coleção FC-Bolso nº 191). Versão cinematográfica: A Máquina do Tempo (EUA, 2002), Direção de Simon Wells.

invasão alienígena<sup>30</sup>, a manipulação biológica<sup>31</sup>, a guerra total<sup>32</sup> e a invisibilidade<sup>33</sup>.

Para a escritora socialista Beatrice Webb, Wells foi mais que um escritor, tendo sido um filósofo político<sup>34</sup>. Os Webb consideravam a literatura, como praticada por Wells, um meio indispensável de propagar as ideias socialistas<sup>35</sup>. H. G. Wells fez uma verdadeira cruzada por uma nova ordem social em mais de 44 romances e livros, além de ensaios e artigos de sociologia e história.

---

<sup>30</sup> **A Guerra dos Mundos.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2000. A Guerra dos Mundos (EUA, 1954), Direção de Byron Haskin.

<sup>31</sup> **A Ilha do Dr. Moreau.** [S.T.] Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1983. (Coleção Mestres do Horror e da Fantasia). Versão cinematográfica: A Ilha do Doutor Moreau (EUA, 1996), Direção de John Frankenheimer.

<sup>32</sup> **O Alimento dos Deuses.** [S.T.] São Paulo: Editora La Selva, 1964. (Coleção Espacial nº 5). Versão cinematográfica: A fúria das feras atômicas (EUA, 1976), Direção de Bert Gordon. Um novo título foi dado na versão cinematográfica.

<sup>33</sup> **O Homem Invisível.** [S.T.] Portugal / Mem Martins: Publicações Europa-América, 1992. (Coleção FC-Bolso nº 190). Versão cinematográfica: Homem Invisível (EUA, 1933), Direção de James Whale.

<sup>34</sup> Segundo Beatrice Webb, esposa de Sydney Webb, dois dos mais prolíferos escritores da história do socialismo, H. G. Wells fazia parte de um grupo de escritores ingleses que ela denominava *edwardians*, juntamente com Arnold Bennett e John Galsworthy. Eram aqueles que podiam ser considerados representantes do romance sociológico. “*Gostamos muito dele [H. G. Wells], - é completamente autêntico e todo inventividade, um especulador, uma espécie de jogador, mas completamente consciente de que suas hipóteses não estão comprovadas. Num certo sentido é um romancista estragado pela escrita de romances, mas que no estado atual da sociologia é útil tanto para Grdgrinds como para nós, porque nos fornece generalizações livres que podemos utilizar como instrumentos de pesquisa. E somos-lhe úteis também, porque lhe oferecemos uma enorme quantidade de fatos cuidadosamente peneirados e uma ampla experiência com a administração pública.*” (WEBB apud LEPENIES, 1996. Pág. 149).

<sup>35</sup> Beatrice Webb e Sydney Webb, em uma de suas primeiras e mais conhecidas obras, intitulada *Industrial Democracy*, rejeitam a ideia de que os trabalhadores pudessem gerir democraticamente suas próprias indústrias sob o socialismo. Afirmavam que os trabalhadores não tinham nem a intenção nem a capacidade de administrar empresas. Segundo eles, na futura democracia industrial socialista, as indústrias seriam controladas por administradores profissionais que, por sua vez, seriam responsáveis perante a população, uma vez que prestariam contas a um parlamento democraticamente eleito, aos governos locais e às cooperativas de consumidores. Rejeitaram também a ideia de que o socialismo implicaria a transferência da propriedade de toda a indústria para o governo nacional. A propriedade deveria ser exercida tanto pelo governo nacional quanto pelas inúmeras pequenas unidades administrativas locais ou regionais. O alcance das atividades de cada empresa e a parcela da população atingida por essas atividades determinariam, segundo eles, o tipo de propriedade em que se enquadraria a empresa. Na obra intitulada *A Constitution for the Socialist Commonwealth of Great Britain*, propuseram a criação de dois parlamentos distintos, ambos eleitos democraticamente. O primeiro se ocuparia das questões políticas, e o segundo cuidaria dos assuntos econômicos e sociais. Sugeriam também a adoção de um sistema de governos locais, baseados em unidades locais com limites geográficos definidos. Os governos locais se combinariam de várias maneiras para formar unidades administrativas encarregadas de supervisionar e controlar. Ver: LEPENIES, Walf. **O Romance Jamais Escrito: Beatrice Webb.** In: As Três Culturas. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. P. 115-145.)

A militância político-social de Wells fez com que ele se aproximasse da Sociedade Fabiana e, mais tarde, torna-se membro dela. Wells via nessa sociedade um meio de lutar contra o socialismo predominantemente acadêmico que imperava então na Inglaterra. Ele defendia um socialismo militante: “*Devemos nos associar a alguma organização – falava eu – Devemos realizar coisas... Devemos sair pelas ruas. As pessoas estão desinformadas*” (WELLS, 1990, p. 109).

Mas, não era objetivo dos fabianos constituir um partido de massa. Contentavam-se em ser um grupo pequeno e seletivo, empenhado em educar e preparar a classe média para o socialismo. Uma visão mais perto do socialismo acadêmico que Wells criticava do que com o movimento social de massas que ele esperava ver realizado em terras inglesas.

Não tendo encontrado entre os fabianos a recepção esperada para suas ideias, já que os fabianos publicavam grande quantidade de tratados e panfletos denunciando a pobreza e as injustiças que imperavam nos primeiros anos do século XX na Inglaterra, sem, no entanto se empenhar na luta social diretamente, Wells abandonou a Sociedade Fabiana em 1908, passando a fazer severas críticas a essa sociedade.

Vejamos as observações de George Ponderove (personagem de um romance de Wells), um socialista disposto a fazer uma carreira de ação política dentro dessa sociedade:

Depois de muitos sacrifícios, nós descobrimos o escritório da Sociedade Fabiana, escondido num porão de Clement's Inn. Entramos e interrogamos um secretário de ar desencorajador que se encontrava em frente ao fogo e que nos questionou com severidade acerca de nossas intenções...

— Quantos membros há na Sociedade Fabiana? ...

— Cerca de 700...

— Como estes aqui? ...

— Estes socialistas não têm sentido de proporção – disse ele.

— O que você pode esperar deles?

(WELLS, 1990, p. 110-111)

Vemos, no trecho acima, a preocupação de Wells em tornar a Sociedade Fabiana em um movimento de massa, ao invés do grupo de discussão política, de caráter acadêmico, que Wells identificava nos Fabianos. Não conseguindo ver suas propostas serem aceitas pela Sociedade Fabiana, Wells passou a

dedicar-se exclusivamente à escrita (tanto de ficção científica, quanto de artigos com temas sociais e históricos), defendendo uma educação científica entre os socialistas – que eram até então poetas, intelectuais aventureiros, professores e funcionários públicos.

Wells participou ativamente dos fóruns da Sociological Society, da qual foi membro fundador em 1903, defendendo suas ideias de reforma social. Em um desses fóruns, em 26 de fevereiro de 1906, ele apresentou uma palestra com o título “The So-Called Science of Sociology”. Nessa conferência, Wells criticava as pretensões da sociologia de ser uma ciência.

Escritor de ficção científica, Wells via no socialismo uma aproximação maior com as literaturas utópicas do que com o realismo científico. Os verdadeiros sociólogos não seriam, então, os acadêmicos que se dedicavam a escrever textos de análise social, mas os escritores que, como ele, projetavam em suas obras imaginárias novas utopias sociais. Seriam, assim, os verdadeiros sociólogos homens como: Platão, Morus, Bacon, Swift, Edgar Allan Poe e até aquele Comte que criara uma utopia ocidental altamente pessoal.

Wells tentava literarizar suas reflexões acerca da sociedade, tornando seus romances cada vez mais sociológicos e transformando-os em fonte de propagação de suas ideias socialistas, segundo sua própria concepção de romance: “...o moderno romance... é o único meio com que podemos discutir a grande maioria dos problemas... que o desenvolvimento social atual traz consigo” (WELLS apud LEPENIES, 1996, p. 155).

Mais tarde, Wells escreveu um livro, relatando a história mundial, *Resumo da História* (1920), traduzido em quase todas as línguas, vendeu 2 milhões de exemplares. Dez anos mais tarde, com a colaboração dos biólogos G. P. Wells (seu filho) e Dr. Julian Huxley, escreveu *A Ciência da Vida*, um vasto manual de biologia para todos os interessados. Escreveu ainda uma volumosa exposição da economia cotidiana, *Trabalho, Riqueza e Felicidade da Humanidade* (1932).

Em um de seus romances mais conhecidos, *A Guerra dos Mundos*, relata uma invasão marciana e suas consequências para a humanidade, apresentando várias ideias sociais e científicas. O livro é uma crítica ao

imperialismo britânico, mas o mito do invasor alienígena criado por ele tornou-se persistente na cultura ocidental, gerando, inclusive, pânico social<sup>36</sup>.

Wells começa seu relato comparando o homem, frente aos marcianos, como simples protozoários:

Ninguém teria acreditado, nos últimos anos do século XIX, que este mundo estava sendo observado com atenção e bem de perto por inteligências maiores que a do homem e, no entanto, tão mortais quanto a dele próprio; que os homens, enquanto se ocupavam com diferentes problemas, eram examinados e estudados, talvez tão minuciosamente quanto alguém com um microscópio pode examinar as efêmeras criaturas que pululam e se multiplicam numa gota d' água. Com infinita satisfação, os homens iam e vinham por este globo cuidando de seus pequenos afazeres, serenos na certeza de seu império sobre a matéria. É possível que os protozoários sob o microscópio ajam do mesmo modo. (WELLS, 2000, p. 11)

Em outra parte do livro, um soldado britânico diz que aquilo que estava havendo não era uma guerra, afinal não existem guerras entre humanos e formigas, no geral o ser humano só passa por cima delas, não lhes dando muita atenção. Vez ou outra são, no máximo, um incômodo passageiro do qual logo o homem se livra, exterminando o formigueiro.

No relato de Wells os marcianos são cinzentos com tons marrons, tem “*olhos negros bem grandes*” com grande intensidade, não possuem narinas

---

<sup>36</sup> Wells atingiu seu intento com tamanha destreza que a “Guerra dos Mundos” viria mais tarde a causar pânico e desespero nos Estados Unidos e no Brasil. No dia 30 de outubro de 1938, Orson Welles apresenta na CBS uma adaptação radiofônica da obra homônima de Wells. Mais de um milhão de americanos saem às ruas em pânico, aterrorizados com as supostas notícias que anunciavam uma invasão marciana e a destruição de Nova York. A íntegra da transmissão foi publicada no Brasil. Ver: HOWRAD, KOCB. *A Guerra dos Mundos*. In: **Antologia Cósmica – Primeiros contatos com seres extraterrestres**. Fausto Cunha (org.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1981. Para uma análise mais aprofundada desse caso, recomendo o livro do jornalista Homero Fonseca, que fez um estudo a respeito em *Viagem ao Planeta dos Boatos* (Rio de Janeiro, Record, 1996), ou o filme *Radio Days (A Era do Rádio)*, de 1987, no qual Woody Allen mostra diversos episódios interligados — entre eles a invasão marciana preconizada por Welles — pela presença constante do rádio, que age poderosamente sobre os membros de uma família judia no bairro do Queens nos anos 30 e 40. O mais estranho é que, em 22 de novembro de 1954, na cidade mineira de Caratinga, a transmissão radiofônica da mesma obra gerou tanto tumulto e foi encarada com tanta seriedade que a Aeronáutica chegou a enviar um grupo de oficiais em um C-47 20-53 para averiguar o acontecido, ao mesmo tempo em que manteve outras aeronaves prontas para o combate. O fato voltaria a se repetir em 30 de outubro de 1971 em São Luís (Maranhão), com outra novelização baseada Wells, chegando mesmo a mobilizar uma esquadrilha da Aeronáutica. Para maiores informações ver: VALIM, Alexandre Busko. **Os marcianos estão chegando**. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2005 (04): p. 64-69. Todos estes casos evidenciam a força da obra de Wells.

nem lábios, uma pele lustrosa, sem pelos e uma grande cabeça. Comunicam-se por telepatia. Em vez de mãos e braços, teriam tentáculos, oito de cada lado – fica fácil identificá-los como polvos. Esses seres extraterrestres construiriam máquinas bizarras semelhantes à forma de seu próprio corpo. As máquinas marcianas seriam gigantes mecânicos andando sobre três longas pernas. A parte superior, acima do tripé, teria a forma de disco. Esse “monstro mecânico” ainda possuiria longos tentáculos metálicos.

Talvez nada seja mais admirável para um homem do que o curioso fato de estar ausente aquela que é a forma dominante de quase todos os aparelhos mecânicos humanos – a *roda* está ausente. Em todas as coisas que eles trouxeram para a Terra não há vestígio nem sugestão de que usem rodas. Seria de esperar que surgissem pelo menos na locomoção. E, quanto a isso, é curioso notar que mesmo aqui na Terra a natureza nunca precisou da roda, ou preferiu outros expedientes para seu desenvolvimento. E os marcianos não somente desconhecem (o que é incrível) ou dispensam a roda: em seus aparatos também se faz um uso singularmente restrito do pivô fixo, com os movimentos circulares em torno dele delimitados a um único plano. (WELLS, 2000, p. 151)

Esse é um livro de crítica aos valores britânicos que, ao mesmo tempo em que valorizavam a ciência e a tecnologia, condescendiam com o genocídio de um povo considerado inferior. Atribui-se a inspiração para a história às notícias da extinção dos nativos da Tasmânia (Austrália)<sup>37</sup> pelos colonizadores ingleses que estabeleceram lá uma colônia penal. Em “A Guerra dos Mundos”, Wells faz com que os britânicos sejam o povo inferior, os nativos da Tasmânia, a serem massacrado por marcianos<sup>38</sup> (os próprios britânicos).

---

<sup>37</sup> Entre os anos de 1815 (após a queda de Napoleão) e praticamente até a Primeira Guerra Mundial, os grandes conflitos armados ocorreram distantes da Inglaterra. Eles eram travados nas colônias, ou na periferia da Europa (Guerra da Criméia, 1853), ou não envolviam diretamente a Inglaterra (Guerra Franco-Prussiana, 1870). Wells critica justamente essa posição distante dos Ingleses para com os povos que estavam conquistando, atitude semelhante a dos marcianos, que estavam travando uma guerra tão longe de seu próprio mundo, quanto os ingleses em suas colônias.

<sup>38</sup> Na época, o interesse pela existência de outros mundos já se encontrava bastante difundida, embora as pesquisas astronômicas estivessem voltadas para a mecânica celeste e astrometria. Mas em 1877, o astrônomo italiano Giovanni Schiaparelli publicou um artigo notificando a existência de *canali* na superfície marciana. Nos Estados Unidos, um erro de tradução do italiano para o inglês, disseminou a ideia de que havia um sistema de canais artificiais em Marte. Percival Lowell, defendia a ideia de que havia um sistema de canais com a finalidade de trazer água dos pólos para uma civilização marciana sedenta. Daí, para eles invadirem a Terra atrás de nossa água, era uma questão de tempo. Wells soube usar esse mito muito bem, afinal na época ele era tão difundida quanto as modernas observações de UFOs. Uma história mais detalhada pode ser verificada no livro: **A Conquista de Marte** de Willy Ley (Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1967)

Wells questiona, assim, a ideia bastante difundida de que o progresso do conhecimento científico traria consigo progresso também em relação aos valores morais. Não foi o que ocorreu.

Já em *A Máquina do Tempo*, os seres humanos evoluem para as raças “Elói e Morlock”, uma de cientistas que viraram monstros e outra de jovens que parecem viver uma utopia, mas não são nada além de alimento das aberrações. Já em “*A Guerra dos Mundos*”, Wells afirma que as duas raças de marcianos já foram uma só, provavelmente humanoide, deixando implícito que ela evoluiu artificial e voluntariamente rumo a uma raça de cérebro com tentáculos, mas sem sistema digestivo; e outra que permaneceu humanoide ao resistir a modificar a si própria, mas que acabou virando simples comida dos cérebros com tentáculos.

Temos uma evolução dirigida, da engenharia genética, de como os seres inteligentes tomam as rédeas da natureza e de sua biologia, transcendendo sua própria natureza através da ciência. Mas tudo o que fazem é se transformarem em aberrações. Ainda que Wells em outros momentos defenda explicitamente teses eugênicas, pode-se identificar aqui uma crítica ao pensamento eugenista, afinal a evolução artificial gerou monstros, e não humanos perfeitos.

Em “*Antecipações*”, publicado em 1901, Wells defendeu a ideia de um Estado Mundial liderado por uma elite de pessoas cultas e educadas. Essa elite visionária tomaria controle das armas de guerra, pacificaria e unificaria o mundo e criaria uma nova era de prosperidade indefinida, mas nunca uma revolução de proletários.

Na contramão de “*Antecipações*”, em *Tono Bungay*<sup>39</sup>, ele defende o governo da maioria proletária ao invés de um grupo elitista intelectual. Wells foi um intelectual múltiplo, escritor e ensaísta, ora defensor, ora crítico da ciência.

Suas ideias políticas variavam entre uma defesa da participação social das massas e uma veneração por uma elite intelectual de governantes esclarecidos, que trariam a paz social e o progresso científico. Democrata,

---

<sup>39</sup> Tono Bungay: Temos nesse livro elementos de ficção científica, tais como a experiência de George com sua máquina voadora e seu destróier, assim como especulações sobre a natureza radioativa do imaginário “quap”. A comédia social é centralizada no tio Edward Ponderevo, ao tentar junto com sua mulher adquirir a etiqueta da nobreza britânica. Já a “novela de ideias” aparece quando Wells comenta e mostra as mudanças sociais e as condições comerciais na Inglaterra.

manteve um diálogo particular com Joseph Stalin<sup>40</sup>, que durou quase três horas, e foi grande admirador dos progressos sociais soviéticos.

Wells, pode-se concluir, tentou fazer de sua ficção científica, mais do que literatura de entretenimento, uma sociologia de futuros possíveis. Certamente, ele se via mais como um cientista social do que como um escritor, e tentou tornar suas ideias, ainda que infrutiferamente, parte do programa social da Sociedade Fabiana. Mas, por fim, foi na literatura de ficção científica que encontrou espaço para sua militância política e social em favor de uma nova utopia social.

## 2.5 Arthur Conan Doyle: em busca de mundos perdidos.

O autor britânico Arthur Conan Doyle é conhecido principalmente por ter criado o personagem de literatura policial Sherlock Holmes, o qual teve cerca de sessenta histórias escritas por Doyle. Para além de Sherlock Holmes, Doyle criou outro famoso personagem: o professor Challenger. É com as aventuras literárias desse cientista que Conan Doyle dará sua contribuição ao gênero de ficção científica.

Esse interessante personagem é caracterizado no romance *O Mundo Perdido*<sup>41</sup>:

Challenger, George Edward. Nasc.: em Largs N.B., em 1863. Educ.: Largs Academy; Universidade de Edimburgo. Assistente no Museu Britânico, 1892. Assistente-Encarregado do Departamento de Antropologia Comparada, 1893. Demitiu-se nesse mesmo ano após acrimoniosa troca de correspondência. Ganhador da medalha Crayston para Pesquisas Zoológicas. Membro estrangeiro de... Sociedade Belga, Academia Americana das Ciências, La Plata, etc. Ex-presidente da Sociedade de Paleontologia. Secção H, British Assotiation... Publicações: 'Algumas observações sobre sobre uma coleção de crânios calmuco'; 'Grandes linhas da evolução dos vertebrados'; e numerosos artigos de revistas, entre os quais: 'O erro de base da teoria de Weissmann', que suscitou calorosas discussões no congresso zoológico de Viena. Distrações favoritas: a marcha a pé, o alpinismo. Morada: Enmore Park, Kensington, West (1982, p. 19).

Em “O Mundo Perdido”, o professor Challenger é o cientista de personalidade forte e inflexível, que persegue seus objetivos em busca de

---

<sup>40</sup> Diálogo recentemente publicado no Brasil. Ver: ALTMAN, Fabio (org.). **A Arte da Entrevista**. São Paulo: Boitempo Editora, 2004.

<sup>41</sup> Para efeito deste trabalho, usamos a seguinte edição: DOYLE, Arthur Conan. **O Mundo Perdido**. Trad. Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

novos conhecimentos, não importando como isso afeta sua vida pessoal. No romance, o professor Challenger, o aventureiro Lorde John Roxton, o jornalista Ed. Malone e o Prof. Summerlee (este último a serviço da Royal Society a fim de desmascarar Challenger como um possível charlatão) partem em busca de um platô, na Amazônia brasileira, onde possivelmente ainda habitariam feras pré-históricas.

Esse platô é inspirado no Monte Roraima, um lugar onde o Professor Challenger descobre feras pré-históricas e até uma raça de homens macacos. Todo o romance é permeado por críticas a uma visão restrita da academia, que na perspectiva do professor Challenger, ou Conan Doyle, seria preconceituosa e limitada, incapaz de lidar com novas descobertas que contrariem seus postulados, e, portanto, levando cientistas mais ousados ao ostracismo.

**Fig. 01:**



**Monte Roraima:** <http://www.novastrilhas.com.br/wp-content/uploads/2010/12/foto011.jpg>

É interessante constatar que Arthur Conan Doyle passou sua vida lutando em vão a fim de que os mesmos cientistas da Royal Society levassem em consideração suas pesquisas espiritualistas e provas da existência de vida

após a morte, sendo o professor Challenger uma resposta crítica ao que ele considerava uma limitação da ciência oficial em considerar fenômenos novos<sup>42</sup>.

Mas é em outro romance, “*A nuvem envenenada*”<sup>43</sup>, que Doyle, através das falas do professor Challenger, acaba por permear sua obra com elementos de orientação eugenista. Na trama que segue o romance, uma nuvem cósmica com radiação mortal aos seres humanos penetra no sistema solar, levando quase toda a humanidade à morte.

O professor Challenger consegue sobreviver com mais alguns companheiros que conheceu durante uma viagem à América do Sul em busca do Mundo Perdido. É através da ciência que ele se livra engenhosamente dos efeitos venélicos da nuvem, e passa a explorar uma Inglaterra deserta à procura de sobreviventes. No romance, conforme os efeitos da nuvem penetram na Terra, há diversas reflexões sobre como algumas raças, devido a sua inferioridade, morrem com mais facilidade, e outras, notadamente brancos europeus, resistem mais tempo aos efeitos da nuvem envenenada.

Segundo aquilo que até agora foi possível averiguar, a este primeiro estágio, que varia conforme as raças...as raças menos desenvolvidas foram as primeiras a sucumbir à influência do veneno. Chegaram notícias assustadoras da África, e parece que também os aborígenes da Austrália já foram exterminados. Até agora as raças setentrionais mostraram-se mais resistentes do que as meridionais (Doyle, 1996, pp. 26-27).

Como podemos verificar, os romances científicos de Conan Doyle não escapavam de certo pensamento de superioridade racial branca. Mas sua maior contribuição à ficção científica seria a figura do cientista solitário que leva a ciência muito à frente de seu tempo, mesmo que contra os postulados da academia. Esse cientista, por vezes, deve desbravar mundos perdidos, seja em lugares distantes como a Amazônia, ou na própria Inglaterra, ao travar conhecimento com o espiritualismo.

Neste segundo capítulo, esperamos ter conseguido dar ao leitor uma visão ampla do que é a ficção científica: sua história e temáticas. Os quatro autores comentados: Shelley, Verne, Wells e Doyle foram os principais autores,

---

<sup>42</sup> Ver: LACASSIN, Francis. **Conversar com os mortos ou por que Conan Doyle se tornou espiritualista**. Revista Planeta, novembro de 1976, nº 50. pp, 75-88.

<sup>43</sup> Para efeito deste trabalho usamos a seguinte edição: DOYLE, Arthur Conan. **A Nuvem Envenenada**. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Clássicos Econômicos Newton, 1996.

seja por seu pioneirismo ou pela significância histórica e influência literária até os anos quarenta do século XX. Os escritores brasileiros do período em que abarcamos neste trabalho, 1922 a 1949, citam por vezes, em seus próprios textos, esses quatro autores.

Em seu estudo *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil (1875-1950)*, o escritor Roberto de Sousa Causo (2003) justamente destaca Doyle, Verne, Shelly e Wells como as referências presentes nos textos de ficção científica brasileira até os anos 1950, pelo menos, visto que esses autores europeus eram traduzidos para o português ou lidos em francês. Já a ficção científica norte-americana só viria a ser melhor conhecida e traduzida após os anos cinquenta.

Assim, o poder reformador da ciência, como defende Verne, pode ser identificado nos romances a serem analisados neste trabalho<sup>44</sup>. Afinal, os eugenistas eram tão seguros no poder de transformação da ciência eugênica, como Verne no progresso humano via tecnologia.

O papel do cientista como protagonista dos destinos do homem comum, um sábio para além da compreensão do simples mortal, ou seja, o professor Challenger de Doyle, foi um mito presente em boa parte da ficção científica, o famoso “cientista louco”, capaz de tudo por suas ideias, mesmo que colocando outros em risco. Pode ser identificado com o professor Benson (*O Presidente Negro*), ou com Mariangela de Albuquerque (a presidente de *Sua Excia. a Presidente da República no ano 2500*), ou outros cientistas presentes na obra de Berilo Neves, como o Dr. Finemberg (do conto “*O Homem Synthetico*”). Este último conto trás influencia direta do *Frankenstein* de Mary Shelley.

Já H. G. Wells foi outra influencia duradoura na ficção científica brasileira. Monteiro Lobato escreveu o seu *O Presidente Negro* “sob certa influencia de Wells” (OTERO, 1987, p. 186). O mesmo Wells é citado por Afonso Schimidt em “*Zanzalá*” e por Jeronymo Monteiro em “*3 meses no Século 81*”, sendo assim um dos escritores de maior influência intelectual entre os escritores brasileiros de ficção científica naquele período.

---

<sup>44</sup> Ou seja: *O Presidente Negro ou O Choque das Raças* (Monteiro Lobato, 1922); *Sua Excia. a Presidente da República no ano 2500* (Aldazira Bittencourt, 1929); *A Costela de Adão, a Mulher e o Diabo*, e *Século XXI* (Berilo Neves, 1929/1931 e 1934 – respectivamente); *Zanzalá* (Afonso Schmidt, 1938); *3 Meses no Século 81* (Jerônimo Monteiro, 1949).

### **CAPÍTULO III – Darwinismo, racismo e eugenia.**

Se no capítulo anterior buscamos compreender o que se entende por ficção científica, neste capítulo buscaremos entender o que caracterizou o pensamento eugênico e suas diferenças em relação a outras formas de racismo. Para tanto, iremos expor brevemente a teoria darwiniana da evolução, seguida por um esboço de alguns tipos de racismos pré-eugênicos, para então mapearmos o surgimento e as principais ideias eugenistas.

A biologia antes de Darwin era um exercício de catalogação da vida, em que naturalistas buscavam e encontravam um organismo depois do outro para, então, ordená-los e classificá-los, enviando exemplares, posteriormente, para museus naturais e sociedades zoológicas. Faltava, entretanto, uma teoria que explicasse o grande número de dados obtidos. Havia, lógico, a explicação bíblica da origem da vida e diversas outras tentativas de entender seu processo, inclusive noções evolucionistas:

A ciência tinha sido exemplarmente internacional no desenvolvimento dessa doutrina: Kant havia falado na possibilidade de os macacos se tornarem homens; Goethe havia escrito sobre “a metamorfose das plantas”; Erasmo Darwin e Lamarck haviam proposto a teoria de que a espécie evoluíra de formas mais simples pela herança dos efeitos do uso e do desuso... (DURANT, 1996, p. 331).

Tanto em Lamarck como em Erasmus Darwin (avó de Charles Darwin e autor do livro *Zoonomia*), tivemos a elaboração de noções evolucionistas, mas elas ainda careciam de um maior arcabouço teórico e observacional, que seria dado por Darwin. “Não se tratava, aqui, de mera noção vaga de evolução, de espécies superiores evoluindo, de algum modo, de inferiores; mas uma detalhada e ricamente documentada teoria do modo e do processo real da evolução” (DURANT, 1996, p. 332).

Charles Robert Darwin nasceu em Shrewsbury em 12 de fevereiro de 1809, membro de uma tradicional família britânica, formada por médicos, profissão que seu pai desejava que ele seguisse. Entretanto, apesar das condições materiais favoráveis, Darwin nunca se encantou pela profissão pretendida por seu pai, passando longo tempo entre caçadas e colecionando besouros. No período em que estudava medicina, interessava-se mais pelas

aulas de Ciências Naturais que pela prática médica, cogitando abandonar a medicina pela teologia (DESMOND e MOORE, 2000).

Na Universidade, Darwin estabelece amizade com o professor Robert Edmond Grant, com o qual discute as ideias de Lamarck e a evolução das espécies (MESQUITA, 2011). Participou da *Plinian Society*, onde alunos trocavam experiências sobre suas pesquisas, e nela leu para os sócios seu primeiro artigo, um texto sobre as larvas da *Flustra foliácea*, que tinham a capacidade de se locomover através de cílios (MESQUITA, 2011). Darwin se mostrou um atento observador da vida natural, mas acabou por se bacharelar em teologia.

Em Cambridge, enquanto cursava teologia, conheceu o professor John Stevens Henslow, botânico, com o qual travou longa amizade. Mais tarde, Henslow seria convidado a ser naturalista chefe a bordo do navio *HMS Beagle*, ofício que recusou, por não querer abandonar suas atividades como professor, e recomendou, para seu lugar, Charles Darwin. Sobre a viagem no Beagle, Darwin escreveu:

A viagem no Beagle foi, sem dúvida, o acontecimento mais importante da minha vida e determinou toda a minha carreira. [...] Nessa viagem, tive a primeira formação ou educação verdadeira de minha mente. Fui levado a prestar uma atenção rigorosa a vários ramos da história natural e, com isso, aprimorei minha capacidade de observação, embora ela já estivesse bastante desenvolvida (DARWIN, 2000, p. 66).

Nos anos subsequentes a sua viagem no Beagle, em 1836, Darwin se tornou um renomado naturalista. Mas, além da pesquisa em lugares exóticos, Darwin procurava conversar com horticultores e criadores, já que há muito tempo eles procuravam cruzar os animais que gerariam características que desejavam (MESQUITA, 2011). Assim, Darwin teve contato com a seleção artificial, que mais tarde os eugenistas tentariam aplicar aos seres humanos. Até 1º de julho de 1858, ou seja, por cerca de duas décadas, Darwin trabalharia em sua teoria da evolução das espécies.

A grande questão que Darwin enfrentava era quanto às variações hereditárias e as condições do ambiente. Inicialmente, Darwin proporia que o ambiente influenciaria no desenvolvimento das variações; mais tarde, entretanto, concluiria que as variações ocorrem ao acaso e são,

posteriormente, selecionadas por meio da luta pela sobrevivência. Aquelas variações favoráveis permitem que um indivíduo sobreviva e, portanto, são passadas adiante, enquanto que as não favoráveis dificultam a vida do indivíduo e, desse modo, têm menos chances de serem passadas adiante. Pode-se constatar, então, que a variação ocorre por acaso e, somente depois, pode-se ser selecionada como melhor ou não para o indivíduo. Não há, nesse caso, uma orientação teleológica rumo a um progresso da espécie, mas o domínio do acaso.

Nas palavras de Darwin:

Como cada espécie tende, pela seqüência da progressão geométrica da sua reprodução, a aumentar em número descomunalmente, e os descendentes modificados de cada espécie tendem a multiplicar-se tanto quanto mais diversos costumes e conformações apresentarem, de modo a poderem apoderar-se do maior número de lugares diferentes na economia da natureza, a seleção natural deve tender constantemente a conservar os descendentes mais divergentes de uma espécie qualquer. Resulta que, no decurso seguido das modificações, as pequenas diferenças que caracterizam as variedades da mesma espécie tendem a crescer até chegar às diferenças mais salientes que caracterizam as espécies do mesmo gênero. As variedades novas e aperfeiçoadas devem substituir e exterminar, inevitavelmente, as variedades mais antigas, intermediárias e menos perfeitas, e as espécies tendem a tornar-se assim mais distintas e melhor definidas. As espécies dominantes, que participam dos grupos principais de cada classe, tendem a dar origem a novas formas dominantes, e cada grupo principal tende sempre a aumentar e, ao mesmo tempo, apresentar características sempre mais divergentes. Mas, como nem todos os grupos podem abrangê-los, os predominantemente avançam sobre os predominantes (DARWIN, [S.D], p. 442-443).

O paleontólogo George Gaylord Simpson (1969) apresenta, resumidamente, a forma com que a evolução opera:

Numa breve paráfrase, esta explicação é a seguinte: os organismos variam; algumas (pelo menos) dessas variações são hereditárias; dentro de um dado grupo, alguns indivíduos têm mais descendentes do que outros; as variações hereditárias desses indivíduos são, portanto, mais comuns nas gerações seguintes, que tendem a evoluir na direção dessas variações (p. 43).

Já sobre o mecanismo da seleção natural, Simpson (1969) o explica da seguinte forma:

os organismos que tendem a ter mais descendentes são aqueles cujas variações são mais vantajosas como adaptações ao seu modo de vida e ao seu ambiente particular. Dessa forma, a evolução tende a se orientar na direção de uma adaptação maior ou mais perfeita, e

assim se explica o fato da adaptação, intencional na aparência mas impessoalmente mecanicista na sua origem (p. 44).

Como podemos verificar, seja através da leitura de Darwin ([S.D]) ou Simpson (1969), não há uma intencionalidade na natureza; e evolução, como exposta por Darwin, não é sinônimo de progresso. Entretanto, evolução e progresso são usados como sinônimos por eugenistas, e tal uso se dá menos pela leitura de Darwin e mais pela leitura dos escritos do filósofo positivista Herbert Spencer. Será Spencer quem, via positivismo, verá uma orientação evolutiva no sentido de progresso na teoria Darwinista, e criará, com isso, o Darwinismo Social, que desembocará na eugenia.

O darwinismo já era amplamente aceito como teoria biológica dominante ao final do século XIX, mas havia uma constante discussão sobre aspectos filosóficos da evolução das espécies. A palavra evolução era usada também por filósofos positivistas, bem como por antropólogos, com a intenção de demarcar uma continuidade de maior aperfeiçoamento de um estágio para outro estágio, em que evolução e progresso estavam associados.

Augusto Comte (1798-1857) defendia que a história humana era dividida em três grandes estágios, ou a lei dos três estados, em que as ciências e o espírito humano se desenvolvem através de três fases: teológica, metafísica e positiva – a última com predominância na ciência e na civilização européia.

Para Comte:

É indispensável ter, de início, uma visão geral sobre a marcha progressiva do espírito humano, considerado em seu conjunto, pois uma concepção qualquer só pode ser bem conhecida por sua história. Estudando, assim, o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro voo mais simples até nossos dias, creio ter descoberto uma grande lei fundamental, a que se sujeita por uma necessidade invariável... (COMTE, 2000, p. 22).

Essa ideia de progresso em estágios da humanidade encontrará o evolucionismo Darwiniano através do filósofo e engenheiro Herbert Spencer. Tendo nascido em 1820, Spencer nunca demonstrou muita aptidão para estudos, o que levou a uma juventude marcada por conflitos com seus preceptores. Sua família optou por encaminhá-lo a um emprego, em vez da Universidade, assim, foi professor primário e, em seguida, inspetor, supervisor e projetista de estradas e pontes ferroviárias, tendo sido “um homem que

aprende à medida que trabalha e vive” (DURANT, 1996, p. 334). Herbert Spencer comporia boa parte de sua obra após os quarenta anos, graças à assinatura prévia dos textos em fascículos que ia publicando, não tendo nenhum posto acadêmico.

Spencer foi um ávido leitor de Thomas Malthus, economista da Companhia das Índias Orientais, que preconizava que a população cresce mais do que o suprimento de alimentos, o que fatalmente geraria fome e guerras. Como resultado, apenas os mais fortes sobreviveriam. Spencer via no malthusianismo uma continuação da seleção natural das espécies entre os seres humanos (DESMOND e MOORE, 2000).

Unindo Darwinismo biológico, teoria econômica malthusiana e a filosofia positivista de Comte, Herbert Spencer gestaria uma nova filosofia social, o Darwinismo Social. “Foi Spencer, e não Darwin, quem teria dito que a seleção natural é a sobrevivência do mais apto” (MESQUITA, 2011, p. 152).

Assim, logo “evolução” passou a significar “progresso”, mesmo não sendo essa a ideia inicial de Darwin (GOULD,[S.D.]). Os biógrafos de Darwin, Adrian Desmond e James Moore (2000), resumem de forma contumaz o evolucionismo de Spencer:

Spencer de há muito aceitara a evolução, considerando-a como uma acumulação de mudanças adquiridas e vividas por cada indivíduo. O progresso era uma necessidade. Ela era uma “lei subjacente a toda a criação orgânica”; a civilização era “uma parte da natureza; uma peça única, integrada com o desenvolvimento de um embrião ou o desabrochar de uma flor”. Era uma garantia de que o mal finalmente desapareceria e o homem se “tornaria perfeito” (p. 413).

Logo, entretanto, um primo de Darwin levaria o Darwinismo Social a um novo patamar, afinal por que esperar a lenta seleção natural imposta pela natureza? Como o próprio Darwin expusera em seus escritos, os homens há muito tempo não aplicavam a seleção artificial em diversos animais: cães, cavalos, bois, etc? Tendo em vista essa ideia de seleção artificial em animais, Francis Galton (1822-1911) defendeu sua aplicação também em seres humanos. Nascia, assim, a eugenia.

Francis Galton era matemático e estatístico. E, segundo Stephen Jay Gould (2003), sua condição de homem rico e independente proporcionou a ele uma liberdade total para se dedicar a sua grande paixão: a medição.

Galton, pioneiro da moderna estatística, acreditava que, com suficiente empenho e engenhosidade, qualquer coisa podia ser medida, e que essa medida constitui o critério básico de um estudo científico. Chegou mesmo a propor, e começou a desenvolver, um estudo estatístico sobre a eficácia da prece! Foi ele quem inventou o termo “eugenia”, em 1883, e defendeu a regulamentação do matrimônio e do tamanho das famílias de acordo com o patrimônio hereditário dos pais (GOULD, 2003, p. 67).

Galton, por meio de estudos estatísticos, pretendia decifrar o que estava por trás das características humanas como a inteligência e habilidades específicas e, como através da correta seleção dos progenitores, poder-se-ia transmitir as características desejadas a futuras gerações. A influência de Galton no campo da eugenia foi duradora, tanto que, mais tarde, Davenport, famoso eugenista americano, à frente do Eugenics Record Office (Escritório de Registro Eugenista), o ERO, empreendeu um grande esforço a fim de registrar dados de milhares de linhagens genéticas (BLACK, 2003).

Entre os textos de Galton, podemos destacar: *Hereditary Talent and Character* (1865), em que inicia o estudo estatístico do parentesco, retomado na obra *Hereditary Genius* (1869). O cerne da eugenia proposta por Galton é que o talento é hereditário, e não resultado do meio ambiente, portanto, mais do que implementar políticas educacionais ou higienistas, tem-se a necessidade de seleção eugênica dos capazes de gerar a melhor prole.

Entre os anos de 1870 e 1880, Galton coleta dados com médicos e voluntários a fim de provar que o talento é herdado. Os resultados dessa pesquisa levam a duas publicações: *A Theory of Heredity* (1875) e *Inquiries into Human Faculty and its Development* (1883). Galton agora não apenas defende que o talento é hereditário, mas que a doença mental, o crime e a marginalidade também o são, estando a solução para esses problemas não em reformas sociais, mas na eugenia.

Mencionar vários tópicos mais ou menos conectados com aquele do cultivo da raça, ou, como podemos chamá-los, com as questões “eugênicas”. Isto é, com problemas relacionados com o que se chama em grego “eugenes”, quer dizer, de boa linhagem, dotado hereditariamente com nobres qualidades. Esta e as palavras relacionadas, “eugenia” etc., são igualmente aplicáveis aos homens, aos brutos e às plantas. Desejamos ardentemente uma palavra breve que expresse a ciência do melhoramento da linhagem, que não está de nenhuma maneira restrita à união procriativa, senão, especialmente no caso dos homens, a tomar conhecimento de todas as influências que tendem, em qualquer grau, por mais remoto que

seja, dar às raças ou linhagens sanguíneas mais convenientes uma melhor possibilidade de prevalecer rapidamente sobre os menos convenientes, que de outra forma não haja acontecido (GALTON apud DIWAN, 2007, p. 41-42).

Nessa perspectiva, a eugenia deixa de ser uma ciência teórica para ser uma ciência de intervenção social. Galton defende que o Estado regulamente os casamentos e a reprodução. Ele também desenvolve diversos métodos de análise antropométrica ou os aperfeiçoa: método de análise de digitais, testes de inteligência e técnica de retratos compostos, entre outros (DIWAN, 2007).

Ao mesmo tempo em que Galton trabalhava em seus métodos eugênicos, o médico italiano Cesare Lombroso desenvolvia a Antropologia Criminal:

Tendo como base o evolucionismo e os saberes das ciências estruturadas na biologia, a Antropologia Criminal, que nasce na era vitoriana, mudará o foco do crime para o criminoso. Não mais o ato em si, mas o autor. O indivíduo é circunscrito e isolado. Seus atos, impulsos, taras, degenerações, instintos e hereditariedade formarão o conjunto de objetos que a antropologia tomará como prioritários na formação do saber acerca do criminoso. O criminoso, como louco e todos os tipos considerados anormais, será considerado resultado de uma hereditariedade funesta, disgênica. Anormalidades de fundo biológico, passíveis de serem mensuradas não só nos seus aspectos físicos como morais e comportamentais (SILVA, 2005, p. 27).

Para Mozart Linhares da Silva (2005), os postulados da Escola Antropológica de Criminologia estão vinculados à concepção evolutiva do darwinismo social, mas também àquela de intelectuais que há muito tempo tentavam justificar uma divisão entre os homens: Carl Linné, De Paw, Buffon, etc. Entra em cena agora o biodeterminismo racial e um sistema de classificação entre diferentes “raças humanas”, que variam de teórico para teórico. Em geral, essa classificação apontará o homem branco como a raça mais evoluída e a negra como a menos evoluída.

Cesare Lombroso, inclusive, comparava o crânio de criminosos ao dos homens primitivos (referência aos povos não europeus):

Em 1870 fiz pesquisas com cadáveres e seres humanos durante meses nas prisões e asilos de Pavia a fim de estabelecer diferenças substanciais entre os insanos e os criminosos, sem, no entanto, obter muitos resultados. Subitamente, na manhã de um cinzento dia de dezembro, descobri no crânio de um bandido uma extensa lista de anomalias atávicas... Para mim, o problema da natureza e origem do criminoso pareceu resolvido; as características dos homens primitivos

e inferiores deve reproduzir-se até hoje (LOMBROSO *apud* Gould, 1999, p. 219-220).

Para Lombroso, mesmo o civilizado europeu branco poderia, por vezes, ainda manter traços hereditários de seus ancestrais símios e selvagens, e, portanto, tornar-se criminoso. A interpretação de Lombroso dá ao médico um poder até então incomparável, agora ele pode decidir não apenas pela condenação de um criminoso, ou sua interdição a um manicômio, como prever criminosos em potencial. Segundo Pierre Darmon:

O médico encarna então com plenitude uma espécie de triunfo sobre a Europa vitoriana e, se acreditarmos no lirismo do discurso médico, ele seria também o aristocrata dos tempos modernos, o engenheiro do corpo humano, um árbitro social e um novo sacerdote (*apud* SILVA, 2005, p. 74).

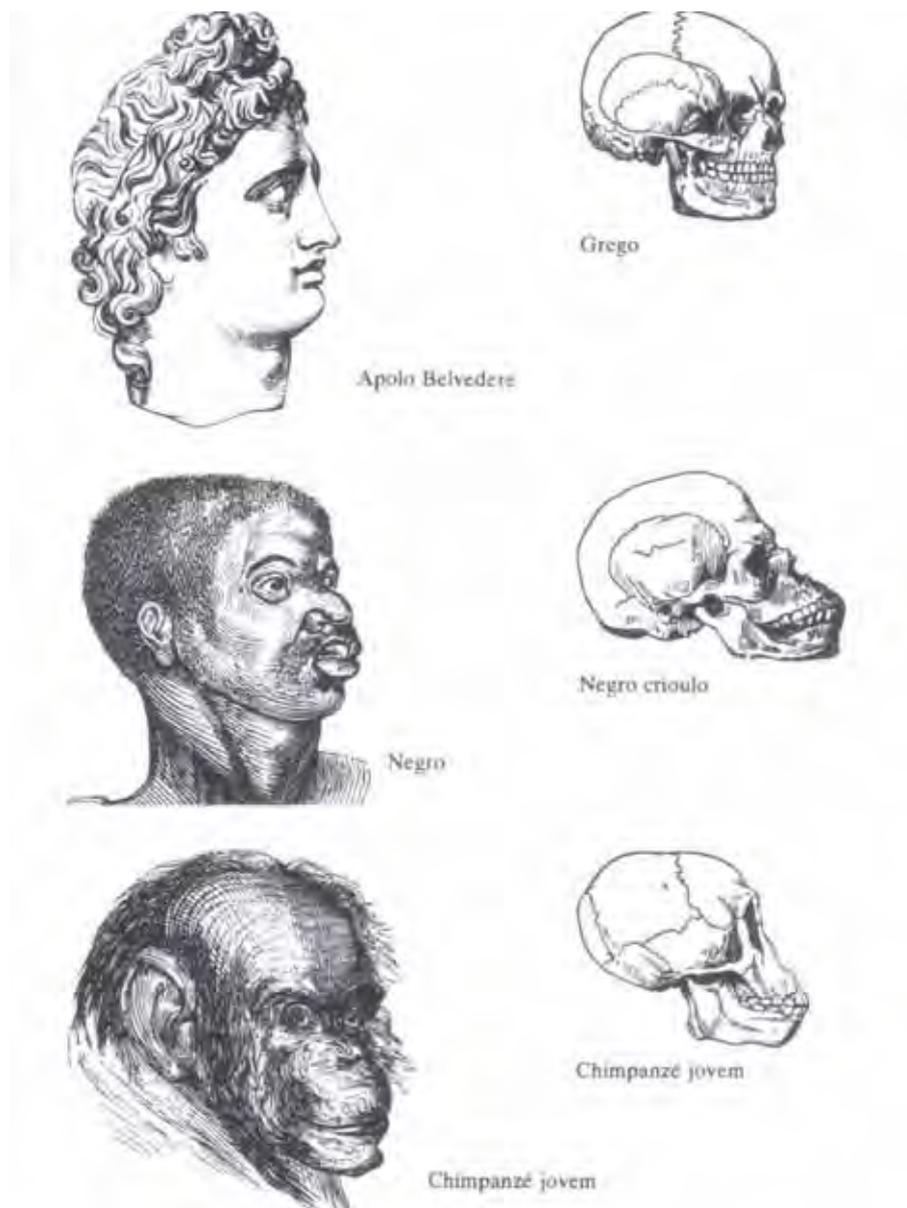
Ainda para Pierre Darmon:

Tanto querer sistematizar ou fazer do crime uma entidade biológica, certos médicos acabariam negando pura e simplesmente a própria noção de livre arbítrio, não deixando outra escolha aos magistrados a não ser inclinar-se e baixar a cabeça diante dos decretos da fatalidade. Então começaria a batalha do tribunal (*apud* SILVA, 2005, p. 75).

O novo poder alcançado pelo médico na legislação da vida e do corpo humano é um resultado das pesquisas eugênicas e da Antropologia Criminal, que dará ao saber biológico na primeira metade do século XX, via eugenia, grande destaque na formulação de políticas públicas em todo mundo (STEPAN, 2005).

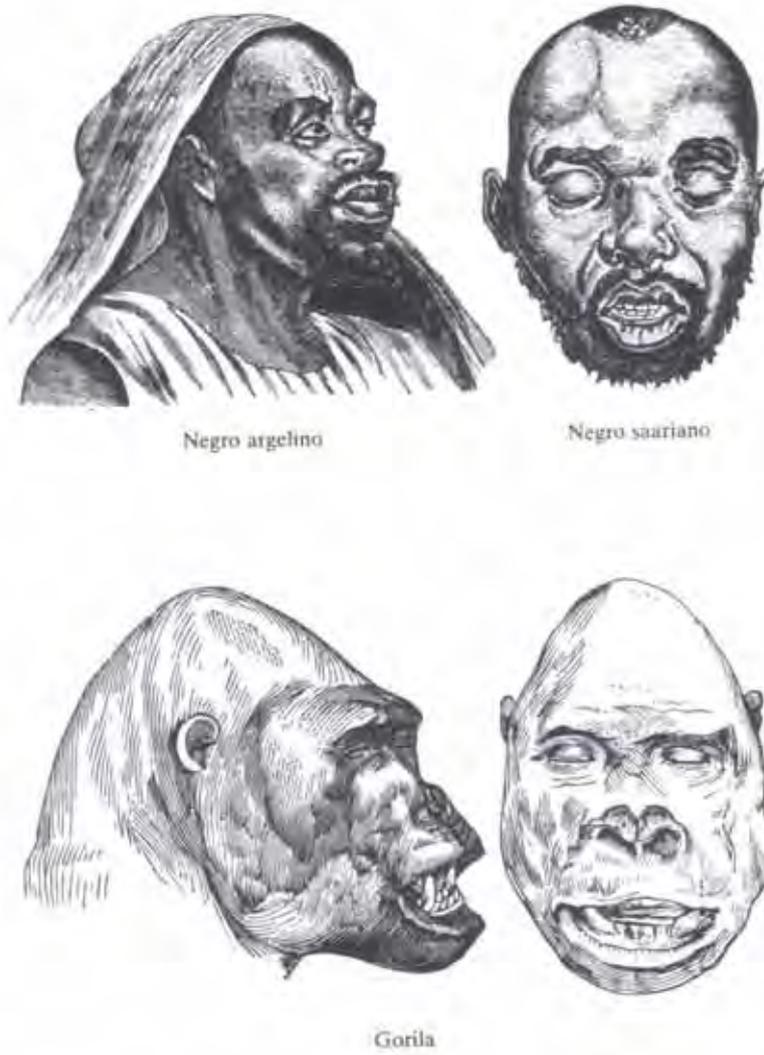
A suposta existência de resquícios primitivos entre certas linhagens do homem branco civilizado logo levou teóricos a postularem que se esses resquícios eram acidentais na “raça branca” não o eram nas demais raças, principalmente no negro, onde o elemento símio primitivo prevaleceria. Nas Figuras 02 e 03, vemos que diversos naturalistas procuravam aproximar o negro dos símios, através da craniometria, tentando justificar, assim, biologicamente, a exclusão e dominação do negro por parte do homem branco.

**Fig. 02:** A escala das raças humanas



A escala apresentada aqui, segundo Nott e Glibbon apud GOULD ( 2003, p. 18), é de 1868. Gold chama a atenção para o fato de o “crânio do chimpanzé estar incorretamente aumentado, e a mandíbula do negro falsamente distendida para dar a impressão de que os negros poderiam se situar até mesmo abaixo dos símios” (GOULD, 2003, p. 18).

**Fig. 03:** Comparação entre negros e símios:





As imagens tentam sugerir uma aproximação entre negros e diferentes espécies de símios. Sobre elas, Nott e Gliddon, em *Types of Mankind*, de 1854, comentam que “as evidentes analogias e diferenças entre um tipo inferior de humanidade e um tipo superior de macaco dispensam qualquer comentário” (*apud* GOULD, 2003, pp. 22 e 23).

Destacamos que muitas dessas comparações já eram realizadas antes mesmo da publicação da *Origem das Espécies* de Darwin ou de Galton criar a eugenia. O pensamento sobre as diferenças entre os homens vem de longa data, remontando ao uso do termo “bárbaro” pelos gregos para denominar os não gregos. Ganhou força na Baixa Idade Média e no Mundo Mulçumano, através da divisão teológica das raças, em que os negros descendiam de *Canaã*, filho de *Ham*, amaldiçoado por *Noé* (HOFBAUER, 2006).

Como relata Andreas Hofbauer (2006), a tradição de projetar sobre um grupo humano específico uma linhagem amaldiçoada por Deus começou pela identificação desta linhagem os inimigos dos israelitas, os canaanitas ou fenícios. Posteriormente, essa linhagem foi identificada com a cor negra e,

então, com o negro africano. Não é nossa intenção aqui fazer um longo histórico dessa concepção ideológica, mas observamos que tal concepção foi biologizada pelos antropólogos poligenistas do século XIX.

Mesmo antes de o termo “eugenia” ser cunhado por Galton, o racismo científico já havia surgido na discussão entre monogenistas e poligenista. Segundo os monogenistas, a raça humana teria um único ponto de criação e, devido a influências ambientais, teriam se degenerado em graus diferentes, formando diferentes raças, e a branca seria a menos degenerada (GOULD, 2003).

Essa tese seria um dos sustentáculos da hipótese do branqueamento, que veremos com mais atenção no capítulo cinco deste trabalho. Segundo Gould (2003), alguns poligenistas acreditavam que os negros norte-americanos, por exemplo, transplantados para o clima do norte, e sob influência da cultura branca, logo se tornariam brancos.

Já os poligenistas defendiam que as diferentes raças humanas teriam sido criadas separadamente, o que justificaria as diferenças inatas entre elas. Nas palavras de um de seus maiores teóricos, Louis Agassiz (1807-1873):

Essas raças devem ter-se originado... nas mesmas proporções numéricas e nas mesmas áreas em que hoje ocorrem... Elas não podem ter-se originado a partir de indivíduos únicos, mas devem ter sido criadas nessa harmonia numérica que é característica de cada espécie; os homens devem ter-se originado em nações, como as abelhas devem ter-se originado em enxames (AGASSIZ apud GOULD, 2003, p. 34).

Essas diferenças em geral destacam a civilização do homem branco europeu, frente ao estado ‘selvagem’ dos negros africanos (GOULD, 2003). Sem entrarmos aqui na discussão de valoração do modo de vida europeu do século XIX frente a outros modos de vida, dos ditos selvagens, lembramos, como afirma Hofbauer (2006), que os grandes impérios negros da África eram comumente tidos como vestígios arqueológicos de civilizações não-negras, o que se sabe não ser verdade. Essa era uma forma de colocar, mesmo contra as evidências arqueológicas, os africanos negros como incapazes de criar civilizações.

A eugenia, primeiramente um discurso sobre o melhoramento da espécie humana, logo recebeu contribuição de outros discursos em meio a sua própria

teoria. Principalmente no mundo anglo-saxão, o antigo discurso da existência das raças humanas e da superioridade da raça branca em relação a outras raças foi incorporado à eugenia (BLACK, 2003). Mas, lógico que com diferentes variantes, se para alguns eugenistas a superioridade branca seria motivo para a segregação das outras raças, para outros, a mestiçagem poderia favorecer o branqueamento da raça negra (ROQUETTE-PINTO, 1982).

A pesquisadora Nancy Leys Stepan (2005) também chama a atenção para a eugenia mestiça no México, onde o teórico José Vasconcelos defendia a superioridade do mestiço, formador da futura “Raça Cósmica”. Já Pietra Diwan (2007) destaca a existência de uma eugenia asiática (chineses e japoneses), inclusive com os japoneses pretendendo criar *supersamurais* através de medidas eugênicas (isso antes da II Guerra Mundial).

Assim, podemos afirmar que o movimento eugênico não foi uniforme, tendo tido diferentes recepções, interpretações e somado-se a outras ideias vigentes conforme foi recebido em diferentes culturas. No próximo capítulo, faremos uma breve história de como o movimento eugênico se tornou presente na cultura norte-americana, focando nossa análise na literatura de ficção científica, cujos parâmetros de crítica e gênero já definimos no capítulo II.

## CAPÍTULO IV – Ciência, Eugenia e Ficção Científica: o mito do super-homem americano.

A literatura de ficção científica, na primeira metade do século XX, era publicada nos Estados Unidos em revistas *pulps*<sup>45</sup>. Trazendo contos e novelas com capas chamativas, essas revistas se destinavam a trabalhadores e jovens, afinal era a primeira geração após a universalização do ensino, portanto, de leitores. Segundo Gerald Jones:

As revistas eram grossas e baratas, impressas em uma tinta de um tom marrom escuro, com centenas de páginas de ficção em cada número. As capas eram coloridas, pintadas para inspirar terror, excitação, desejo e curiosidade. Os enredos eram cheios de brutamontes, orientais sinistros e namoradas seminuas de gângster (2006, p. 51).

Ainda que esse seja um comentário válido para a grande maioria dessas revistas, que primavam mais por histórias movimentadas de muita ação e romance, de leitura rápida, do que certa qualidade literária; no caso da principal revista de ficção científica, a *Amazing Stories*, temos uma visão clara de objetivos que vão além do comercial, pretendendo moldar o futuro – uma visão de progresso e da salvação pela ciência, defendida por seu editor Hugo Gernsback.

Segundo o pesquisador Gerald Jones:

A *Amazing Stories* era uma revista estranha. Já estava nas bancas havia anos misturando artigos sobre rádios e foguetes com reimpressões da ficção de H. G. Wells e Júlio Verne. Ao contrário de muitos pulps, a revista trazia na capa o nome do editor, um certo Hugo Gernsback, que abria cada uma das edições com um ensaio sobre o poder da tecnologia para a transformação do mundo num lugar melhor... Gernsback era um visionário divulgador de um modismo dos anos 1920: pregar às massas, por meio de revistas baratas, o evangelho da ciência e da razão (2006, p. 53).

Como editor da *Amazing Stories*, Gernsback moldaria a ficção científica norte-americana desse período não apenas como literatura de entretenimento, mas como um tipo novo de literatura que “declarava guerra contra a superstição e a ignorância, lançando luzes sobre o paraíso tecnológico que

---

<sup>45</sup> Pulps deriva do papel de polpa de má qualidade para imprimir-las.

estava à espera da humanidade” (JONES, 2006, p. 54). Gernsback foi o criador do termo ficção científica, e até hoje o principal prêmio literário da área é uma homenagem ao seu pioneirismo, o prêmio HUGO (MACHADO, 2000).

Hugo Gernsback era de origem judaica, filho de um mercador de vinho luxemburguês. Apaixonado pela tecnologia elétrica, inventou um tipo novo de bateria e, frente a dificuldades com a legislação de patentes européia, migrou para os Estados Unidos. Nesse novo país, em que a ciência e a tecnologia pareciam tornar tudo possível<sup>46</sup>, Gernsback começou um pequeno negócio vendendo equipamentos elétricos através de catálogos, os quais ficaram famosos, não pelo que vendiam, mas pela descrição que faziam desses equipamentos (JONES, 2006).

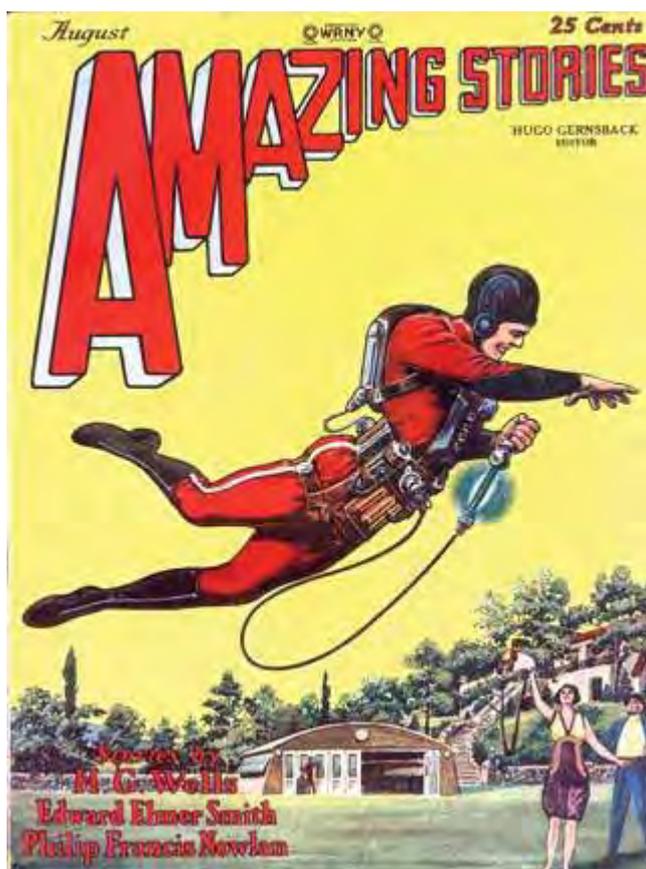
Seu conhecimento técnico e competência na escrita o levariam a publicar diversas revistas, entre elas *Modern Electrics* e *Science and Invention* (ambas sobre tecnologia e ciência), *Your Body* (sobre saúde) e a *Amazing Stories* (ficção científica); além de publicar pelo menos um romance de ficção científica: “Ralph 124C 41+”.

O pesquisador de cultura pop do *Programa de Estudos Comparativos de Mídia do MIT* (Massachusetts Institute of Technology) e ex-roterista de histórias em quadrinhos Gerald Jones, no livro *‘Homens do Amanhã: geeks, gangsteres e o nascimento dos gibis’*, faz uma análise de uma das capas da *Amazing Stories* (Figura 01). Essa capa, segundo o pesquisador, é representativa desse ideal de poder ilimitado da ciência e do indivíduo.

---

<sup>46</sup> Sobre esse período da história americana, e a fascinação exercida pela tecnologia e a ciência, destacamos o depoimento do falecido cientista e divulgador da ciência Carl Sagan: “foi também em 1939 que meus pais me levaram à Feira Mundial de Nova York. Ali me foi oferecida a visão de um futuro perfeito que a ciência e a alta tecnologia tornavam possíveis... O ‘Mundo do Amanhã’ seria luzidío, limpo, aerodinâmico e, pelo que eu podia perceber, não teria nem sinal de pessoas pobres” (SAGAN, 1996, p. 13). Esse mundo apresentado ao jovem Carl Sagan, que tanto o impressionou, não é muito daquele que, como veremos, Aldazira Bittencourt apresentará aos brasileiros em *‘Sua Excia. A Presidente da República no ano 2500’*.

Fig. 04:



Capa desenhada por Frank R. Paul para a revista *Amazing Stories* de Agosto de 1928, que publicou *Armageddon-2419 A.D.* de Philip Francis Nowlan (uma aventura de Buck Rogers) e *Skylark of Space* de E.E. "Doc" Smith's. GALLERY OF FRANK R. PAUL'S SCIENCE FICTION ARTWORK. Disponível em: <http://www.frankwu.com/Paul-2.5.html>. Acesso em: 01/07/2010.

Para uma análise da capa da *Amazing Stories*, segue o comentário de Gerald Jones:

Na arqueologia da cultura popular, a edição de agosto de 1928 da *Amazing Stories* foi um ponto crucial para cineastas, escritores de ficção científica e engenheiros espaciais. Num fundo amarelo claro, um homem de uniforme vermelho colado à pele, capacete de aviação e botas pretas reluzentes mantém o corpo deitado, mas levemente inclinado para cima, como se estivesse alçando voo. Tem a naturalidade dinâmica de um guerreiro nos frisos do Partenon, com a musculatura bem definida em traços fortes e cores sólidas, num estilo ao mesmo tempo clássico e industrial. Usa instrumentos elétricos e segura uma espécie de bastão que parecia ajudá-lo a voar. O enorme 'A' de *Amazing Stories* fica logo acima de seu calcanhar, com as demais letras formando uma espécie de arco protetor sobre ele. Está pairando sobre um pátio amplo, onde uma bela garota abana um lenço. Uma linha de árvores, um laboratório numa garagem e uma bela casa numa parte plana e segura de um morro arborizado estão ao fundo. A curva do morro acompanha o arco de seu torso e das letras acima... esse era um mundo ensolarado e seguro, definido pela arquitetura, pela ciência e por uma ilustração extremamente econômica (JONES, 2006, p. 51-52).

Seguindo a análise de Gerard Jones (2006), certamente essa capa não está distante daquele mundo apresentado a Carl Sagan (1996) na Feira Mundial de Nova York de 1939. Um mundo no qual a ciência e a tecnologia não são apenas capazes de mudar a vida do homem, mas de higienizá-la. Nesse mundo cientificamente moldado, a tecnologia é criada em um laboratório de “garagem”, cercado de vívida natureza.

Um laboratório de garagem é um laboratório disponível a qualquer indivíduo, e onde se pode realizar o mito do cientista solitário, aquele que realiza suas descobertas sem nenhum compromisso além de sua própria consciência, sempre pelo bem da humanidade. Não existem financiamentos, sejam de governos, militares ou empresários, não há ligações com nenhum grupo e, portanto, não existem dilemas éticos ou morais. A tecnologia resultante não é suja, não gera resíduos e, principalmente, não traz compromissos morais duvidosos.

Esse ideal de ciência pela ciência, do cientista solitário e sua missão em prol da melhora do mundo não era novo, já estava presente na obra de Júlio Verne e, no Brasil, no romance de 1875 de Augusto Emílio Zaluar, *O Dr. Benignus* (analisado por nós em outro trabalho<sup>47</sup>). Mas, nos Estados Unidos, esse ideal se somou ao do aventureiro solitário, em outras palavras, do Cowboy, figura mítica da conquista do oeste. Será nesse encontro entre o sonho futurista de uma ciência que muda a humanidade e o aventureiro solitário que a ficção científica norte-americana que será construída na primeira metade do século XX.

Voltando à capa da *Amazing Stories*, vemos que o cientista/aventureiro porta um foguete e dá um leve acesso de partida, em um sinal claro para os leitores que ele buscará novos mundos, um novo oeste a ser domado por esse novo aventureiro tecnológico americano. A gênese desse aventureiro na ficção científica do início do século XX pode ser encontrada na figura de *John Carter de Marte*, herói do ciclo de romances Barssom (Marte) de Edgar Rice

---

<sup>47</sup> SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **Uma análise ao conceito antropológico do “outro” na obra do escritor Augusto Emílio Zaluar**. Marília, SP: UNESP/FFC, 2007.

Burroughs<sup>48</sup>. O primeiro romance, de uma série de onze volumes<sup>49</sup>, é *Uma Princesa de Marte*<sup>50</sup> publicado em 1912.

O personagem principal, John Carter, é um ex-soldado sulista norte-americano apresentado com a seguinte descrição:

Ele era um esplêndido exemplo de masculinidade, chegando a quase um metro e noventa de altura, de ombros largos e quadril estreito, com o porte de um lutador bem treinado. Suas feições eram regulares e bem definidas, seu cabelo preto cortado rente, enquanto seus olhos eram de um cinza-aço, refletindo uma personalidade forte e leal, cheia de fulgor e iniciativa. Seus modos eram perfeitos e sua cortesia era a mesma de um típico cavalheiro do sul mais alta estirpe (BURROUGHS, 2010, p. 08).

Essa descrição alude a uma ligação entre constituição física (altura, ombros largos, feições, olhos) e personalidade (forte e leal, iniciativa). Um discurso não muito distante daquele proposto por Renato Khel (1945), que justamente pretende descobrir na constituição física das pessoas algo sobre sua personalidade.

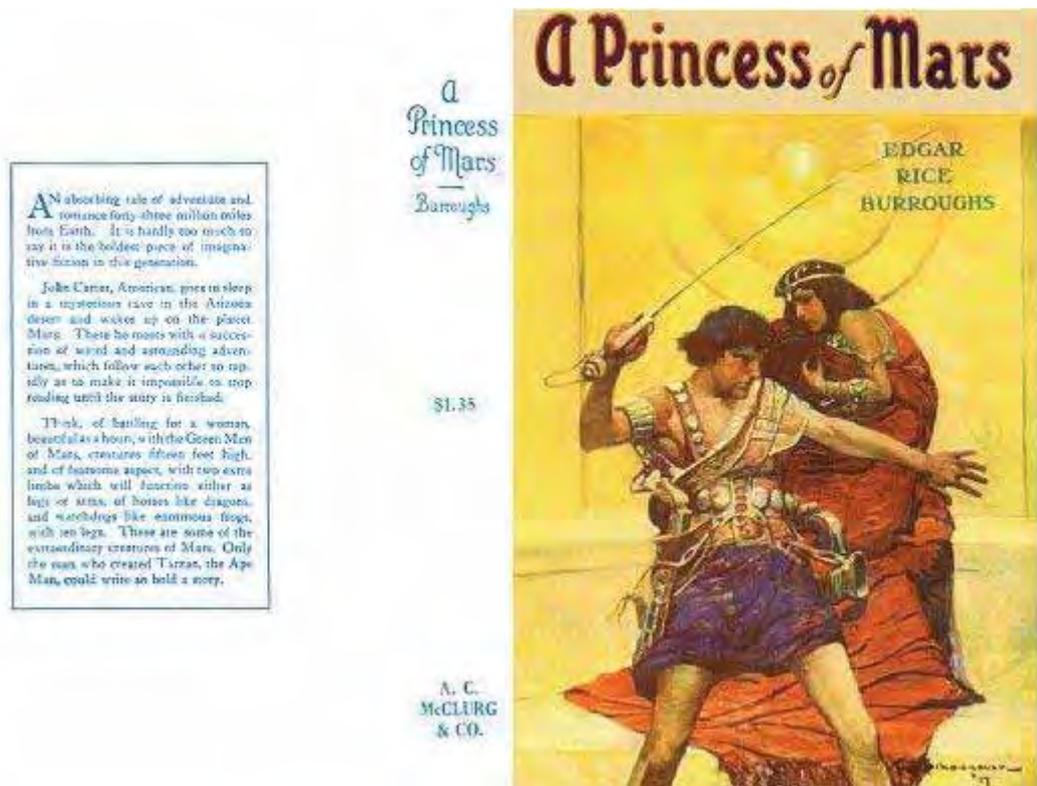
---

<sup>48</sup> Escritor norte-americano de literatura pulp, ficou famoso internacionalmente ao criar o personagem *Tarzan das Selvas*. Nasceu no ano de 1875 em Chicago, nos EUA, ao falecer em 1950, Burroughs foi sepultado numa pequena cidade do estado da Califórnia (EUA), chamada Tarzana (em homenagem ao seu personagem mais conhecido). Escreveu cerca de oitenta histórias, e graças a sua formação militar, pela Academia Militar de Michigan, suas histórias apresentam grandes influências militaristas, principalmente na série Barsoom.

<sup>49</sup> É muito comum, no mercado norte-americano, que, obtendo sucesso comercial em um primeiro romance, alguns escritores acabem transformando-o em uma série. O fato de *Uma Princesa de Marte* ter dado origem a outros dez livros demonstra sua receptividade. A série como um todo foi intitulada de Barsoom (o nome do Planeta Marte, para seus habitantes), e é constituído dos seguintes romances: *A Princess of Mars* (1912), *Gods of Mars* (1914), *Warlord of Mars* (1918), *Thuvia, Maid of Mars* (1920), *Chessmen of Mars* (1922), *Mastermind of Mars* (1928), *A Fighting Man of Mars* (1931), *Swords of Mars* (1936), *Synthetic Men of Mars* (1940), *Llana of Gathol* (1948), *John Carter of Mars* (1964). Ver: Barsoom Introduction. Disponível em: <http://www.johncarterofmars.ca/barsoom.html>. Acesso em: 24/06/2010.

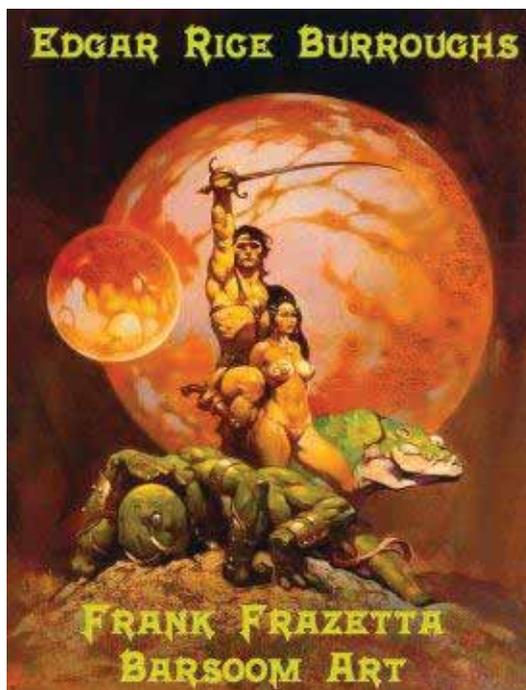
<sup>50</sup> A edição brasileira usada como referência nesse texto, *Uma Princesa de Marte* (Editora ALEPH, 2010), é o primeiro de onze romances da série Barsoom, e até agora o único publicado no Brasil.

Fig. 05:



Arte da capa de *Uma Princesa de Marte*. Disponível em: <http://www.erbzine.com/mag4/mars1.html>. Acesso em: 03/08/2011.

Fig. 06:



Arte da capa de *Uma Princesa de Marte*. Disponível em: <http://www.erbzine.com/mars/ffmars.html>. Acesso em: 03/08/2011.

Na arte de duas edições distintas de *Uma Princesa de Marte*, ambas desenhadas com base na descrição de Edgar Rice Burroughs, notamos um homem alto, de constituição física de fisiculturista, portando armas como um cowboy. Esse homem perfeito, o americano ideal, estava presente de muitas maneiras na cultura americana de então. Era um ideal popular, um Homem do Amanhã presente na ficção e motivador de políticas eugenistas.

Burroughs, da mesma forma que pretende apresentar uma ligação entre constituição física e personalidade na figura de John Carter, busca na constituição física dos marcianos suas propensões de personalidade. Vamos a uma pequena descrição da obra, a fim de apresentar adequadamente as ideias de Burroughs.

O livro é contado como uma história real, sendo na verdade um manuscrito do capitão John Carter, no qual narra suas aventuras em Barsoom (Marte). Em 3 de março de 1866, após a guerra civil americana, os ex-soldados confederados John Carter e seu amigo Powell tentam ganhar a vida como mineradores, já que perderam suas propriedades por terem lutado ao lado perdedor da guerra, vencida pelo Norte.

Carter e Powell acabam sendo emboscados por índios apaches no decorrer do relato, sendo que Carter consegue se refugiar numa caverna, onde começa a ser “tomado por uma agradável sonolência”. Ele logo nota um vapor preenchendo a caverna e que, mesmo consciente, seu corpo estava enrijecido como uma pedra.

Logo, Carter sente que não está sozinho na caverna. Os apaches por sua vez fogem, pois há algum tabu em relação à caverna. Ele permanece paralisado por algum tempo, até que, em uma espécie de projeção astral, vê seu próprio corpo no chão da caverna. Mas sente também esse novo corpo nu como seu, e sai da caverna. Ao olhar para Marte, repentinamente é transportado para esse planeta.

Na verdade, seja na partida ou na volta de Carter à Terra, Edgar Rice Burroughs não deixa muito claro o que leva seu personagem a Marte e depois o traz de volta à Terra. Só não se pode dizer que foi um sonho, pois realmente se passaram dez anos entre sua ida e volta de Marte.

O planeta Marte de Burroughs não é aquele posteriormente revelado como um árido deserto pelas sondas Vikings, mas, ainda assim, um mundo em

agonizante processo de morte, com seus 'canais' secando. Aqui temos uma clara influência das ideias do astrônomo amador Pierre Lovell e sua teoria dos canais artificiais de Marte permeando a obra de Burroughs. Esse planeta é habitado por pelo menos três raças distintas.

Ao chegar em *Barsoom*, Carter é encurralado pelos *Tharkianos* (uma raça inteligente, monstruosa, verde, com 6 apêndices locomotores: duas pernas, dois braços e dois membros acessórios. Medindo de 3 a 4 metros e pesando algo em torno de 180 quilos). Ele descobre, então, que adquiriu habilidades sobre-humanas devido à gravidade de Marte ser menor que a da Terra.

Depois, Carter se envolve no conflito militar entre os *Tharkianos* (que o acolheram) e o povo de *Helium* (raça humanóide de pele vermelha, ou seja, humanos de Marte). O povo de *Helium* tem a princesa Dejah Thoris capturada pelo povo de *Thark*. Carter se apaixona por Dejah Thoris e a ajuda na fuga, traíndo o povo que o acolheu para salvar a princesa e fugir com ela. O autor narra diversas guerras e batalhas no decorrer do livro, no qual Carter, por fim, consegue uma união entre os *Tharkianos* e *Helianos*, através de seu casamento com a Princesa de Marte. Por fim, temos um desfecho em que o herói se "sacrifica" para salvar todo o planeta Marte.

A história de Edgar Rice Burroughs apresenta alguns temas populares, nos Estados Unidos de então, e outros motes que levariam à consolidação do mito do super-homem americano. O fisiculturismo e o ideal de um corpo e mente em sintonia começavam a se tornar popular, e com eles o ideal de perfeição através do treinamento individual. Afinal, essa é uma cultura em que se acreditava "*no progresso científico e no individualismo competitivo*" (JONES, 2006, p. 59).

O protótipo desse homem era Bernarr MacFadden, um ex-garoto:

raquítico do Missouri que descobriu as virtudes da boa forma física quando foi trabalhar na fazenda do tio, criou um novo método de fisicultura batizado de "cinesterapia" e se mudou para Nova York por volta de 1890 para formar o primeiro clube de "cultura física" (JONES, 2006, p. 76).

Como Hugo Gernsbacher, o fisiculturista Bernarr MacFadden publicou sua própria revista, a *Physical Culture*, e acabou como um dos grandes

empresários do ramo. Ao mesmo tempo, o ministro cristão progressista Henry Knight Miller publicava as revistas *Psychology* (de saúde mental) e *Sex Monthly* (saúde erótica) (JONES, 2006). Essas revistas faziam parte do movimento do pensamento positivo<sup>51</sup>.

Assim, o leitor de *Uma Princesa de Marte*, após conhecer o fascinante John Carter, teria a sua disposição revistas de fisiculturismo, pensamento positivo e tecnologia ficcional ou não, etc. Um novo e ilimitado mundo na banca de revista mais próxima.

Essas promessas de perfeição se espalhavam naqueles anos. A queda da velha ordem e as maravilhas da tecnologia, juntas, permitiam imaginar que qualquer futuro seria possível, desde que o sistema ou o instrumento correto fosse encontrado: socialismo científico, fascismo, pensamento positivo, progresso tecnológico, espiritualismo e regimes de saúde. Outros falavam de aristocracias naturais a quem bastaria se dar conta de sua própria importância para que assumissem seu poder de direito: capitalistas, cientistas, protestantes brancos (JONES, 2006, p. 95).

Fredric Jameson (2005) destaca o fato de a ficção científica apresentar em diversos textos uma “*reveladora figura del sábio redentor*” (p. 82), uma mistura de cientista, aventureiro e até, às vezes, mago – em muitas ocasiões, possuidor de poderes paranormais, que tem por missão uma mudança na sociedade que visita. Este é o papel de John Carter de Marte: civilizar os marcianos, mesmo que pela força das armas.

É também John Carter um protótipo da fantasia biológica, do homem ariano perfeito. Um primeiro passo em direção ao conceito do super-homem, um símbolo da perfeição a que o homem americano pode almejar. Não foi o primeiro, e não seria o último.

O conceito de Super-Homem foi explorado em boa parte da cultura pulp mais romântica, mesmo que o termo não fosse usado: Tarzan e John Carter de Marte, ambos criados por Edgar Rice Burroughs, não eram apenas mais fortes e os mais nobres de suas raças, eram claramente descritos como pertencendo a outra espécie – seres de uma superioridade tão inata e aparente que chegavam ao comando de qualquer outro mundo que adentrassem. Seus laços com a nobreza da Inglaterra e com a antiga Confederação explicam o potencial para a superioridade... (JONES, 2006, p. 106).

---

<sup>51</sup> O Movimento do Pensamento positivo teve origem na virada do século XIX para o XX nos Estados Unidos. Diversos autores escreviam textos para revistas como *Success* e livros, ensinando que se podia mudar a realidade através do pensamento positivo focado em seus objetivos. Esse movimento daria origem mais tarde aos Movimentos da Nova Era e da Autoajuda (CAROZZI, 1999).

Esse ideal do super-homem e da potencialidade do homem de tornar-se o que poderia ser estava ligado, também, como enfatiza Jones (2006), ao ideal de uma descendência superior, de ser parte de uma “raça” melhor, que estava destinada ao controle. Desse modo, um bebê perdido na África e criado por macacos torna-se líder daquele continente e dos negros que nele habitam: o sucesso advém do sangue nobre inglês. Portanto, como um aventureiro, John Carter, estará destinado a controlar todo um planeta: afinal ele é o super-homem americano.

Essas ideias presentes na cultura popular de revistas e livros de bancas de jornal eram o reflexo de um movimento científico que ganhava força: a eugenia. No início do século XX, novos imigrantes chegavam aos Estados Unidos. Ao contrário daqueles que conquistaram o oeste, esses vinham do sul e do leste da Europa: judeus, poloneses, italianos, espanhóis, irlandeses, húngaros, etc.

Os norte-americanos estavam cada vez mais se casando com pessoas de diferentes raças e grupos étnicos. Já que, em sua maioria, os eugenistas eram do norte e oeste da Europa, eles estavam com medo de que novos e menos desejáveis imigrantes estivessem enfraquecendo a linhagem americana. Soaram os alarmes. Foram emitidas advertências de que massas inferiores inundando as praias dos Estados Unidos estavam se misturando com raças superiores e rebaixando o QI global da nação (GOLISZEK, 2004, p. 114-115).

Margaret Sanger foi uma figura central no movimento eugênico americano, uma das poucas mulheres<sup>52</sup> a se destacar em um movimento majoritariamente masculino, não muito diferente de Aldazira Bittencourt no Brasil. Sanger fundou a primeira clínica de controle de natalidade dos Estados Unidos (1916) e, posteriormente, a Liga Americana de Controle da Natalidade (1921).

Suas propostas são bem claras e definidas em *The Pivot of Civilization* de 1922:

Há evidências suficientes para nos levar a acreditar que os assim chamados casos limítrofes são uma ameaça maior que os rematados delinqüentes defeituosos que podem ser supervisionados, controlados e impedidos de procriar sua espécie (p.91). Preferimos a política da esterilização imediata, de garantir que a paternidade/maternidade seja inteiramente proibida para os débeis mentais (p. 102).

---

<sup>52</sup> Trechos transcritos por Andrew Goliszek no livro *Cobaias Humanas: a história secreta do sofrimento provocado em nome da ciência*, pp. 115-116. Ver bibliografia.

Estamos pagando e até nos submetendo aos ditames de uma classe de seres humanos em eterno crescimento e incessante procriação, que nunca deveriam sequer ter nascido (p.187).  
Quase metade - 47,3% - da população tem a mentalidade de crianças de 12 anos de idade ou menos – em outras palavras são imbecis (p. 263).

Para Sanger, menos de 15% da população tinha inteligência superior, e certamente em um sistema político democrático pode ter parecido-lhe absurdo que aqueles outros 85% pudessem através do voto controlar os de intelecto superior. Gerald Jones (2006) relata que as publicações eugenistas de Sanger, bem como sua linha de métodos anticoncepcionais eram distribuídas por Harry Donenfeld, juntamente com a ficção científica de Hugo Gernsback, uísque de Frank Costello e até literatura de campanha política.

Ainda segundo Jones (2006), tal método era usado porque tanto o uísque (era a época da lei seca) quanto os métodos anticoncepcionais eram proibidos, portanto, necessitavam de serem entregues por meios ilícitos. As revistas de Gernsback, por sua vez, não tinham esse problema, mas possivelmente Donenfeld desejava amenizar seus custos de distribuição.

O mesmo Donenfeld, como dono de editoras, ficaria rico e famoso ao publicar dois dos super-heróis mais populares do mundo até hoje: Superman e Batman.

*The Pivot of Civilization* (1922) de Sanger contava com introdução de um dos grandes romancistas de ficção científica, o inglês, H. G. Wells, que diz:

Nós queremos menos e melhores crianças... e não podemos construir a vida social e a paz mundial, que estamos determinados a construir, com os mal-nascidos e os mal-treinados bandos de cidadãos inferiores que nos são infligidos.<sup>53</sup>

Do mesmo modo que os escritores brasileiros de ficção científica, os escritores norte-americanos (além dos britânicos) não ficaram à margem da ciência da eugenia. Em 1929, o escritor Philip Wylie publicou o livro *Gladiador*.

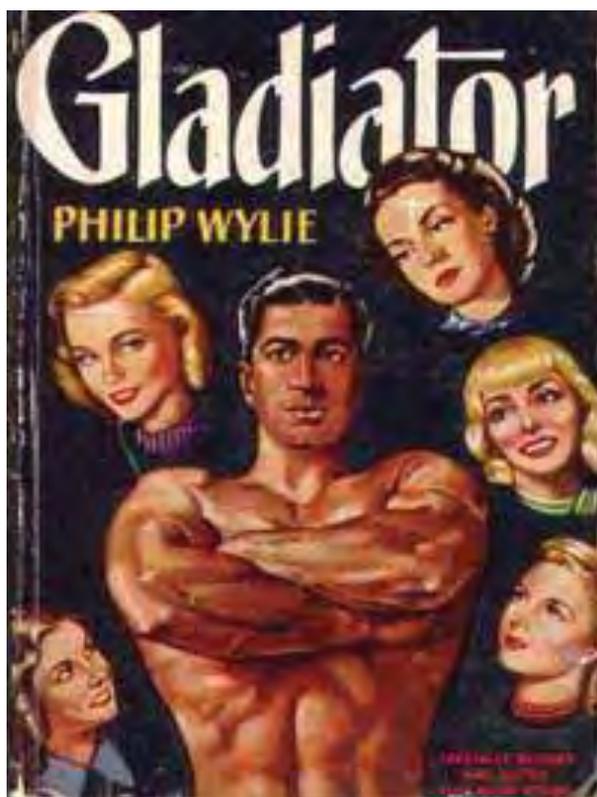
O livro tinha uma premissa “científica”: um biólogo transforma o filho “num supergaroto, um homem invencível” que então cresce e vira um ser de força e vitalidade incomparáveis e de superioridade moral inata. “Lá na floresta, fora da vista dos olhos humanos, aprendeu que era um super-humano [...] ‘sou um homem feito de ferro em vez de carne’ (JONES, 2006, p. 103-104).

---

<sup>53</sup> H. G. Wells, prefácio para Sanger, *Pivot of Civilization* p. xvi apud BLACK (2003), p. 228.

Esse protótipo de super-homem, como John Carter ou Tarzan, viria a ter grande influência no imaginário americano, principalmente para um jovem chamado Jerry Siegel, que viria a escrever uma resenha de *Gladiator* em seu fanzine. Siegel mais tarde ajudaria, como ninguém, a popularizar a ideia de um super-homem.

Fig. 07:



Capa de *Gladiator* de 1930.

Na capa do livro *Gladiator* (1930), podemos ver a imagem do rapagão musculoso admirado por uma corte de donzelas (provavelmente para serem salvas). Para o pesquisador Gerard Jones:

O super-homem já não era mais uma idéia nova – na verdade era um tema recorrente na alta e na baixa cultura no início dos anos 1930, produto inevitável das doutrinas de aperfeiçoamento promovidas pelos mais variados autores, de Bernarr MacFadden e Leon Trotsky. A palavra tinha passado pelo *Übermensch* de Nietzsche e chegado ao *Mand and Superman* de Bernard Shaw, mas era facilmente identificável com ideias nem nietzscheanas, nem shawianas. Na Alemanha, Adolph Hitler proclamava que uma nação inteira de super-homens poderia ser forjada através do racismo institucionalizado e da força militar, e sua popularidade não parava de crescer. Na América,

a idéia de eugenia estava sendo cuidadosamente investigada nas universidades de Ivy League. A eugenia inspirou o enredo pseudocientífico de *Gladiator*, e o herói considerou explicitamente a possibilidade de usá-la para melhorar a humanidade (2006, p. 105).

A eugenia nos Estados Unidos de então, como salienta Gerard Jones, estava bastante difundida, ultrapassando o mundo dos leitores e escritores de ficção científica, inclusive com a existência de um partido político eugenista. Segue alguns trechos do programa político desse partido:

Devem ser promulgadas leis nacionais para proibir o casamento entre raças e estimular a pureza da linhagem... Os Negros devem ser reassentados na África.  
Devemos interromper toda imigração e impor controles de natalidade. Aqueles tipos genéticos dentro de cada raça e estirpe que tenham melhores características serão estimulados a produzir mais descendentes Os casamentos eugênicos serão estimulados através de uma classificação de todos os indivíduos casadouros em toda a nação. Aqueles com qualidades semelhantes serão estimulados a se conhecerem e eventualmente se casarem (Plataforma do Partido Político Eugênico Americano *apud* GOLISZEK, 2004, pp. 436-438).

O Partido Eugênico Americano defendia também uma política de seleção cognitiva daqueles que poderiam votar e de concorrência apenas de especialistas para cargos públicos.

Mas o grande mentor da eugenia nos Estados Unidos foi o zoólogo Charles Davenport. Segundo Edwin Black (2003), Davenport era um homem triste, que passou toda a vida lutando pelo reconhecimento pessoal e dividido entre o fundamentalismo cristão e a ciência. Tanto que, mesmo após se formar em engenharia civil, pediu permissão por escrito ao pai para cursar ciências naturais.

Como diretor do laboratório de biologia do Brooklyn Institute of Arts and Science, em Long Island, nas instalações de Cold Spring Harbor, Davenport deu início a suas pesquisas em eugenia. Para tanto, inicialmente Davenport conseguiu financiamento do Carnegie Institution para a instalação de uma Estação Biológica Experimental em Cold Spring Harbor. Segundo Black:

Sua intenção era inequivocamente racial: "O objetivo dessa instituição deverá ser o estudo analítico e experimental da... mudança racial". Ele explicou como: "O método para atacar o problema precisa ser desenvolvido como o resultado de experiências. Atualmente, o seguinte parece ser mais importante: cruzamento de animais e de plantas para descobrir as leis da miscigenação das qualidades. O estudo das leis e dos limites da herança genética". Davenport

provocou os curadores com a seguinte perspectiva: “Os recursos da Carnegie oferecem a oportunidade pela qual o mundo vem esperando há tanto tempo”. (2003, pp. 90-91).

“Davenport esperava compor uma super-raça de nórdicos” (BLACK, 2003, p. 92). Estava claro para Davenport que o ser humano ainda estava evoluindo e, portanto, seus limites e potencialidades ainda podiam ser estendidos – pelo menos para a raça branca nórdica. Essa possibilidade de aperfeiçoamento e superioridade da raça branca nórdica, ou ariana, não seria estranha a alguns escritores de ficção científica que deram impulso ao mito do super-homem.

A proposta da Estação Biológica Experimental foi aprovada a um custo de 20 mil dólares. Uma soma substancial *para a época*. *E Davenport receberia um salário de 3.500 dólares anuais. Na época, “por exemplo, em 1906, o presidente da Universidade da Flórida recebia somente 2500 dólares anuais, e o da biblioteca da Northwestern University, 1200 dólares”* (BLACK, 2003, p. 97).

Após consolidar sua Estação Biológica Experimental, Davenport iniciou o Eugenics Record Office (Escritório de Registro Eugenista), o ERO, um projeto que tinha por objetivo “registrar tranquilamente os antecedentes genéticos de todos os americanos, separando as linhagens deformadas das linhagens desejáveis” (BLACK, 2003, p. 103). Davenport pretendia registrar dados de milhares de linhagens genéticas, tendo por objeto de pesquisa os registros de hospitais, casas de asilos, lares de desabrigados, etc.

Com essa pesquisa monumental, poder-se-ia chegar a separar os “pedigrees” das famílias geneticamente não desejáveis, portanto passíveis de políticas eugenistas (proibição de ter filhos, através do controle de natalidade e esterilização, por exemplo). Já as famílias com “pedigrees” aceitáveis genética e racialmente deveriam ser preservadas (BLACK, 2003).

O Eugenics Record Office (Escritório de Registro Eugenista) foi financiado pela senhora Harriman, viúva de E. H. Harriman, o magnata das ferrovias da Union Pacific, o que demonstra o apoio de parte da elite americana ao ideal eugenista. As pesquisas de Davenport continuariam no decorrer dos anos 20 e 30 do século XX.

Como vimos neste capítulo, o movimento eugênico não se restringiu apenas aos laboratórios e à pesquisa científica, mas também se tornou fonte de referência na cultura. Neste trabalho, destacamos obras literárias tidas como ficção científica, mas certamente deve ter ocorrido algo semelhante em outros gêneros literários e expressões culturais, que escapam a nossa análise. No próximo capítulo, procuraremos entender a forma com que a eugenia foi recebida pela intelectualidade brasileira (Capítulo IV) e, posteriormente, reelaborada e incorporada em obras de ficção científica nacional (Capítulo V).

## **CAPÍTULO V - A Eugenia no Brasil: lamarckismo, progresso, saúde e nacionalidade.**

Como já vimos no capítulo II deste trabalho, o conceito de eugenia nasce a partir de teses Darwinistas, ou daquilo que poderíamos chamar de darwinismo social, via Spencer, que abriu caminho para a eugenia de Galton. A eugenia no Brasil, entretanto, para além de Darwin, Spencer e Galton, não pode ser pensada sem que trabalhem com duas incorporações teóricas feitas na teoria eugênica a partir dos eugenistas brasileiros: a adoção de um mecanismo evolutivo para a adaptação de matriz lamarckista e a teoria do branqueamento, que discutiremos a seguir.

Após caracterizarmos a eugenia brasileira, e lembrando que na primeira metade do século XX diversos intelectuais elaboraram teses referentes à raça e desenvolvimento do país, destacamos, neste capítulo, o trabalho de quatro desses intelectuais: Monteiro Lobato, João Batista de Lacerda<sup>54</sup>, Edgard Roquette Pinto e Renato Kehl, os quais participavam dos mesmos movimentos sociais e compartilhavam idéias e/ou discussões científicas semelhantes em torno da eugenia e higienismo.

### **5.1 Lamarck: a evolução pelos caracteres adquiridos.**

Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck<sup>55</sup>, foi um naturalista francês que desenvolveu a teoria dos caracteres adquiridos, uma teoria da evolução pré-darwiniana, que teve grande aceitação no Brasil.

A teoria lamarckista abrange cinco pontos principais. Para elucidá-los, propomos uma citação mais longa, a partir da tradução e adaptação do texto original de Lamarck, feita por George Gaylord Simpson<sup>56</sup>, no artigo “Haverá plano e finalidade na natureza?<sup>57</sup>”:

---

<sup>54</sup> Lacerda não teve participação efetiva no movimento eugenista, mas suas teorias sobre o branqueamento da população brasileira foi absorvido por esse movimento.

<sup>55</sup> Naturalista francês, nasceu em Bazentin em 01 de agosto de 1744 e faleceu em Paris, em 28 de dezembro de 1829.

<sup>56</sup> George Gaylord Simpson (Chicago, 16 de junho de 1902 — Tucson, 6 de outubro de 1984) foi um paleontólogo e biólogo teórico estadunidense.

<sup>57</sup> Texto publicado no Brasil na coletânea **Evolução, Raça e Cultura** (São Paulo: Companhia Editora Nacional / USP, 1969), organizada por Gioconda Mussolini.

1. A natureza, ao produzir sucessivamente todas as espécies de animais, a começar pelos mais imperfeitos ou mais simples e terminando pelo mais perfeito, gradualmente complicou a organização deles.
2. Se a causa que tende invariavelmente a complicar essa organização fosse a única a influenciar as formas e órgãos dos animais, a complicação crescente seria, em sua seqüência, perfeitamente regular em toda parte. Mas esse não é o caso. A natureza é forçada a submeter suas obras às influências do ambiente, que age sobre elas, e de todos os lados o ambiente provoca variações nos produtos da natureza.
3. Qualquer que seja o ambiente, ele não ocasiona diretamente nenhuma modificação na forma ou organização dos animais. Mas grandes transformações no ambiente provocam grandes transformações nas necessidades dos animais e essas alterações nas suas necessidades fatalmente provocam mudanças nas suas ações. Ora, se as novas necessidades se tornam constantes ou persistem por muito tempo, os animais adquirem novos hábitos, que se tornam tão persistentes quanto as necessidades que lhes deram origem.
4. Primeira lei. – Em qualquer animal que não ultrapassou ainda o limite da sua evolução, o uso mais freqüente e prolongado de um órgão gradualmente fortalece esse órgão, desenvolve-o, aumenta-o, dando-lhe um vigor proporcional à duração desse uso, enquanto que o constante desuso gradualmente o atrofia, deteriora e progressivamente diminui suas capacidades, acabando por conduzi-lo ao desaparecimento.
5. Segunda lei. – Tudo aquilo que a natureza levou os indivíduos a adquirir ou a perder sob a influência do ambiente ao qual sua raça esteve exposta durante muito tempo e, conseqüentemente, sob a influência do uso predominante de um órgão ou de um constante desuso de uma parte, a natureza conserva pela transmissão hereditária aos novos indivíduos que nascem, desde que essas modificações adquiridas sejam comuns a ambos os sexos, ou seja, aos progenitores dos novos indivíduos (SIMPSON, 1969, pp. 40-41).

Segundo Simpson (1969), Lamarck acreditava em uma progressão ortogenética (do mais simples ao mais complexo) dos seres vivos. A adaptação ao ambiente ocorreria somente em casos extremos específicos, dando assim origem à ideia do uso e desuso dos órgãos.

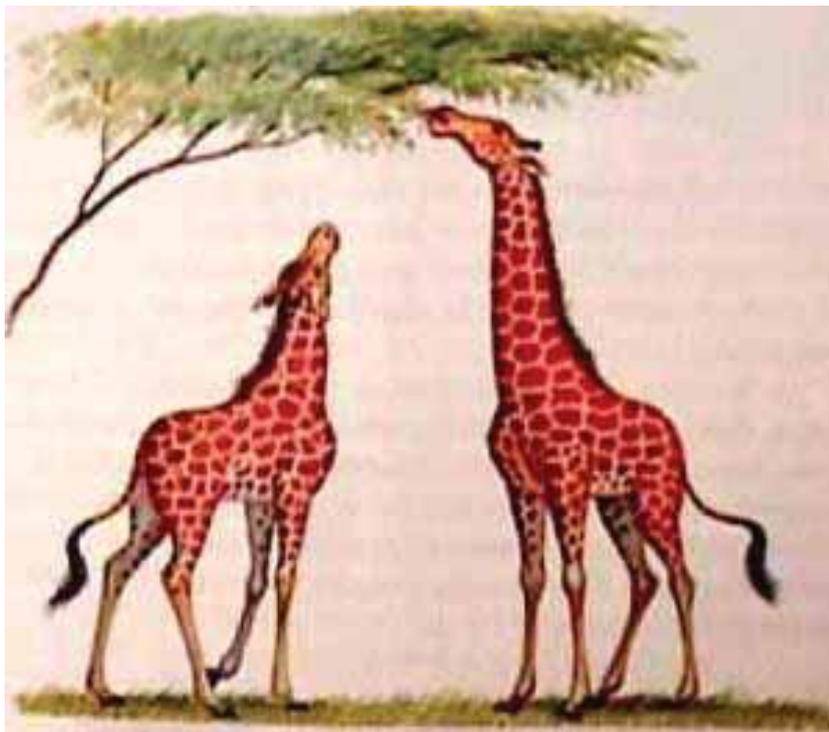
Ao postular uma lei de uso e desuso dos órgãos, Lamarck acaba por aceitar uma finalidade para a evolução, ao postular que ela poderia ser guiada pela necessidade de uma espécie. Essa ideia é contrária a teoria evolutiva Darwinista (como vimos no capítulo 02), que não aceita uma finalidade para a evolução.

A primeira e a segunda lei lamarckista, entretanto, estavam mais próximas de validar via instrumental científico a teoria do branqueamento do que o darwinismo. Portanto, sua recepção ideológica no Brasil foi mais intensa, como veremos ao final deste capítulo (terceira parte).

O exemplo clássico da teoria da finalidade evolutiva de Lamarck é a girafa. Segundo Lamarck, através de um comportamento intencional, os ancestrais das atuais girafas tentavam alcançar as folhas mais altas das árvores. A longa repetição desse processo fez com que o pescoço desses animais se tornasse cada vez mais comprido.

Esse processo, de acordo com Lamarck, abarcou gerações de girafas, transmitido de geração em geração até resultar na girafa que conhecemos hoje, com seus longos pescoços. Esse exemplo é bem popular, e encontra-se até hoje difundido em livros didáticos de biologia. Esses livros geralmente apresentam uma figura comparativa entre a girafa ancestral e a moderna girafa. Como na imagem abaixo:

**Fig. 08:**



Representação artística da adaptação do pescoço da girafa ao meio ambiente, segundo Lamarck. Disponível em: [http://redes.moderna.com.br/wp-content/uploads/2011/08/lamarck\\_giraffes.jpg](http://redes.moderna.com.br/wp-content/uploads/2011/08/lamarck_giraffes.jpg). Acesso em: 31 de setembro de 2011.

Simpson (1969) destaca que mesmo na Europa e Estados Unidos – e isso após a aceitação quase unânime do darwinismo como teoria evolutiva por quase toda a comunidade acadêmica – o Lamarckismo ainda era atraente principalmente para os paleontólogos:

Os paleontólogos achavam que a adaptação era a chave para a explicação de muitas de suas observações, e que ela era tão generalizada no passado como no presente. Também descobriram muitos exemplos de um aperfeiçoamento gradual, progressivo da adaptação, que pareciam maravilhosamente explicáveis em termos lamarckianos, e achavam difícil explicar alguns desses fenômenos pelo darwinismo da época (SIMPSON, 1969, pp. 42).

O lamarckismo continua, como afirma Simpson (1969), até a década de cinquenta, pelo menos entre os paleontólogos, como uma teoria evolutiva muito mais aceita e mais de acordo com suas descobertas empíricas do que o darwinismo. Ainda seguindo Simpson (1969), podemos destacar que o problema com a teoria lamarckista é que:

o lamarckismo pressupõe não apenas que as modificações adquiridas durante a vida dos pais afetem os filhos, como também que elas afetem as mesmas partes dos descendentes da mesma forma que nos genitores e que possam, cedo ou tarde, torna-se uma parte fixa da hereditariedade na linha de descendentes (p.43).

Simpson (1969), em outro trecho, destaca que as provas empíricas contra a teoria lamarckista são esmagadoras:

Existem certas adaptações, como as das fêmeas neutras de insetos e muitos casos de coloração protetora ou mimetismo, para os quais uma explicação lamarckista é praticamente inconcebível. As adaptações, como a do pescoço da girafa, para as quais o lamarckismo ostensivamente oferece um mecanismo, são explicados com facilidade por outros processos que, ao contrário do lamarckismo, foram experimentalmente verificados (p . 42).

Mas, não foi apenas entre os paleontólogos que o lamarckismo encontrou grande recepção como teoria biológica evolutiva, ele teve um impacto ainda maior sobre o pensamento eugênico brasileiro, que buscou mais em Lamarck, que em Darwin, orientação para uma ciência eugênica. Como a eugenia, fundada por Galton, tem matrizes darwinistas, a eugenia lamarckista brasileira pressupõe uma recepção ativa da intelectualidade nacional do pensamento eugênico.

## 5.2 Lamarckismo e eugenia no Brasil.

No texto *English Men of Science: their Nature and Nurture* (1874), livro este derivado de uma enquete com cientistas ingleses, Galton, via análise de uma enquete que propunha aos cientistas responder se seu talento era inato ou adquirido, chega à conclusão de que o talento é hereditário, não devendo nada ao ambiente.

A eugenia, assim postulada por Galton, é antilamarckista, uma vez que para ele a transmissão de caracteres depende da predisposição hereditária do organismo, contrariando Lamarck, para quem todo o organismo pode evoluir, dependendo da pressão ambiental. Ao evolucionismo darwinista, logo foi somado a genética mendeliana e a teoria do plasma germinativo de Weismann, fazendo com que o mundo anglo-saxão – eugenistas dos Estados Unidos e Inglaterra – abandonasse perspectivas lamarckistas (com exceção, como vimos acima, dos paleontólogos).

No entanto, o lamarkismo continuaria a ser a teoria dominante na União Soviética e na França. No caso da União Soviética, o historiador britânico Eric Hobsbawm (1995), lembra que:

Em outras circunstâncias, a controvérsia dos biólogos evolucionistas entre os seguidores de Darwin (para os quais a herança era genética) e os de Lamarck (que acreditavam na herança de características adquiridas e praticadas durante a vida do indivíduo) teria sido deixada para ser acertada em seminários e laboratórios (p. 514),

Entretanto, continua Hobsbawm (1995):

Sob Stalin, um biólogo de periferia, Trofim Denisovich Lisenko (1898-1976), conquistou o apoio de autoridades políticas com o argumento de que se podia multiplicar a produção agrícola com processos lamarckianos que abreviam os longos processos ortodoxos de reprodução de plantas e animais. Naquele tempo não era sensato discordar da autoridade. O acadêmico Nicolai Ivanovich Vavilov (1885-1943), o mais famoso dos geneticistas soviéticos, morreu num campo de trabalho por discordar de Lisenko (uma opinião partilhada pelo resto dos geneticistas soviéticos sérios), embora só depois da Segunda Guerra Mundial a biologia soviética se comprometesse oficialmente com a rejeição obrigatória da genética como entendida no resto do mundo, pelo menos até depois da morte do ditador. O efeito dessas políticas na ciência soviética foi, como seria de prever, desastroso (p. 514).

Se na União Soviética o darwinismo foi suprimido por motivação ideológica, como aconteceu com a Física pós-Einstein na Alemanha nazista, na França não havia um aparato político semelhante ao stalinismo ou ao nazismo forçando uma visão de mundo lamarckista, mas um intenso debate sobre os limites do darwinismo e uma genuína tentativa de reforma do lamarckismo. Ainda que não de deva deixar de lado o nacionalismo cultural francês no debate (o francês Lamarck contra o inglês Darwin), ele ocorreu, como deveria ser, segundo Hobsbawn (1995), em laboratórios, seminários e publicações científicas.

Com relação à França, segundo a pesquisadora Nancy Leys Stepan (2005, pp. 78-79), a maioria dos cientistas franceses viram em Lamarck uma explicação alternativa a Darwin, principalmente pela evolução e seleção natural darwinista ser aleatória, enquanto o lamarckismo propunha uma evolução lenta e intencional, de acordo com o meio ambiente. A filosofia lamarckista seria, então, amplamente aceita pelos biólogos (e eugenistas) franceses, seja por razões científicas, políticas ou nacionalistas. Mas não era, como na União Soviética, uma questão governamental; era política sim, mas na medida em que qualquer saber humano está inserido no contexto político em que é gestado.

Afinal, como afirma Stepan (2005, p. 79):

Em campos tão diversos como a antropologia, as ciências sociais, a evolução humana, a psiquiatria e, até, a nova psicanálise, as ideias de Lamarck sobre hereditariedade e evolução continuaram a desempenhar importantes papéis interpretativos.

Stepan (2005) salienta também que esta posição lamarckista estava de acordo com o que muitos cientistas latino-americanos, e não só brasileiros, concordavam. E isso não ocorria porque os latino-americanos estivessem em atraso com relação à produção científica feita na Europa, mas tão-somente porque consideravam a explicação Lamarckista válida. Stepan (2005) cita diversos casos em que demonstra que os cientistas latino-americanos conheciam o darwinismo, o mendelismo e as teorias do plasma germinativo.

Em geral, os cientistas latino-americanos estavam preocupados em reformar suas sociedades, através do uso da ciência, e o neolamarckismo parecia oferecer expectativas mais otimistas em relação às visões darwiniana,

weismanniana e mendeliana, com relação a sua aplicação para reformas sociais. Afinal, as ideias de Lamarck estavam de encontro com a tradição ambientalista e higienista latino-americana de modificação do ambiente para o aperfeiçoamento do ser humano.

Segundo Stepan (2005):

Politicamente, as noções lamarckianas justificavam a crença de que o esforço humano tinha sentido, que melhoramentos adquiridos ao longo da vida de um indivíduo poderiam ser transmitidos geneticamente, que o progresso seria possível (p. 83).

Basta lembrarmos da transformação ocorrida com o personagem Jeca Tatu na obra de Monteiro Lobato. O autor publicou em 23 de dezembro de 1914, no jornal *O Estado de São Paulo*, o conto “Urupês”, cujo personagem principal é o Jeca Tatu. Nesse conto (que de certa forma fica a meio caminho entre conto e artigo), Jeca Tatu é apresentado como um “*parasita da terra*”, “*seminômade*”, “*inadaptável à civilização*” e culpado pelo estado de atraso em que se encontra o Brasil.

Lobato (1957a) faz menção e crítica à visão que os escritores regionalistas e românticos tinham do homem do interior do Brasil, que não eram os heróis, como os Cowboys americanos de “Winchester em punho”, mas homens fracos e doentes, física e moralmente. Lobato descreve, assim, seu personagem: “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade! Se grande cuidado é espremer todas as conseqüências da lei do menor esforço – e nisto vai longe” (p. 168).

Seguindo a “*lei do menor esforço*”, a casa do Jeca é de sapé e lama, que “*faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João-de-barro*” (p. 168). Esse homem, ao confeccionar um banquinho, opta por três pernas, já que são suficientes para o equilíbrio, pois uma quarta daria trabalho.

Não faz o menor esforço mesmo para se alimentar:

a terra só quer a mandioca, o milho e a cana. A primeira, por ser um pão já amassado pela natureza. Basta arrancar uma raiz e deitá-la nas brasas. Não impõe colheita, nem exige celeiro. O plantio se faz com um palmo de rama fincada em qualquer chão. Não pede cuidados. Não ataca a formiga. A mandioca é sem-vergonha (p. 170).

Lobato culpa a “preguiça” do Jeca ao ambiente, pois “o vigor das raças humanas está na razão direta da hostilidade ambiente” (p.171), dando assim

indícios da teoria de que os trópicos seriam em si corruptos ao desenvolvimento de civilizações. Lobato, desse modo, crítica a falta de civismo e desconhecimento da nação por parte do Jeca e, também, suas superstições quanto à doença e cura. Então conclui que:

No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a infolhescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisíaca em escachôo permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive (LOBATO, 1957a).

Aí está o retrato do atraso brasileiro: o Jeca Tatu – descrito por Lobato antes de tomar conhecimento do higienismo. Em correspondência enviada ao seu amigo Godofredo Rangel em 20 de outubro de 1914, o Lobato fazendeiro descreve sua indignação com o homem do campo, o Jeca Tatu:

Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem – “agregados” aqui das terras. Persigo-os, quero ver se os estalo nas unhas. Meu grande incêndio de matas deste ano a eles devo. Estudo-os. Começo a acompanhar o piolho desde o estado de lêndea, no útero duma cabocla suja por fora e inçada de superstições por dentro (...) Contar a obra de pilhagem e depredação do caboclo. A caça nativa que ele destrói, as velhas árvores que ele derruba, as extensões de matas lindas que ele reduz a carvão. Havia uma gameleira colossal perto da choça, árvore centenária – uma pura catedral. Pois ele derrubou-a com três dias de machado – atorou-a e dela extraiu (...) uma gamelinha de dois palmos (...) Como aproveitou a gameleira, assim aproveita a terra. Queima toda uma face de morro para plantar um litro de milho (...) o piolho, afugentado, vai parasitar um chão virgem mais adiante. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma ‘entrada’, a novidade do cenário embota-lhe a visão, e ele, por comodidade, entra a ver o velho caboclo romântico já cristalizado – e até caipirinhas cor de jambo (...) O meio de curar esses homens de letra é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era eu estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca (...) Em vez de índio, caboclo” (Lobato *apud* Landers *apud* SANTOS, 2003).

Essa visão do Lobato fazendeiro vai mudando a partir do momento em que toma contato com o higienismo. Com isso, reformula suas ideias, se antes culpava o caboclo por conta de sua condição, começa a refletir sobre o

saneamento. Lobato publica uma série de artigos sobre higienismo e sanitarianismo no ano de 1918 no jornal *O Estado de São Paulo*. No mesmo ano, os artigos são reunidos em forma de livro com o título “Problema Vital”.

O livro é publicado por uma parceria entre a *Sociedade de Eugenia de São Paulo* e a *Liga Pró-Saneamento do Brasil*. A epígrafe do livro é “*O jeca não é assim, está assim*”. Isso irá anunciar a mudança de postura de Lobato frente ao homem do interior, que não é mais um indolente a ser substituído pelo imigrante italiano, mas sim um homem abandonado e doente que, se tratado pelos meios da moderna ciência, poderá ser um trabalhador ainda melhor que o imigrante italiano.

É em o “Problema Vital” que temos a segunda versão para a história do Jeca Tatu, agora com o subtítulo “*A Ressurreição*”. Esse Jeca é apresentado no início do texto de forma bem similar ao texto anterior<sup>58</sup>, mas, no capítulo cinco, o Jeca recebe a visita de um doutor (um médico sanitariano) que declara: “Amigo Jeca, o que você tem é doença.” (LOBATO, 1957 *b*, p. 331).

Em seguida, o doutor recomenda remédios e o uso de uma botina para evitar vermes. O Jeca desconfia no início, mas logo se convence, e o doutor salienta a ele: “Daqui por diante não duvide mais do que a ciência disser.” (LOBATO, 1957 *b*, p. 334). Lobato, aqui, faz sua defesa da ciência moderna como caminho para o progresso, como mais tarde faria do petróleo, do ferro e do aço, da divulgação de livros e outras diversas campanhas desenvolvimentistas que ele encampou.

Sobre os resultados do higienismo, podemos ver o seguinte trecho:

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jéca.  
A preguiça desapareceu. Quando ele agarrava no machado, as árvores tremiam de pavor. Era *pan, pan, pan...* horas seguidas, e os maiores paus não tinham remédio senão cair.  
Jéca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão para fazer uma roça de três alqueires. E plantou eucaliptos nas terras que não se prestavam para cultura. E consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves. O homem não parava, vivia a trabalhar como fúria que espantou até o seu vizinho italiano (LOBATO, 1957 *b*, p. 334).

---

<sup>58</sup> Na edição que usamos para este trabalho, de 1957, o texto está dividido em pequenos capítulos, que citaremos como forma de orientação da evolução do Jeca e, mais tarde, para comparar com o texto lançado pela Biotônico Fontoura.

O higienismo leva o homem brasileiro do interior às mesmas condições físicas e morais do imigrante italiano, que era visto como necessário para o progresso do Brasil. Afinal, na primeira metade do século XX, havia uma grande campanha em favor da imigração de europeus, propagada como necessária para o branqueamento do Brasil e mão de obra para a recente industrialização e a agropecuária cafeeira.

O higienismo lobatiano também insere o homem do campo na dinâmica capitalista:

E Jéca já não plantava rocinhas como antigamente.  
Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.  
E se alguém lhe perguntava:  
- Mas para que tanta roça, homem? Ele respondia:  
- É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui uma enorme fazenda (LOBATO, 1957 *b*, p. 336).

Lobato via no capitalismo norte-americano, bem como no higienismo, uma solução para o atraso brasileiro, como pode-se observar em outras obras, como *América*, *A Barca de Gleyre*, *O Escândalo do Petróleo e do Ferro*, por exemplo. A tecnologia e a ciência também são vistas por Lobato como formas de progresso da nação, tanto que logo que consegue virar um grande fazendeiro o Jeca Tatu traz para sua fazenda rádio, eletricidade e telefone, além de um telescópio. Por fim, toma para si a missão de higienizar o Brasil.

O texto "*Jéca Tatú: a ressurreição*" foi republicado, posteriormente, como peça publicitária a partir de 1920 por Cândido Fontoura, fundador do "Instituto Medicamento Fontoura" em 1915 e, depois, das "Indústrias Farmacêuticas Fontoura-Wyeth" dedicada à produção de penicilina, inseticidas (entre eles o célebre *Detefon*), entre outros.

Fontoura criou o Biotônico Fontoura, xarope tomado para abrir o apetite das crianças, e usou a figura do Jeca Tatu para divulgar seu produto. Distribuído em livreto junto com o xarope, o texto foi adaptado com o título *Jeca Tatuzinho* e trazia pequenas alterações. Onde Monteiro Lobato havia escrito originalmente "remédio", o texto foi substituído por "Ankilostomina Fontoura" ou "Biotônico".

A fazenda do Jeca Tatu era, inclusive, denominada “*Fazenda Biotônico*”. O livreto *Jéca Tatuzinho* é considerado a maior peça publicitária brasileira, foram impressos, desde seu lançamento, 100 milhões de exemplares<sup>59</sup>.

**Fig. 09:** O livreto “Jéca Tatuzinho”.



<sup>59</sup> Os comentários sobre o texto *Jéca Tatuzinho*, e as informações referentes a sua distribuição foram retiradas a partir da leitura da reprodução do conto no site oficial do Monteiro Lobato (<http://lobato.globo.com/>). Ver: LOBATO, Monteiro. **Jéca Tatuzinho**. Disponível em: [http://lobato.globo.com/misc\\_jeca.asp](http://lobato.globo.com/misc_jeca.asp). Acesso em: 06/09/2011.

**Fig. 10:** Ilustração de J. U. Campos para o Almanaque do Biotônico, 1935, p.4.



Para justificar a transformação possível do indivíduo, através do higienismo, como descrito por Lobato na história do Jeca Tatu, os eugenistas lamarckistas brasileiros criaram a ideia dos “venenos raciais”, em que era possível um processo disgênico devido ao uso de álcool, nicotina, morfina entre outras drogas, ou por doenças venéreas (principalmente sífilis) e outras infecções.

Desse modo, a saúde racial não dependeria apenas da hereditariedade, mas também do ambiente e da melhora da espécie (eugenia), e poderia ser alcançada com intervenções no ambiente. Essa tese ia de encontro, como afirma Stepan (2005), com as ideias nacionalistas brasileiras de melhoramento da nação, unindo eugenista e nacionalistas:

No Brasil, por exemplo, a eugenia lamarckiana conquistou aliados no movimento em prol do saneamento rural, como Belisário Penna, cuja longa viagem a cavalo, em 1912, entre as populações doentes dos estados do Nordeste brasileiro fez com que encetasse uma cruzada em prol da saúde rural. Como sogro de Kehl, que veio a ser, a adesão de Penna foi extremamente útil e estratégica para a eugenia, permitindo-lhe conquistar o apoio dos higienistas que pensavam como ele. Outros aliados foram recrutados entre as ligas nacionalistas e pró-saneamento que brotaram no Brasil antes e depois da Primeira Guerra Mundial. As relações de seus respectivos

membros e os estilos e discursos da Liga Nacionalista de São Paulo e da Sociedade Eugênica de São Paulo tinham consideráveis superposições. Na verdade, o presidente desta, Arnaldo Vieira de Carvalho, era vice-presidente daquela (p. 98).

Havia entre a intelectualidade brasileira da época uma busca em resolver os problemas da nação, que parece ter encontrado, entre as propostas higienistas e eugênicas, uma solução para a reforma nacional, reformando primeiro o elemento humano que forma essa nação. Esse será um compromisso latente na obra de ficção científica “*Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500*”, de 1929, de Adalzira Bittencourt, em que nacionalismo e eugenia se fazem presentes em uma proposta de reforma nacional (analisaremos essa obra no próximo capítulo).

A eugenia brasileira, entretanto, não era um bloco único, havia diferentes formas de recepção do pensamento eugênico. O antropólogo Edgar Roquette-Pinto, por exemplo, era leitor de geneticistas mendelianos, como Charles Davenport (que vimos no capítulo anterior), e incorporou em seus ensaios saberes da moderna genética que vinha se desenvolvendo: citologia, biometria e biologia experimental (STEPAN, 2005).

O antropólogo Edgard Roquette-Pinto<sup>60</sup> estava alinhado com o culturalismo do antropólogo norte-americano Franz Boas, sendo um adepto da eugenia positiva. Ele considerava, como solução para o Brasil, a higiene e não a raça; e via a eugenia e a higiene como complementares. Roquette-Pinto foi o presidente do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e produziu algumas reflexões teóricas sobre eugenia, higienismo e raça no Brasil<sup>61</sup>.

Em um de seus ensaios (de número 09), que compõe a obra *Ensaio de Antropologia Brasileira*, publicado originalmente em 1932, Edgar Roquette-Pinto contesta a eugenia lamarckista que via na Higiene a solução para

---

<sup>60</sup> Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), formado em medicina, mas antropólogo de profissão, participaria da fundação da Academia Brasileira de Ciências, onde por sua iniciativa foi criada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, projetada para ser uma “escola” de ciência e cultura para todos os brasileiros analfabetos. Também fundou o Serviço de Assistência ao Ensino e sua filмотeca que distribuiria filmes e *slides* para o ensino de ciências naturais, participou da criação de diversas revistas de divulgação científica (Radio, Electron e Revista Nacional de Educação), e em conjunto com o cineasta Humberto Mauro criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) que produziu e distribuiu nas escolas filmes sobre descobertas científicas, cidades históricas, higiene, biologia, literatura, etc. Ver: LIMA, Nísia. SÁ, Dominichi de. **Um Mestre da Ciência para Todos**. Revista Nossa História. Ano 2, n.º 17 de março de 2005. Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz. p. 72-75.

<sup>61</sup> Seus textos sobre eugenia estão reunidos em duas coletâneas: **Ensaio de Antropologia Brasileira e Seixos Rolados (Estudos Brasileiros)**.

melhorar a espécie. Para Roquette-Pinto existem limitações quanto à melhora de todos os indivíduos da espécie, ele aposta em uma solução eugênica mais ao estilo darwinista anglo-saxão de uma seleção artificial através do controle dos casamentos.

Outrora acreditava-se que melhorando o “indivíduo”, estava por isso mesmo, melhorada a “espécie”. Foram os tempos heróicos da Higiene, há uns trinta anos. Naquela época o problema era entregar o homem doente à medicina e o são a higiene, para o proteger. Esta prevenia a doença; aquela procurava curar os doentes. Afinal, verificou-se que a higiene, sozinha, não consegue impedir que surjam certos tipos de enfermos. Porque há “doenças da raça”, há doenças ou deficiências do gérmen. E a higiene não vai lá. Mais depressa vai lá a Educação, promovendo a seleção artificial da boa semente, facilitando a sua larga propagação e entretendo, senão estancando, a má. De onde ser a “herança biológica” o verdadeiro domínio da Eugenia (ROQUETTE-PINTO, 1982, p. 44).

Edgar Roquette-Pinto via na educação permanente a solução para os problemas do Brasil e do povo brasileiro, podendo-se identificar uma passagem de ideias centradas na biologia para outras centradas na cultura. Para além do higienismo profilático, Roquette-Pinto passa a defender que o verdadeiro higienismo é educacional (RANGEL, 2010).

Renato Kehl, médico e “pai da eugenia no Brasil” (SOUZA, 2006, p. 29), era um pessimista quanto ao futuro do Brasil, propôs o controle governamental sobre o casamento e a esterilização dos degenerados (doentes, tarados, miseráveis e alcoólicos) para construção de uma nação moderna e próspera (SANTOS, 2005).

O médico Renato Kehl apesar de “não ser o único eugenista brasileiro, sem dúvida foi ele quem melhor planejou e expressou os desejos e anseios de todos os eugenistas em nosso país” (DIWAN, 2007, p. 123). Kehl formou-se farmacêutico (1909, Escola de Farmácia de São Paulo) e médico (1915, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), trabalhou no laboratório alemão da Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer, Bayer do Brasil, e na clínica médica, mas se destacou sobretudo como escritor de textos de divulgação médico-eugenista e na organização do movimento eugenista no Brasil.

Sua carreira de eugenista compreende:

Uma ampla obra escrita, publicou mais de trinta livros, a partir de 1917, sobre a temática eugênica. *A cura da fealdade* (1923), *Lições de eugenia* (1929), *Sexo e Civilização* (1933), *Por que sou eugenista?*

(1937) e *Typos Vulgares* (1946) figuram entre os principais, publicados, em sua maioria, pela Editora Francisco Alves, sediada no Rio de Janeiro. Além disso, foi o editor responsável do periódico *Boletim de Eugenia* (1929-1931), durante os três anos de sua circulação, e editou a *Revista Terapêutica, Vida Rural e O farmacêutico brasileiro*, todas financiadas pela Casa Bayer do Brasil entre as décadas de 1920 e 1940. Publicada também regularmente nos principais jornais do país. Manteve relações epistolares com outros eugenistas brasileiros e com os principais representantes do eugenismo internacional durante diversos anos, o que lhe valeu prestígio e reconhecimento no meio intelectual (DIWAN, 2007, p. 124).

Ainda, segundo Pietra Diwan (2007), Kehl teve dois distintos momentos teóricos em sua carreira como eugenista. No primeiro, defendia uma eugenia positiva, entre 1917 e 1928, que se alinha aos ideais higienistas e sanitaristas. Já, após uma viagem a Alemanha, passa a defender uma eugenia negativa, em que debate o uso de métodos de esterilização e restrição da imigração.

É possível que a mudança de postura de Renato Kehl seja resultado não apenas de sua estadia na Alemanha, mas de uma nova postura teórica. Kehl, como muitos eugenistas e higienistas, foi primeiramente um leitor de Lamarck, e, possivelmente por isso, acreditava que os métodos higienistas poderiam transformar o homem brasileiro. Logo Kehl torna-se leitor de Gregor Mendel, August Weismann, Darwin e do próprio Galton (DIWAN, 2007), então se volta para uma postura mais conservadora e de crítica à falta de distinção entre eugenia e saneamento (STEPAN, 2005).

Apesar dessa aparente mudança teórica, enfatiza Stepan (2005, p. 105), o que prevalecerá será uma eugenia teoricamente “ecclética”, uma vez que “mesmo Kehl tinha dificuldades em abandonar a noção lamarckista de eugenia preventiva, que por tanto tempo havia definido o movimento no Brasil”. Assim, entre as medidas de salvação nacional propostas por Kehl, misturam-se medidas de eugenia positiva e negativa: a separação dos tipos eugênicos; a eliminação dos fatores disgênicos (medida de higiene) e controle da imigração.

Em seu texto “Tipos Vulgares<sup>62</sup>”, Renato Kehl propõe a psicologia psicocrítica, que “pretende a análise do dinamismo psíquico a fim de desvendar a verdadeira estrutura da personalidade” (p. 166). Kehl critica a psicologia por

---

<sup>62</sup> Para efeito deste trabalho, usamos a seguinte edição: **Tipos Vulgares: Introdução a Psicologia da Personalidade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1940.

ser muito teórica e não se assentar na análise científica dos tipos humanos, que é o que ele propõe nesse texto.

Ele diz ser necessário “demarcar o que é consequência da hereditariedade”, daquilo que seria “resultado da aquisição”, tendo em vista que esta acontece através da interação do indivíduo com o meio (p. 167). Ele recomenda medidas higiênicas precoces “psicopedagógicas”, “higiene mental e a mudança de meio”, na correção dos indivíduos, mas também sugere medidas de eugenia positiva, como “impedir o matrimônio prolífico dos indesejáveis”. (p. 169). Nota-se que Kehl permanece se orientando por diferentes tipos de medidas eugênicas: positiva e negativa.

O texto “*Psicologia da Personalidade*<sup>63</sup>” é, segundo o próprio autor:

Utilíssimo aos médicos, advogados, pedagogos, administradores, homens de negócio, estudantes das escolas secundárias, normais e superiores – são estudados os problemas psicológicos sob novos aspectos, tendo em conta que, nestes últimos cinco lustros, a psicologia passou, não sem tempo, de especulativa e palavrosa, para objetiva e prática, saindo portanto, do terreno estéril das concepções abstratas para entrar decididamente no campo aberto das observações e comprovações positivas (KEHL, 1945, p.15).

Nesse texto, Kehl defende uma “*interdependência somática e psíquica (corpo e espírito = indivíduo e personalidade)*” do homem, bem como a necessidade da psicologia estudar “*as condições fisiológicas*” e “*do meio ambiente externo*” para entender o desenvolvimento dos diversos tipos de personalidade. Ele clama por uma psicologia de campo, que não seja teórica e nem laboratorial, pois o homem deve ser entendido em seus “*círculos habituais*” (1945, p. 15).

As ideias eugenistas de Renato Kehl não abandonam de todo o lamarckismo, como também não absorve as ideias de Gregor Mendel, August Weismann e Darwin completamente. Há em sua obra uma tensão teórica entre Lamarckismo e Darwinismo. Como no trecho abaixo:

Só pelo conhecimento dos defeitos próprios, dos seus motivos e consequências, conseguem os nossos semelhantes valer-se dos recursos indispensáveis para “melhorarem”, quando “melhoráveis”, e para se “curarem”, quando “curáveis” (KEHL, 1945, p. 17).

---

<sup>63</sup> Para este trabalho usamos a seguinte edição: **Psicologia da Personalidade: Guia de orientação psicológica**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1945.

O discurso de Kehl mantém algo da eugenia positiva (lamarckista), quando diz que é possível “melhorarem” ou “curarem”, mas evidencia uma passagem para a eugenia negativa (galtoniana e darwinista), ao dizer que podem existir pessoas não melhoráveis e não curáveis. Agora, passaremos a uma breve discussão sobre as relações entre eugenia e raça no Brasil.

### 5.3 Eugenia e Raça no Brasil

Como vimos no capítulo II deste trabalho, a eugenia além de pregar o aperfeiçoamento do ser humano, também serviu de justificativa para a separação entre as raças, pois logo os eugenistas identificaram algumas raças, em especial a raça negra, como disgênica. Esse processo, no entanto, teve no Brasil uma receptividade ambígua (SILVA, 2005).

No Brasil, o problema racial já estava na ordem do dia, e a eugenia foi recebida não passivamente nesse debate, mas foi a ele incorporado. Havia uma intelectualidade, como salienta Skidmore, que “fechava os olhos, porém, ao problema todo da negritude” (1976, p. 204). Essa intelectualidade pensava em reformar o homem brasileiro, mas esse homem a ser reformado, o Jeca Tatu lobatiano, “não tinha, pelo menos na concepção geral, uma gota sequer de sangue africano. Muito pelo contrário. Pensava-se que ele fosse (no que pesasse a realidade) um branco retrógrado, com, talvez, um pouco de sangue índio” (SKIDMORE, 1976, 204).

O negro em geral era visto como uma condição a ser superada através do branqueamento. No início do século XX o antropólogo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, João Batista de Lacerda, em dois textos publicados em 1911<sup>64</sup> e 1912<sup>65</sup>, desenvolveu suas ideias sobre o branqueamento futuro da população brasileira, que aconteceria até o início do século XXI – exercício de futurologia realizado a partir de um diagrama elaborado por Edgar Roquette-Pinto<sup>66</sup>. Lacerda era um “poligenista convicto, acreditava na existência de

---

<sup>64</sup> Sur les Métis au Brésil (Paris, Imprimerie Devouge).

<sup>65</sup> O Congresso Universal das Raças: Apreciação e Comentários (Rio de Janeiro, Papelaria Macedo).

<sup>66</sup> SEYFERTH, Giralda. **A antropologia e a teoria do Branqueamento da Raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda**. Revista do Museu Paulista. Nova Série / Vol. XXX: São Paulo, 1985.

vários centros de criação humana, mas continuava supondo que a evolução era única em direção à civilização” (SCHWARCZ, 1993, p. 75).

Lacerda não foi o criador dessa teoria<sup>67</sup>, mas deu continuidade a um pensamento que ganhava adeptos entre a intelectualidade brasileira, que no início do século XX cada vez mais se preocupava com os rumos futuros da nação. Segundo Skidmore (1976), houve, principalmente durante e após a primeira guerra mundial, grande produção intelectual de cunho nacionalista no Brasil. E uma das preocupações mais frequentes era quanto à formação do povo brasileiro.

Em um contexto em que a miscigenação racial era vista na Europa como sinal de decadência civilizacional, a intelectualidade brasileira encontrou no branqueamento uma forma de incentivar a imigração branca européia e de acabar com o estigma de país destinado a não-civilidade.

A ideia de que a mistura de raças levaria a baixo estágio de civilidade foi propagada pelo teórico racista francês Joseph Arthur de Gobineu (1816-1882). Gobineu, que foi representante diplomático da França no Brasil entre 1869-1870, defendia que o Brasil nunca alcançaria um estágio elevado de civilidade, tendo por parâmetro os estados europeus, devido a mistura de raças desiguais.

Enquanto teóricos como Gobineu, que em seu texto *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855), via a miscigenação como um processo que enfraquecia a “raça superior branca” ao se misturar com a “raça inferior negra”, os teóricos do branqueamento alegavam que a mistura levaria ao branqueamento do negro, devido à superioridade do homem branco.

Segundo Andreas Hofbauer (2006), comentando as ideias de Lacerda:

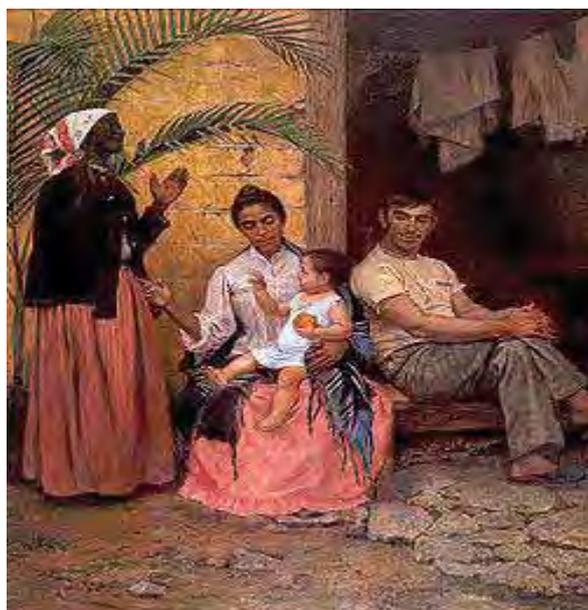
A esperança na construção de um novo grande país sem dúvida influenciou suas considerações sobre o “cruzamento” inter-racial. No trabalho apresentado no Congresso Universal das Raças, Lacerda (1911, p.8) constatava que os “produtos” do casamento entre branco e negro não constituíam uma raça própria em razão da sua pouca estabilidade, que fazia com que em novos cruzamentos tendessem a voltar ao tipo branco ou preto. Coerentemente com a sua proposta otimista em relação à possibilidade de influir no caminho da natureza por meio da imposição de valores cristãos e leis humanas, o mestiço não aparece em sua reflexão como “bastardo decadente, mas como “sujeito em vias de transformação em branco” (p. 208).

---

<sup>67</sup> Uma detalhada história do surgimento e desenvolvimento da ideia de branqueamento pode ser encontrada no livro “Uma história do branqueamento ou o negro em questão” do antropólogo Andreas Hofbauer (ver referências bibliográficas). Para efeito deste trabalho faremos nosso comentário a partir das ideias de João Batista de Lacerda.

Como forma de ilustrar suas ideias de branqueamento, a primeira página do texto lido por Lacerda trazia cópia de um quadro do pintor espanhol Modesto Brocos y Gómez (1852-1936). Ver figura abaixo:

**Fig. 11:** *A Redenção de Can* (1895).



O nome “Can”, que pode ser grafado “Ham” ou “Canaã”, se refere a um dos filhos de Noé, que foi amaldiçoado por seu pai, por ter sido visto nu, quando ele estava em embriaguez. Ao invés de cobri-lo, como fizeram seus irmãos, esse filho riu de Noé. A maldição tornava toda a descendência de “Can” sujeita a escravidão. Segundo essa tradição, “Can” seria negro. Com isso, esse mito justificou historicamente a escravidão de negros por cristãos e muçulmanos. Para uma história detalhada ver Hofbauer (2006).

O quadro em si é um resumo da crença no branqueamento, pois uma senhora idosa negra encontra-se em posição de agradecimento a Deus, enquanto que uma jovem mulata segura uma criança branca, ao lado de um homem mais claro que ela. Pode-se interpretar que a avó negra está dando graças de sua redenção como descendente de “Can”, devido ao branqueamento de seu neto. Era o que esperavam os teóricos do branqueamento, que ao longo das gerações a população brasileira fosse ficando cada vez mais branca.

Alguns eugenistas, principalmente no condizente à imigração, adotaram teses eugenistas considerando ser fundamental para a nação brasileira aumentar o número de brancos, a fim de acelerar o processo de branqueamento. Podemos citar, como síntese desse pensamento, uma passagem da tese de doutoramento do médico e eugenista Paulo C. Azevedo Antunes, *Eugenia e Imigração* (1926-Faculdade de Medicina de São Paulo):

Já ouvimos alguém dizer que o Brasil não tem direito de ser exigente quanto á escolha do imigrante porquanto é um paiz onde existe grande porcentagem de sangue africano, de analphabetismo e de moléstias. Julgamos que isso não é motivo para que aumentemos a nossa taxa de negros, analphabetos e doentes, mas justamente ao contrário, para que tratemos de diluir o sangue negro e de eliminar os dois males citados, seleccionando ao mesmo tempo o elemento imigrante afim de que aquelle trabalho não resulte improfícuo. Devemos portanto, si pensarmos no futuro da nossa raça e da unidade nacional, realizar na imigração uma seleção rigorosa, não só quanto aos indivíduos em particular mas também quanto á raça de que elles dimanam (ANTUNES *apud* SILVA, 2005, p. 81).

O branqueamento podia ser entendido como um processo lamarckista de evolução direcionada a um objetivo, através da permanência dos caracteres desejados, nesse caso, a cor branca. Assim essa era uma tese que estava de acordo com as expectativas dos eugenistas lamarckistas brasileiros, uma vez que, como demonstra a pintura *A Redenção de Can* (1895 – Figura 10), poder-se-ia ver, numa perspectiva eugenista lamarckista, uma clara intenção do negro em se tornar branco.

Esse ideal era tão predominante que, segundo pesquisa do antropólogo Andreas Hofbauer (2006), permeou até mesmo o movimento negro da primeira metade do século XX. Hofbauer cita o caso do jornal *Getulino* (1923-1926), que deu início à imprensa negra no Brasil, e que, mesmo sendo um jornal que reivindicava direitos iguais para os negros, criticava, por exemplo, a imigração de negros norte-americanos, enquanto saudava a imigração de brancos europeus. A imigração de negros americanos poderia dar fim ao projeto de branqueamento da população Brasileira:

A immigração negra norte-americana, prejudica a solução do problema negro brasileiro e ameaça a harmonia da raça e a paz da nação (...) Apoiamos francamente attitude patriótica assumida pelo governo ante a grave ameaça de immigração negra, e a combateremos vigorosamente pela pena e pela palavra porque Ella representa, indiscutivelmente, o maior prejuízo para a solução do problema negro brasileiro.

A vida de negros norte-americanos será o golpe de morte para aquela obra mathematica, do desaparecimento gradativo da raça negra no Brasil (HOFBAUER, 2006, p. 347).

Esse breve comentário demonstra a força ideológica do branqueamento, mesmo entre a população negra. Pode-se inferir que o branqueamento era uma ideologia bastante difundida e, como veremos no próximo capítulo, tornara-se presente também nos imaginários futuros eugenistas idealizados pelos escritores brasileiros de ficção científica.

Se o branqueamento estava afinado com as ideias dos eugenistas brasileiros de orientação lamarckista, o mesmo não se pode dizer de alguns eugenistas, e aqui enfatizamos Renato Kehl, que tinham forte orientação mendeliana e galtoniana. Renato Kehl acreditava que a miscigenação não levaria ao processo de branqueamento, mas sim ao de mulatização da raça branca.

Para Kehl, o determinismo genético é imperativo e, uma vez que existe alto índice de fecundidade entre indivíduos inferiores (que além dos doentes, loucos, etc., seriam também os negros), a sobrevivência da raça branca estaria ameaçada (DIWAN, 2007). Citamos *Sexo e Civilização*:

É indiscutível o antagonismo e mesmo a repulsa sexual existente entre indivíduos de raças diversas. Só motivos acidentais ou aberrações mórbidas fazem unir-se via de regra, um homem branco com uma negra ou vice-versa. E o produto deste conúbio nasce estigmatizado não só pela sociedade, como, sobretudo, pela natureza; está hoje provado, não obstante a grita de alguns cientistas suspeitos, que mestiço é um produto não consolidado, fraco, em elemento perturbador da evolução natural (KEHL apud DIWAN, 2007, p. 134).

Neste capítulo, acreditamos termos conseguido demonstrar que o movimento eugênico no Brasil teve diversas influências e compartilhou ideias já divergentes na sociedade brasileira, diferenciando-se da eugenia em outras nações. Como movimento social, a eugenia absorveu ideias e práticas da sociedade brasileira. Predominantemente Lamarckista, encontrou no branqueamento uma ideologia racista mais afinada com sua postura higienista. Mesmo assim, não se configurou como bloco de ideias, já que um de seus grandes divulgadores, Renato Kehl, torna-se mendeliano e repudia alguns dos

mais caros ideais da eugenia lamarckista, como a herança dos caracteres adquiridos e do branqueamento.

No próximo capítulo, em que falaremos das obras de ficção científica brasileiras de caráter eugenista, poderemos ter – já que é o objetivo deste trabalho – uma ampla visão de como a eugenia brasileira, em todas as suas formas, perpassou o imaginário cultural brasileiro e as expectativas de alguns literatos sobre o futuro da nação.

## **CAPÍTULO. VI- O Futuro Eugenizado: pensamento eugênico, nacionalismo e ficção científica no Brasil.**

Três distintas imagens do futuro eugenizado do Brasil foram “gestadas” na primeira metade do século XX, ambas por intelectuais e escritores relevantes na vida nacional: Monteiro Lobato, Berilo Neves e Adalzira Bittencourt. O primeiro, no romance *O Presidente Negro ou O Choque das Raças*, publicado em 1926, relata um hipotético futuro eugenizado. Apesar da narrativa se passar predominantemente nos Estados Unidos da América, revela muito do programa eugênico que o autor pretendia para o Brasil.

Bittencourt, em *Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500*, de 1929, concentra sua narrativa em um hipotético Brasil governado por uma mulher, que leva a cabo um programa eugênico, em que as mulheres são os agentes ativos. Aqui a autora, uma das poucas intelectuais femininas a ter destaque no movimento eugênico, vê a mulher em um papel preponderante nesse futuro eugenizado.

Já Berilo Neves, em diversos contos, produz uma ficção científica em que a questão de gênero, ou seja, o papel social tradicional da mulher é descaracterizado devido aos avanços eugênicos. A mulher será “superada” e dispensável no futuro eugênico de Neves.

### **6.1 LOBATO E O PENSAMENTO EUGÊNICO**

No final do ano de 2010, a partir de uma denúncia de um aluno de mestrado da Universidade de Brasília à Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, o Conselho Nacional de Educação teve que se posicionar com relação ao livro *Caçadas de Pedrinho* (1933), de autoria de Monteiro Lobato (1882-1948), por seu conteúdo racista.<sup>68</sup>

A decisão do CNE, que afirma o caráter racista de certas passagens do livro, não foi de proibi-lo, mas de recomendar um trabalho em paralelo à leitura do livro, a ser realizado pelos professores a respeito do tema racismo e sua construção histórica no Brasil. Questões sobre a existência ou não do racismo

---

<sup>68</sup> “Conselho Quer Vetar Livro de Monteiro Lobato em Escolas”. *Folha de S. Paulo*. Sexta-feira, 29 de outubro de 2010.

em escritos de Monteiro Lobato já vinham ganhando força desde a eleição do presidente Barack Obama nos Estados Unidos em 2008. Isso porque Monteiro Lobato, no romance *O Presidente Negro ou O Choque das Raças*, publicado em 1926, imagina um futuro eugênico, em que um presidente negro é eleito nos Estados Unidos da América. Nesse livro, que é o único romance adulto de Lobato, ele constrói uma narrativa que se passa em dois momentos distintos: em 1928 e trezentos anos no futuro, no ano de 2228.

Ayrton, cobrador da empresa Sá, Pato & Cia., sofre um acidente automobilístico na região de Friburgo (Rio de Janeiro) e é resgatado pelo recluso Professor Benson, que o leva para sua residência. Ali, ele trava contato com a grande invenção de Benson, o “porviroscópio”, um dispositivo que permite ver o futuro. Ayrton conhece, então, *miss Jane*, a bela e racional filha do cientista. Como é de se esperar, ele se apaixona platonicamente por *miss Jane*, e passa a frequentar a residência do Prof. Benson, mesmo após sua morte. Em suas visitas, Ayrton ouve o relato de fatos ocorridos no futuro, no ano de 2228, envolvendo a eleição para presidente dos Estados Unidos, conforme assistidos por *miss Jane* antes de seu pai destruir o “porviroscópio”.

Nesse futuro, existem três partidos americanos: o Partido Masculino, o Partido Feminista e o Partido Negro. Tendo em vista a população da época, descontado os menores que não poderiam votar, cada partido teria respectivamente o seguinte número de eleitores: 51 milhões (PM); 51 milhões (PF); e 54 milhões (PN).

O Partido Feminista é composto apenas por mulheres brancas, e os negros têm em média pouco mais que um terço dos votos, inviabilizando assim a eleição do representante de seu partido. Essa situação é modificada no ano de 2.228, quando três candidatos disputam o cargo para o executivo norte-americano: Kerlog (que pretende ser reeleito pelo PM); Evelyn Astor (pelo PF) e Jim Roy (pelo PN). A divisão dos brancos em duas candidaturas possibilita a eleição de Jim Roy. Monteiro Lobato permeia a narrativa com algumas considerações raciais. Diz que, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, houve erros iniciais na composição dessas nações: ter trazido o negro para a América quando eles deveriam ter permanecido na África.

Lobato afirma que a segregação conforme implantada nos Estados Unidos é a melhor saída para esse problema. Aqui ele critica diretamente o

antropólogo do Museu Nacional do Rio de Janeiro, João Batista de Lacerda, que, em um texto publicado em 1911<sup>69</sup>, desenvolveu suas ideias sobre o branqueamento futuro da população brasileira, que aconteceria até o início do século XXI. Em um trecho de *O Presidente Negro*, criticando o branqueamento, Monteiro Lobato declara: “A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável penhora de caráter”.<sup>70</sup>

No romance, entretanto, ele postula uma solução eugênica para o Brasil: no futuro, as regiões Sul e Sudeste se unirão à Argentina e ao Uruguai para formar a grande República Branca do Paraná, enquanto as regiões Norte e Nordeste serão entregues aos negros, índios e mestiços. Já os americanos, agora com um presidente negro, não se sujeitariam a dividir sua nação ou ferir sua Constituição, expulsando os negros para a África; assim, nesse país, a solução foi de outra magnitude. Para Lobato, muito melhor.

Inicialmente Lobato invoca um processo artificial de branqueamento que teria deixado os negros “*horriavelmente esbranquiçados*”, mas, mesmo após a “*despigmentação*”, os negros não poderiam ser aceitos pelos brancos orgulhosos de sua raça e cor diante daquele “*esbranquiçado — um pouco desse tom duvidoso das mulatas de hoje que borram a cara de creme e pó de arroz*”.<sup>71</sup>

É, então, que um inventor americano propõe uma solução: alisar os cabelos dos negros através do uso de raios ômega. Milhões de negros, na verdade a totalidade deles, passam pelo processo de alisamento, sendo que, em todos os bairros de todas as cidades americanas, filiais da empresa do inventor são abertas. Monteiro Lobato, assim, revela a grande saída americana, o genocídio: os ditos “raios ômega”, além de alisarem os cabelos dos negros, provocam a sua esterilização total.

A forma com que *O Presidente Negro* é escrito — em que as soluções eugênicas são sempre descritas e narradas com entusiasmo pelos personagens, sendo que não existe um contraponto às ideias eugênicas — deixa claro uma defesa de políticas eugênicas por parte de Lobato.

---

<sup>69</sup> Sur les Métis au Brésil / Paris, Imprimerie Devouge.

<sup>70</sup> Monteiro Lobato. *O Presidente Negro ou O Choque das Raças*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967, p.206.

<sup>71</sup> *Idem, ibid.* p. 218.

Lobato constrói o texto de forma a defender uma política eugênica. Sobre o caráter eugenista e racista de “*O Presidente Negro*”, o escritor de ficção científica, poeta e pesquisador André Carneiro, no seu “*Introdução ao estudo da ‘sciense-fiction’*” (1967), diz que:

Embora aparentemente uma brincadeira de talento, encerra um quadro do que realmente seria o mundo de amanhã, se fosse Lobato o reformador... O conserto do mundo pela eugenia, o ajuste do casamento por meio das “férias conjugais”, a cidade de Erópolis, o teatro onírico... como H. G. Wells, Monteiro Lobato talvez não tenha imaginado coisas e sim apenas “antecipado” coisas. O presidente negro, além de fraco literalmente, é um livro racista, contra a raça negra (CARNEIRO, 1967, p 109).

Carneiro então expõe diversos trechos de o presidente negro, e conclui que:

Não conhecemos no Brasil linguagem semelhante a respeito de raça, nem preconceito mais violento, que só encontraria paralelo na Alemanha da época nazista. Aliás, a leitura atenta dos livros infantis de Monteiro Lobato já mostra essa atitude protetora, mas sarcástica e superior, em relação aos homens de cor, que são sempre intitulados “negros”. Sua conhecidíssima personagem, a cozinheira Anastácia, é somente chamada de “negra”, “negra beijuda” e suas reações são sempre de animal de estimação, bem tratado, mas subserviente e inferior (CARNEIRO, 1967, p. 111).

Ainda, prossegue Carneiro:

Não seria justo desculpar o livro de ficção científica do Lobato, classificando-o como mera brincadeira, para esquecer ou encobrir o racismo...

Não se pode negar a Lobato suas qualidades combativas para um Brasil independente, o interesse de sua obra para a infância, mas também não poderíamos deixar oculta essa lamentável realidade do seu racismo, indisfarçavelmente comprovado em *O Presidente Negro* que, escrito em 1929, foi reeditado em 1945, em plena maturidade e com anuência do autor (CARNEIRO, 1967, p. 111-112).

O crítico literário Léo Godoy Otero, em sua *Introdução a uma história da ficção científica* (1987), afirma que:

O autor de “Cidades Mortas”, “Urupês” e outras estórias, aqui é um racista confesso, amargo, ao escrever esta satânica “epopéia”... A propósito, “O Presidente Negro” teria tido sua tradução rejeitada nos Estados Unidos, exatamente em virtude do racismo nele existente (p. 187-1888).

Fausto Cunha, crítico literário e escritor de ficção científica, caracteriza “O Presidente Negro”, como “uma brincadeira de mau gosto contra a raça negra, e uma brincadeira levada longe demais” (1974, p. 7), inclusive o subtítulo do capítulo de seu ensaio sobre a história da ficção científica no Brasil, “*A Ficção Científica no Brasil: um planeta quase desabitado*”, é intitulado “*Um precursor indesejável*”, para se referir ao mal-estar que O Presidente Negro gera entre fãs brasileiros de ficção científica.

A forma com que *O Presidente Negro* é escrito por Monteiro Lobato deixa claro uma defesa de políticas eugênicas por parte dele. Ainda, para comprovar as intenções eugênicas de Lobato, podemos recorrer às cartas e prefácios resultantes de sua amizade com o médico eugenista Renato Kehl, que assumiu, principalmente entre 1917-1940, o debate intelectual e político em defesa da eugenia no Brasil. Tanto que Lobato o intitula “pai da eugenia brasileira”, como se pode verificar em missiva pertencente à coleção de cartas de Lobato do Fundo Renato Kehl, do Centro de Documentação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro:

Renato, Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu *Choque*, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoai a este estropeado amigo. [...] Precisamos lançar, vulgarizar estas idéias.<sup>72</sup>

Não está Lobato afirmando justamente o caráter eugênico do seu texto, que deveria ser uma forma de vulgarizar, ou como dizemos hoje, divulgar as ideias eugenistas?

Mas, voltemos a falar um pouco mais de Renato Kehl. Como médico e divulgador do pensamento eugenista, como já afirmamos anteriormente neste trabalho, Kehl publicou mais de duas dezenas de livros diretamente relacionados aos estudos eugênicos, além de inúmeros artigos e entrevistas editadas através da imprensa e em revistas especializadas, tanto no Brasil quanto no exterior. Em 1918, com a colaboração do médico Arnaldo Vieira de Carvalho, fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo e, em 1931, a Comissão

---

<sup>72</sup> As cartas entre Lobato e Renato Kehl foram trocadas particularmente entre os anos de 1922 e 1923. Ver Pietra Diwan. *Raça Pura: Uma História da Eugenia no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 110.

Central Brasileira de Eugenia (DIWAN, 2007). Kehl defende uma política biológica nacional, que deveria propor as seguintes medidas:

1) registro do pedigree das famílias; 2) segregação dos deficientes criminais; 3) *esterilização dos anormais e criminosos*; 4) neo-malhusianismo com os processos artificiais para evitar a concepção nos casos especiais de doença e miséria (controle do nascimento); 5) regulamentação eugênica do casamento e exame médico pré-nupcial obrigatório; 6) educação eugênica obrigatória nas escolas secundárias e superiores; 7) propaganda popular de preceitos e conceitos eugênicos; 8) luta contra os fatores disgenizantes por iniciativa privada e pelas organizações oficiais; 9) testes mentais das crianças entre 8 e 14 anos; 10) regulamentação dos filhos ilegítimos; 11) estabelecimento de cuidados pré-natais das gestantes e pensões para as mulheres pobres; 12) regulamentação da imigração sobre a base da superioridade média dos habitantes do país, estabelecidos por testes mentais; 13) estabelecimento dos defeitos hereditários disgênicos que impedem o matrimônio e os que podem servir de base à pleiteação do divórcio<sup>73</sup>.

É esse intelectual, cujas ideias eugênicas estiveram presentes já em seus primeiros escritos, que Monteiro Lobato convida a prefaciar o livro *Problema Vital*, de 1919, que inclusive trazia o seguinte esclarecimento: “Artigos publicados n’ O Estado de São Paulo, e enfeixados em volume por decisão da Sociedade de Eugenia de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil”<sup>74</sup>.

Mais tarde, em agradecimento, Monteiro Lobato irá prefaciar por sua vez o livro *Bio-Perspectivas: Dicionário Filosófico* (Livraria Francisco Alves, 1938) de autoria de Renato Kehl, sobre o qual Lobato diz que “Renato Kehl me parece o mais acabado tipo de cientista que a nossa atualidade pensante possui (p. 9). Tal afirmação é bastante conclusiva do pensamento de Lobato sobre as ideias eugênicas de Renato Kehl, das quais ele compartilhava.

---

<sup>73</sup> KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1929. p. 155-156.

<sup>74</sup> LOBATO, Monteiro. **O problema Vital**. In: Obras completas de Monteiro Lobato V. 8. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 221.

## 6.2 O FEMINISMO EUGÊNICO DE BITTENCOURT

Publicado em 1929, apenas seis anos após *O Presidente Negro, Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500*,<sup>75</sup> de Adalzira Bittencourt, tem o mesmo caráter panfletário<sup>76</sup> da obra de Lobato, em que a ficção está a serviço de um programa político eugênico.

Adalzira Bittencourt nasceu em Bragança Paulista, interior de São Paulo, em 2 de novembro de 1904, e faleceu no Rio de Janeiro em 28 de outubro de 1976. Escritora com vasta produção,<sup>77</sup> duas obras suas são dedicadas à defesa de uma política eugenista: *Trinta e Sete Dias em Nova York*<sup>78</sup> e *Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500*. A primeira é um relato de viagem e a segunda, um romance de ficção científica.

Bittencourt foi professora, escritora e ativista social, tendo se destacado como alguém que tinha um projeto de vida ligado ao desenvolvimento do país. Infelizmente, boa parte de suas ideias se sustentavam sobre alicerces intratáveis, como a “ciência” da eugenia e ideologias racistas e fascistas.

Tendo conseguido se formar em Direito em 1927, pela Faculdade do Largo do São Francisco, em São Paulo, como a única mulher de sua turma, continuou sua formação estudando Sociologia na Itália e Direito Internacional na Holanda. Interessada em Educação, fundou uma escola para menores abandonados, questão que a preocupava muito, como salientado no memorialístico *Trinta e Sete Dias em Nova York*:

Contei-lhe o que era interessante e no meu entusiasmo pelo assunto escorreguei e já ia apontando os desleixos que há no Brasil, a falta de assistência em que vivem as nossas crianças, etc., mas acordei a tempo, e procurei só falar nas coisas boas. Para empanar alguma mazela disse-lhe duas ou três mentiras patrióticas sobre coisas que estávamos realizando ou cogitando realizar, mas na verdade vivem apenas no meu sonho, encaraminhadas no meu cérebro e que eu desejaria fazer, se me fosse possível [...].<sup>79</sup>

---

<sup>75</sup> A publicação original foi editada em São Paulo pela casa editorial Schmidt, para efeito deste texto utilizamos a seguinte edição: “Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500”. In: Quinlan, Susan C.; Sharpe, Peggy, eds. *Visões do Passado, Previsões do Futuro: Duas Modernistas Esquecidas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFG, 1996.

<sup>76</sup> Ou seja, de divulgação de ideias eugenistas.

<sup>77</sup> Foi inclusive homenageada em sua cidade, onde seu nome foi dado à Biblioteca Municipal em 1968.

<sup>78</sup> Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1943. Não conhecemos republicação desse texto.

<sup>79</sup> Adalzira Bittencourt. *Trinta e Sete Dias em Nova York*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1943, pp. 27-28.

O assunto era os menores abandonados. Ela revela que tinha ideias de como lidar com a questão: fundando uma escola. Mais tarde, em 1951, criou também o jornal *Mensageiro do Lar das Crianças*. Anteriormente, já havia sido redatora do jornal internacional *La Jeunesse et La Paix Du Monde*, além de fundar e dirigir o periódico *O Miosótis* em São Paulo.

Ainda na área da Educação, criou o *Clube Cruz Verde*, com o propósito de ensinar a juventude a amar e respeitar a natureza, em uma antecipação das recentes preocupações ambientalistas. Em 1932, já havia criado a *Liga Infantil Pró-Paz*, considerada a primeira organização pacifista do Brasil.

Escritora militante, Adalzira Bittencourt teve seus primeiros poemas publicados na imprensa paulista e mineira. Seu primeiro livro de poesias, *Mal-me-quer*, com prefácio de Vicente Carvalho, sai em 1919. Publicaria diversas outras obras poéticas: *A Corça e o Leão* (1929), *Alegria* (1940), *Surgiu no Céu Mais uma Estrela* (1943), *Das Rosas Tapecei teus Caminhos* (1952) e *Ofertório* (1951)<sup>80</sup>.

Mas, além de escrever, foi sempre militante na divulgação e difusão da poesia brasileira. Realizou conferências sobre literatura brasileira no Brasil, Estados Unidos, México e Argentina; neste país, quando residiu em Buenos Aires, promovia a Hora da poesia brasileira na *Associação Cultural Argentina-Brasileira Júlia Lopes de Almeida*.

Nas Letras, foi membro-fundadora da Academia Feminina de Letras (RJ), sendo aclamada sua primeira presidente. Ela escreveu uma extensa obra de pesquisa em relação a mulheres escritoras no Brasil<sup>81</sup>.

No campo político, escreveu registros memorialísticos e panfletos<sup>82</sup>, biografias<sup>83</sup>, fez conferências<sup>84</sup> sempre marcadas pela defesa do feminismo e

---

<sup>80</sup> Ver: COELHO, Nelly Novaes. Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711 - 2001). São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 22.

<sup>81</sup> *Mulheres e livros* (1948), *A mulher paulista na história* (1954); *Ana Pimentel: governadora; Antologia de letras femininas* (1948); e o *Dicionário de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil* (3 vol. 1972), que não concluiu.

<sup>82</sup> *Direito de curar* (Rio de Janeiro: [s.n.], 1942), e *Trinta e sete dias em Nova York* (Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1943), respectivamente.

<sup>83</sup> *Surgiu no Céu mais uma estrela* (1943) e *Getúlio Vargas Visto no Estrangeiro* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Ciência Política, 1952), resultado de uma conferência proferida em 1943.

<sup>84</sup> *Direito de curar*, conferência dada durante o Primeiro Congresso sobre a Saúde da Raça, posteriormente publicada, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Urologia, em 1942, e

de políticas eugênicas; tanto que participaria de várias comissões governamentais durante a ditadura de Vargas, que pretendiam tomar decisões políticas referentes a exames médicos pré-nupciais e aborto.

*Sua Excia. A Presidente da República no Ano 2.500* é seu único romance, e está há meio caminho entre a literatura e o panfletismo político-social. O livro realiza um exercício de antecipação sobre um Brasil futuro, em que as políticas eugênicas e feministas defendidas por ela acontecem. Logo nas pré-páginas, diz a que veio sua obra, a segunda dedicatória e espécie de subtítulo é: “Ao Brasil dos meus Sonhos”. Fica claro o caráter futuroológico do texto. A autora prossegue com uma mensagem ao leitor:

...cada leitor interprete este livro como entender. É romance? É fantasia? É crítica? É obra de ficção, ou pedagógica? Que sei eu...  
Que ele seja esquisito manjar e que cada leitor encontre nele um bocado a seu sabor...<sup>85</sup>

Bittencourt não define o livro como um romance, muito menos ficção científica, pois sua intenção não é narrar uma história em si, mas apresentá-la dentro de uma proposta pedagógica, ainda que exista uma história romântica tradicional no texto, mesmo que seja um romance proibido. Essa intenção foi comum na tradição brasileira de FC até os anos 1950, em que grandes expoentes da literatura nacional escreveram romances científicos que tinham um caráter mais didático que aventureco, diferente da literatura *pulp* norte-americana que estava sendo desenvolvida na mesma época.

Seja em *O Doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar (1875), ou em *O Presidente Negro ou O Choque das Raças* (1926), de Monteiro Lobato, ou mesmo em *Viagem à Aurora do Mundo*, de Érico Veríssimo (1939), temos uma preocupação acentuada com o aspecto pedagógico; ainda que outros escritores como Gastão Cruis, Berilo Neves, Menotti del Picchia e Jerônimo Monteiro tenham, já na primeira metade do século xx, publicado obras de

---

**Getúlio Vargas visto no estrangeiro**, palestra proferida no Instituto Nacional de Ciência Política, em 27 de fevereiro de 1943, por exemplo.

<sup>85</sup> Adalzira Bittencourt, “Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500”. In Susan C. Quinlan & Peggy Sharpe, eds. *Duas Modernistas Esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: Visões do Passado, Previsões do Futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFG, 1996, p. 159.

ficção científica em que o aspecto aventuresco não é prejudicado pelo didatismo.

O crítico Roberto de Sousa Causo (2003) ressalta que a literatura de ficção científica norte-americana sempre teve esse caráter aventuresco, e isto ajudou na sua maior aceitação pelo público consumidor, ainda que também tenha trazido para a ficção científica o rótulo de literatura menor para jovens. Já a literatura de ficção científica brasileira, em seu início, salienta também Causo (2003), por seu caráter didático teve um alcance limitado, não se popularizando como a norte-americana, que era lida pela classe baixa e média, e não só pela elite intelectual, como ocorreu no Brasil.

No romance de Adalzira Bittencourt, a Presidente da República é Mariangela de Albuquerque (de apenas 28 anos), diplomada em Medicina e Direito. Uma jovem inteligentíssima e muito bonita, como deve ser toda a mulher, seguindo os ensinamentos propalados no decorrer do livro.

Inicialmente, o romance começa com uma breve descrição da situação política e biológica do Brasil e do brasileiro no ano 2500:

Corria o ano de 2500.  
O feminismo vencera em toda a linha.  
A presidência da República dos Estados Unidos do Brasil, estava confiada a uma mulher.  
O Exército brasileiro era o assombro do mundo.  
O Brasil era o país mais forte, mais belo e mais rico.<sup>86</sup>

Nesse país dos sonhos, a poucos é dado o direito de desembarcar. Mesmo cientistas americanos e ingleses interessados em estudar as transformações por qual “passará a raça e a política brasileira” não podem desembarcar, impedidos pela “polícia de saúde” que aqui só aceita os “privilegiados de Deus”. Estes, possivelmente, apenas brasileiros brancos e de “boa saúde”.

O homem brasileiro, por sua vez, alcançou o ápice do desenvolvimento biológico pregado pelos eugenistas:

O comum dos homens do Brasil mede 2m, 40 centímetros de altura.  
As mulheres, as menores, medem 1m, 80 centímetros.  
Peso mínimo de um homem de 20 anos, 150 quilos; de uma mulher da mesma idade, 100 quilos...

---

<sup>86</sup> *Idem, ibid.* P. 160.

Durava-se comumente 130 a 180 anos.<sup>87</sup>

Não é apenas fisicamente que o brasileiro muda, pois, tradicionalmente no pensamento eugenista, mente e corpo estão intrinsecamente ligados. Assim, corpos perfeitos geram mentes perfeitas, portanto:

Não foi só no físico que o brasileiro se agigantou.  
O moral também.  
O intelecto também.  
Tudo na proporção do físico.  
Era aqui que viviam os maiores cientistas; os inventores das coisas que assombravam o mundo; os financistas, os artistas, os literatos, os oradores, os jornalistas, os estadistas, os industriais de fama mundial.<sup>88</sup>

Comparamos essas ideias ao retrato apresentado pela autora do brasileiro do século XX:

Em 1990, nós brasileiros, éramos ainda como em 1930: Mirrados. Neurastênicos. Pequenos. Trigueiros. Doentes. Feios. Pobres. Analfabetos. Malcriados e estúpidos.  
Homens de barbinha rala e fala fina, quase sempre tendo nas veias um pouco de sangue negro e por isso mesmo, preguiçosos, indolentes... Cheios de taras e doenças.  
Mulheres raquíticas ou de excessiva gordura balofa, estéreis, sardentas, espinhentas, incultas, pretensiosas, cabotinas e feias.<sup>89</sup>

Após essa descrição de cunho biologista, a autora passa a uma pequena lista de problemas enfrentados pela sociedade brasileira: crises econômicas, política cambial, analfabetismo, multinacionais, etc. Para ela, mais do que um problema de gerência do Estado, as dificuldades eram decorrentes da inferioridade da raça miscigenada brasileira.

Nem mesmo os chefes de Estado e financistas, em geral brancos, eram poupados, pois aqui “não possuíamos financistas e estadistas”, segundo Bittencurt, já que “eram uns glutões que só pensavam em usurpar os cofres públicos”.

O restante do romance é ocupado em relacionar as medidas tomadas historicamente pelas mulheres, que pouco a pouco vão ascendendo na política

---

<sup>87</sup> *Idem.*

<sup>88</sup> *Idem.*

<sup>89</sup> *Idem, ibid.* P. 162.

e aprovando leis eugênicas que transformaram o Brasil e seu povo num país utópico – pelo menos para a autora.

Após conseguirem votar e serem votadas, as mulheres começaram a aprovar seus primeiros projetos, que têm como foco a saúde pública e higienização moral. O primeiro projeto de uma mulher aprovado pelo Legislativo dá conta do fim dos cemitérios e o estabelecimento compulsório dos crematórios, visto que a autora defende a ideia de que os cemitérios seriam causadores de disseminação de micróbios e infecções perigosas.

No decorrer do Governo Provisório de Vargas e, mais tarde, do Estado Novo Vargasista, a Federação Brasileira para o Progresso da Mulher (fundada em 1922 por Bertha Lutz) e outras entidades feministas vinham ganhando terreno concernente aos direitos da mulher. Em 24 de fevereiro de 1932, através do Decreto nº 21.076, Getúlio Vargas institui o Código Eleitoral Brasileiro. Esse decreto concede o direito de voto às mulheres, mesmo que não obrigatório, como o voto masculino.

A médica paulista Carlota Pereira de Queiroz, seria a primeira mulher eleita no Brasil, em 1933, para deputada na Assembléia Nacional Constituinte. Ela foi reeleita em 1934. A bióloga e advogada Bertha Lutz assume uma cadeira na Câmara Federal em julho de 1936.

Em 1934, é eleita prefeita na Cidade de São João dos Patos, no Maranhão, Joanna da Rocha Santos. Pelo menos mais uma dezena de mulheres seriam eleitas no mesmo ano para diversas Câmaras de Deputados Estaduais. Bittencourt, como intelectual feminista, certamente se inspirou nestes casos de vitórias de mulheres na política para prever que, mesmo que demorasse alguns séculos, uma mulher acabaria se elegendo presidente.

Segundo QUINLAN e SHARP (1996):

As ideias de Bittencourt apresentam indícios do papel instrumental das mulheres, principalmente das mães, no seu apoio tanto às tendências fascistas no Brasil do início da Segunda Guerra Mundial como no sucesso do golpe militar de 1964 (p. 20).

O romance de Bittencourt prossegue com o relato de que foi aprovada a eutanásia através de uma injeção narcotizante para os doentes de hanseníase (lepra, popularmente). Para demonstrar que as mulheres não são mais levadas

por questões sentimentais, a autora do projeto acaba tendo um filho com essa doença, porém, ela não volta atrás e seu filho também é eliminado.

O divórcio passa a ser garantido, bem como o fim da mendicância, pois, aos mendigos que podiam trabalhar, foi dado trabalho e, aos demais, a internação em sanatórios.

Por todo o Brasil foram erguidos os “Centros de Saúde e Higiene”, encarregados de atividades que hoje chamaríamos de pré e pós-natal. Sendo que, como na República de Platão, dos três aos quinze anos as crianças pertencem ao Estado e ficam internadas na “Casa Nacional da Criança”. E não é qualquer um que pode ter filhos, o casal deve provar ter boa saúde e boa genética, para tanto, existe a lei dos “exames médicos pré-nupciais”:

Nenhum par de namorados se casará sem que os médicos públicos, especialistas e de confiança, os examinem da maneira a mais minuciosa. O sangue era o que maiores atenções merecia. Sangue puro para os casais de puro-sangue.

O exame de órgãos. Um por um.

Se um dos noivos tivesse um físico com predisposição para a tuberculose, o exame feito era seguido de observação hospitalar. Depois do tratamento, depois de se fortificar e obter alta, ainda assim o paciente sofria a operação da esterilização.

O que seria o filho de um tuberculoso? De um fraco?

Brasileiro é que não seria.

Os noivos esterilizados não deixavam descendentes tarados.<sup>90</sup>

Aqui, a autora abre um parêntese para falar da pecuária, que era tão bem sucedida no Brasil devido à seleção dos melhores espécimes. Por que não aplicar o mesmo ao ser humano? E isso foi feito, pois, preocupadas com a agricultura e a industrialização, as mães de todo o Brasil passam a rezar diariamente no ouvido de seus filhos a seguinte frase:

O Brasil é grande. O Brasil é nosso! É preciso que cada brasileiro plante durante a vida mil árvores, sendo uma diferente da outra, ou que fabrique um objeto, aperfeiçoando-o dia a dia, a fim de conseguir a suprema felicidade nesta e na outra vida.<sup>91</sup>

Com o tempo, o brasileiro se transformaria naturalmente em agricultor, industrial-inventor e ecologista. A formação do homem é certamente uma preocupação central na obra e vida de Adalzir Bittencourt que, mesmo nesse

---

<sup>90</sup> *Idem, ibid.* P. 169.

<sup>91</sup> *Idem, ibid.* P. 171.

campo, como em toda a sua obra, oscila entre posições conservadoras e progressistas.

Ela defende que a educação do futuro deve ser ativa, em consonância com as ideias do educador Anísio Teixeira e do Manifesto da Escola Nova de 1932. Nada mais progressista para a época, mas, ao mesmo tempo, no futuro imaginado em seu romance, o exercício mental da memorização é uma prática vigente. Tem-se um amálgama de propostas antagônicas e pouco compatíveis.

Os eugenistas viam na mulher um papel especial, afinal eram elas que poderiam ser as verdadeiras condutoras de uma política de reprodução e educação eugênicas, como salienta Susan Brady:

Porque entendiam que a reprodução era papel biológico da mulher, muito mais do que do homem. (...) Subsequentemente, as mulheres recebem um status privilegiado nas reformas eugênicas. (...) As mulheres, especificamente as mães, eram percebidas como sendo a base sólida da nação, as forças estabilizadoras no meio da rápida modernização. Elas eram também a garantia de progresso nacional. O neo-lamarckismo, em particular, acreditava que, através dos cuidados prudentes das crianças, as mães poderiam projetar a trajetória da nação. Educar os filhos se tornava, conseqüentemente, central para suas responsabilidades sociais (apud CAUSO, 2003, p. 159).

Adalzira Bittencourt, feminista e eugenista, propõe assim em sua obra uma união dessas duas correntes de pensamento. Ao mesmo tempo em que defende um novo papel social para as mulheres, Bittencourt estabelece a necessidade de uma “Escola das Mães”, para que “renasça em suas jovens discípulas a tradição de que a mulher deve saber que a mais bela missão que tem sobre a terra é a de ser mãe”.<sup>92</sup> Ela chega a dizer que uma mulher saudável deve ter uns vinte filhos e, os homens... bem, não há problema que tenham outras mulheres.

Essa utopia biológica e moral, em que o homem brasileiro teria atingido seu ápice, seria a grande realização dos eugenistas brasileiros. Aqui os deficientes são eliminados logo ao nascer, os indígenas parecem não mais existir e os negros foram exilados na África, onde, segundo a autora, “acabarão por lá, trepados pelas árvores, comendo carne crua e dançando o jongo”.<sup>93</sup> Mas não são apenas os negros, pois portugueses também são exilados na África.

---

<sup>92</sup> *Idem, ibid.* P. 175.

<sup>93</sup> *Idem, ibid.* P. 194.

Bittencourt, por uma dezena de páginas, faz observações referentes à educação, e, somente no fim do livro, empreende algumas considerações sobre o desenvolvimento tecnológico do Brasil do ano 2500, num futuro em que a alimentação é basicamente sob forma de comprimidos e cápsulas químicas.

Essa é uma ideia que já foi muito popular na FC. O que não fica claro, e é no mínimo contraditório, é o porquê de tanta preocupação em fazer com que o Brasil seja uma potência agrícola, se não se consomem mais alimentos produzidos dessa maneira. Falha narrativa ou a autora, mesmo não acreditando ser possível esse tipo de alimentação artificial, usou-a para inflar a competência do Brasil na indústria química.

O voo está plenamente dominado, sendo que se tem até hospitais aéreos com capacidade para até 500 pessoas. Pode-se também adquirir uma casa flutuante sobre o oceano, ou uma casa móvel, de até três andares.

A energia é de graça, fornecida por aparelhos de captação de eletricidade do ar atmosférico. A autora, ao falar desses avanços, sempre os coloca, de alguma forma, ligados à saúde. Com a eletricidade abundante foi possível, por exemplo, estabelecer fornos crematórios de lixo em cada casa e até mesmo aspiradores de pó, sempre tendo em mente os germes passados pela sujeira. Inclusive:

A higiene pessoal também em parte é feita à eletricidade. Há escovas de dentes, acionadas à eletricidade; há duchas para os banhos, cuja água é eletrizada. Há aparelhos metódicos para ginástica. Ligado ao aparelho, faz-se ginástica sem auxílio da vontade. E com que energia! Ótimo para os indolentes. Deveria ter sido usado no Brasil de 1930 a 1940!<sup>94</sup>

Uma breve passagem, “aos que estão veraneando no espaço”,<sup>95</sup> dá conta de uma possível tecnologia espacial, mas não existe maior exploração. Sobre desenvolvimentos tecnológicos, só há comentários mais significativos quando, de alguma forma, poderiam trazer maior aprimoramento biológico ou moral. Desenvolvimento que ocorre com medidas para conter definitivamente a prostituição (apenas estrangeiras podem ser prostitutas), assim como os tóxicos, o álcool e o fumo. Tudo em nome da melhoria da raça. Ao cinema

---

<sup>94</sup> *Idem, ibid.* P. 192.

<sup>95</sup> *Idem, ibid.* P. 190.

nacional é vedado filmar índios, para não passar má impressão do Brasil, para deixar claro aos estrangeiros que por aqui “não se anda de tanga”.<sup>96</sup>

Todas as medidas de “purificação da raça”, inclusive a esterilização, levam muitos casais a não poderem ter filhos, então o governo cria o “Palácio das Princesas do Brasil”. Nesse palácio, garotas eugenicamente perfeitas poderiam ter encontros amorosos com rapazes também eugenicamente perfeitos, com o objetivo de gerar filhos que seriam entregues aos cuidados dos casais esterilizados.

Todo o livro é uma extensa defesa das políticas eugênicas, e tem seu clímax quando a presidente Mariangela de Albuquerque descobre que o pintor por qual mantinha uma paixão platônica — e que ela não conhece pessoalmente, somente através da obra dele — é um anão de 90 centímetros e corcunda. Convicta de suas ideias eugênicas, ela ordena a eutanásia de Jorge (o pintor, por quem era apaixonada) e da mãe dele, por ter escondido o filho. Ao terminar o romance dessa forma, Adalzira Albuquerque talvez quisesse passar uma imagem da presidenta como mulher forte, que não se deixa levar pelos sentimentos.

Bittencourt escreve durante o período do Estado Novo de Vargas. Período em que os eugenistas tentavam transformar várias de suas ideias em orientação política. Já em 1931, foi criada a “Comissão Central Brasileira de Eugenia”, composta de dez membros, incluindo Renato Kehl e Roquette-Pinto, com a intenção de “fazer looby pela legislação eugênica entre os membros da Assembléia Constituinte” (STEPAN, 2004, p. 374). Conseguindo fazer um looby eficiente de suas ideias na constituinte de 1933/34, os eugenistas acabaram por “conseguir transformar parte de suas preocupações eugênicas em novas leis e instituições culturais e sociais” (STEPAN, 2004, p. 374).

Ainda segundo Stepan:

A complexidade do regime Vargas encontrou seu par no movimento eugênico - em orientação científica (neolamarckiana e mendeliana), em sua ideologia racial (que ia do segregacionismo ao assimilacionismo) e em proposta de políticas sociais (higiene pública, proteção à maternidade, legislação trabalhista, controle da imigração) (2004, p. 374).

---

<sup>96</sup> *Idem, ibid.* P. 201.

O movimento eugenista teve influência em diversas áreas do Estado Novo: puericultura, educação física, controle de imigrantes, organização do trabalho e, principalmente, educação. A visão de mundo, como exposta no romance eugenista de Bittencourt fazia parte assim de uma ampla visão de reforma social, compartilhada por outros eugenistas, que tentavam transformar suas visões de mundo em políticas públicas. Segundo Susan Canty Quinlan, Adalzira Bittencourt foi:

Membro de várias comissões legais durante a ditadura de direita de (...) Vargas que ajudaram a decidir políticas sociais a respeito de exames médicos pré-nupciais, eutanásia, esterilização involuntária e aborto, que a levaram à atenção dos nacionalistas seus contemporâneos (*apud* CAUSO, 2003, p. 155).

Em geral, a obra de Adalzira Bittencourt é bem mais enfática na defesa das políticas eugênicas que a lobatiana, o que despertou a atenção do próprio Monteiro Lobato, que, em apreciação publicada ao final de *Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500*, declara:

...que maravilha não será, a avaliar pelo quadro rápido que você pinta! Que delícia viver no ano 2500! Mas quanta audácia, menina! Onde descobriu você tais reservas de coragem para arrostar os preconceitos atuais e propugnar medidas maravilhosas... Parabéns. Você é muito maior do que supunha...<sup>97</sup>

Como salienta Ramos: “Adalzira Bittencourt e Monteiro Lobato, portanto, navegam no imaginário Brasil Moderno. A armação ideológica das respectivas narrativas ficcionais [...] da direção à visão de nação está plenamente encaixada no desenho de um projeto político-cultural à direita conservadora.”<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> Algumas Apreciações sobre *Sua Excia. a Presidente da República no Ano 2.500*. In *Visões do Passado, Previsões do Futuro: Duas Modernistas Esquecidas*. Introdução e notas de Susan C. Quinlan & Peggy Sharpe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Goiânia: Editora da UFG, 1996, p. 213. Originalmente publicada em *Alegria*, 2.<sup>a</sup> edição, 1948.

<sup>98</sup> Ver RAMOS, Maria Bernardete. *Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzira Bittencourt*. Revista Estudos Feministas. Ano 10, nº 1, 1º semestre de 2002. p. 31.

### 6.3 A Eugenia antifeminista de Berilo Neves

O escritor Berilo Neves (1901-1974) foi, segundo o crítico Roberto de Sousa Causo (2003), o primeiro escritor brasileiro a ter uma obra regular de ficção científica e alcançar sucesso de público, vendendo milhares de exemplares. Ainda segundo Causo (2003), o diferencial da obra de Berilo Neves são as especulações sobre novas tecnologias, fato incomum na FC brasileira, principalmente para a época.

Neves defende posições eugênicas e higienistas em vários momentos, mas, ao contrário da maioria dos outros autores que tiveram influência dessas ideias, sua preocupação não é com a questão da raça, mas com a de gênero sexual. A mulher para ele é um “ser” que deve ser superado com um antifeminismo exacerbado. No futuro que Neves almeja, a mulher, bem como o amor, não mais existem.<sup>99</sup>

No conto “O Homem Synthetico”,<sup>100</sup> um jornalista é designado para realizar uma entrevista com o Dr. Finemberger, que deteria o segredo da criação da vida. Ao fazer a apresentação do fictício doutor, Berilo Neves faz uma dissertação expondo nomes e realizações de diversos cientistas médicos que precederam seu personagem

A fama que o acompanha deixára a perder de vista os louros de que se haviam corôado os seus antecessores como Pasteur, Koch, Carrel, Kitasato, e mais recentemente, Steinach e Voronoff. Os círculos científicos da Europa haviam declarado, em solennes moções, ter chegado à conclusão de que o sábio descobrira, afinal, o processo de fabricar syntheticamente a vida como Woehler fabricará a ureá, criando uma nova chimica, que Berthelot havia de diilatar em novos milagres.<sup>101</sup>

Nesse momento, o jornalista passa a fazer conjecturas sobre a importância social que a reprodução assexuada do homem pode ter para a sociedade. Primeiramente, se o casamento tem por finalidade unicamente a reprodução, então ele não seria mais necessário, o que mudaria

---

<sup>99</sup> Todos os contos de Berilo Neves comentados neste ensaio estão presentes na seguinte obra: *A Costela de Adão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

<sup>100</sup> Atualmente a palavra synthetico tem uma conotação mecânica, ou seja, um homem synthetico nos faz pensar em um robô. Mas no decorrer da leitura constatamos que o autor pensa o homem synthetico como um homem “normal”, porém criado em laboratório. Portanto um clone, caso essa denominação existisse na época

<sup>101</sup> NEVES, Berilo. *A Costela de Adão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932, pp. 33-34.

completamente as relações entre os sexos. Na verdade, nesse conto, como em outros do livro, Berilo Neves constantemente coloca a mulher como um dos males da sociedade, preconizando uma época em que elas não seriam mais necessárias, como vemos neste diálogo:

— Já sei: como todos os jornalistas que conheço, o senhor ia encomendar-me uma mulher. E' inútil: só fabrico homens.

— Por que, professor?

— Porque, já agora, as mulheres são inúteis. Ellas serviam para fabricação da humanidade, mas o meu homem synthetico supre e dispensa a maternidade. Dentro de duas gerações, não haverá mais uma única mulher na terra...<sup>102</sup>

Para o autor, a importância da mulher está estritamente em servir como reprodutora da espécie, mas, ainda assim, imperfeita. Agora a ciência eugênica conseguiria, sem a participação das mulheres, criar uma espécie humana melhorada, pois:

Dosando convenientemente as substâncias que entram em sua composição, e pondo-as em condições eugênicas consegui obter lindas células tão vivas quanto os neurônios, e com a vantagem de possuírem maior predominância deste ou daquele elemento, conforme me parece conveniente (NEVES, 1932, p. 36).

Após a escolha da célula adequada e “corretamente eugenizada”, o cientista leva as mulheres para gestarem em “incubadeiras humanas” ... “uma espécie de chocadeira de ovos ligada a energia elétrica” ... que “substitui o ventre materno, com inúmeras vantagens”.<sup>103</sup>

Entre essas vantagens, é destacada a rapidez do período de gestação. Afinal “uma pessoa que deseja vencer, nos nossos dias, não pode perder nove meses improficuamente, agarrado ao cordão umbilical...”<sup>104</sup>

Por fim, o cientista revela ao jornalista seu verdadeiro propósito: regular a inteligência dos homens que estariam por nascer, já que assim não haveria “hypothese de nascer um imbecil, um idiota, por isso que sei fabricar a massa cinzenta de seus cérebros”.<sup>105</sup> Desse modo, o cientista revela sua intenção de eugenizar a humanidade, criando uma raça superior em laboratório.

---

<sup>102</sup> *Idem, ibid.* P. 38.

<sup>103</sup> *Idem, ibid.* P. 36.

<sup>104</sup> *Idem, ibid.* P. 37.

<sup>105</sup> *Idem.*

Já no conto “No Anno 2002”, que relata uma vivência onírica de um médico de 1927 no ano de 2002, mais uma vez o autor reforça a ideia de que criar o homem sinteticamente, sem a necessidade da mulher, representa um avanço biológico nesse futuro em que qualquer órgão pode ser substituído.

Em “O Amor no Século XXI”, a reprodução artificial da vida permite a eliminação da maioria das doenças, inclusive o amor, que termina por levar à morte uma jovem que, pela leitura de um texto poético, fez esse vírus ressurgir em seu corpo.

Já em “Um Casamento no Século XXX”, a higienização leva o homem a viver cada vez mais, e os pais exigem um certificado de saúde do noivo que pretende casar com alguma de suas filhas – algo similar aos atuais testes de saúde ou de propensão a doenças genéticas futuras, que muitas organizações pretendem usar ao contratar um funcionário.

Em “Uma Tragédia Futurista”, qualquer contato corporal, inclusive o beijo, deve ser feito após um processo de higienização. O marido descobre a traição da mulher por causa de um beijo não asséptico.

Em “Uma Carta de Amor do Século XX”, Neves mais uma vez enfatiza que:

Hoje, não é preciso lembrar que os processos de fecundação artificial dos óvulos syntheticos tornaram perfeitamente inútil a mulher como procreadora do homem. Ellas são pessoas semelhantes a nós outros. Trabalham como nós, cortam os cabelos á nossa moda e usam as mesmas túnicas de fio de seda e amianto que usamos. A voz engrossou-se-lhes, o thorax tornou-se-lhes mais amplo, e perderam aquellas fórmulas insólitas que as tornavam tão diversas dos seccos e magros homens dos séculos passados.<sup>106</sup>

Em outras palavras, a mulher se tornou homem. Essa visão de Berilo Neves do papel feminino como mera reprodutora era bem comum, e vinha já nos anos 1920 sendo questionada pelas próprias mulheres, que exigiam certas mudanças legais que, entretanto, “enfrentavam grande resistência... a maioria dos homens e mulheres comuns via as idéias feministas como interpretações estranhas e alienígenas dos papéis e necessidades naturais das mulheres”.<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> *Idem, ibid.* P. 181.

<sup>107</sup> Nancy Leys Stepan. *A Hora da Eugenia: Raça, Gênero e Nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 120.

Esse papel natural da mulher como reprodutora, em sua suposta essência natural feminina, era comum na cultura brasileira entre os séculos XIX e primeira metade do século XX. Como sugere Jeffrey Needell:

Não havia [na segunda metade do século XIX] nenhum motivo para permitir às mulheres instrução e experiências além do pouco exigido para as funções familiares e sociais [...] Embora se possa questionar as razões dos exposés de viajantes [que denunciavam a obtusão da mulher brasileira na época] e amplitude de sua experiência, os comentários sobre ignorância das mulheres, sua falta de habilidade na conversação e timidez não podem ser simplesmente desconsiderados, pois fazem muito sentido. Exceto no caso daquelas muito ricas e viajadas na época, não se poderia esperar outra coisa, em decorrência das restrições que esta sociedade impunha as mulheres. As conseqüências em termos de realização pessoal podem ser facilmente imaginadas. Vale mencionar que os três prazeres considerados característicos entre as mulheres eram a gula, olhar pela janela para fazer mexericos sobre os passantes e o cafuné [...] <sup>108</sup>

O próprio movimento eugenista era majoritariamente masculino, sendo que mulheres como Adalzira Bittencourt eram exceção à regra. Ainda assim o papel da mulher no pensamento de Bittencourt não deixava de ser conservador. Para os eugenistas, o papel social da mulher era no geral garantir a vinda de uma boa prole. Para tanto, mesmo no Brasil, eugenistas como Renato Khel, Belisário Penna, Afrânio Peixoto com o apoio do congressista Amaury Medeiros, a partir de 1927, começaram uma intensa campanha em favor dos exames pré-nupciais. Aprovada em 1930, essa lei fez parte da Constituição durante o longo Governo Vargas. Sua não aplicação foi resultado da falta de recursos administrativos para tal e da oposição da Igreja Católica, que se considerava única autoridade sobre reprodução humana a ser consultada por seus fiéis (STEPAN, 2005).

As considerações de Berilo Neves sobre a mulher e o amor (considerado um sentimento feminino) não são assim tão incomuns, e revelam o lugar que certa intelectualidade brasileira pretendia reservar às mulheres.

No artigo “Corpos que escapam: as celibatárias”<sup>109</sup>, a pesquisadora Cláudia Maia relata que, no início do século XX, a intelectualidade brasileira defendia que o corpo natural feminino seria procriativo e o celibato, uma

---

<sup>108</sup> *Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura da Elite no Rio de Janeiro da Virada do Século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Pp. 162-163.

<sup>109</sup> Ver: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; SWAIN, Tânia Navarro (orgs.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

anomalia. Essa perspectiva está presente na obra de Berilo Neves. Na crônica *A Tragédia das Solteironas*, citada por Maia, Berilo Neves destaca que as mulheres não procriativas são interpretadas como seres portadores de corpos defeituosos, doentes e inúteis.

Em um país em que a Igreja Católica se insurgia contra medidas eugênicas como o aborto, eutanásia e exames pré-nupciais, uma forma científica de criar o homem, como aquela defendida por Berilo Neves, seria uma solução que permitiria o controle masculino sobre a prole, até então única área em que o homem se via em desvantagem com relação à mulher, o que desarticulava os movimentos feministas e representaria grande perda de poder pela Igreja.

Neves estava, dessa maneira, em sintonia com o movimento eugenista que preconizava o controle sobre a reprodução, o qual era ameaçado pelo nascente feminismo e tinha a Igreja Católica como uma rival. A Igreja foi a única grande instituição ocidental a condenar abertamente a eugenia.<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> Em dezembro de 1930, por Pio XI, na bula papal *Castii Connubii* (sobre o casamento).

## CAPÍTULO VII - CRÍTICAS AO FUTURO EUGÊNICO

Afonso Schmidt foi escritor reconhecido pela crítica, principalmente por seus textos regionalistas sobre a vida no interior de São Paulo. Foi redator do *Jornal do Folclore*, com sede em São Paulo nos anos de 1960. Além de poesias, peças teatrais e romances, escreveu obras de cunho político, como *Uma Aventura Anarquista na América*, e religioso, como *Reino do Céu*, além deste que é considerado pelo crítico Roberto de Sousa Causo (2003) como o primeiro texto brasileiro de guerra futura: *Zanzalá*.

Já para o crítico Cesar Silva:

Não há dúvida que Afonso Schmidt foi um grande escritor. Poeta parnasiano, amigo pessoal de Monteiro Lobato, recusou participar da Semana de 22. Escreveu romances importantes como *Colônia Cecília* e *A Marcha*, recebeu o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano em 1963 e teve a data de seu aniversário, 26 de junho, instituída pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo como Dia do Escritor Paulista (Silva, 2007, p. 76).<sup>111</sup>

Seu único romance de ficção científica, *Zanzalá*, teve segundo esclarecimentos do autor, seu capítulo inicial publicado, no jornal *O Estado de S. Paulo* em 28 de fevereiro de 1928, como um conto. Já uma novela posterior, que ainda não chegava a ser o romance, foi publicada em 1936 no “Suplemento”. O romance só viria à luz, em sua forma acabada, pela casa editorial SPES em 1938, mas em uma edição limitadíssima. Foi então disponibilizada ao público apenas em 1949, pelo Clube do Livro, edição que usamos como referência neste trabalho.

*Zanzalá* é uma cidade localizada onde hoje é Cubatão, litoral sul de São Paulo, uma cidade utópica, pacífica, bem ordenada. O romance começa com um relato da evolução sociopolítica do mundo no século xx. A história se passa em 2029, e é o relato do encontro amoroso de dois bailarinos, Tuca e Zéfiro, sendo que a primeira descobre ter uma doença que a matará em alguns meses. Segue-se então a busca pela cura, que levará os dois a diversos cultos místicos diferentes no capítulo “O Maravilhoso”.

---

<sup>111</sup> Ver resenha de *Zanzalá/Reino do Céu*. In. *Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica: ficção científica, fantasia e horror no Brasil em 2006*. São Bernardo do Campo/SP: Edições Hiperespaço, 2007. pp. 75-76.

A história dos dois é permeada por outras, como a de Flanela, um compositor meio louco; o rapto de um cavalo; e a guerra dos bárbaros europeus contra *Zanzalá*. No geral, o romance retrata um futuro utópico mais aceitável, mas ainda assim possui resquícios de um pensamento eugenista e higienista, pois em certa altura do texto, o autor apresenta a seguinte proposta:

Não dispondo propriamente de pena de morte, nem sequer de cadeias, o distrito mantinha uma espécie de jardim fechado onde eram exilados os assassinos, os bêbados e os que se entregavam ao vício do roubo. Ali estavam homens e mulheres em promiscuidade. Havia pipas de aguardente, com uma caneca a lado. Havia montes de ampolas de morfina com centenas de seringas de Pravaz. A cocaína andava em vasos fundos como se fosse açúcar. O Éden só tinha uma porta de saída: a que comunicava com o Colombário. E os exilados acabavam depressa...<sup>112</sup>

As medidas tomadas em *Zanzalá* para com os indesejados parecem, à primeira vista, bastante humanas, mas quando as analisamos atentamente não passam de uma forma de eutanásia aplicada pelo Estado. Além disso, cabe também ao Estado a escolha da profissão de cada cidadão: “*Terminado esse curso de quatro anos, os alunos, de acordo com a observação dos professores, eram encaminhados para a arte, a ciência, a administração, etc. A maior parte, porém, ficava na boa vida da lavoura.*”<sup>113</sup>

Esse tipo de controle aplicado por professores, que escolheriam a profissão dos alunos, já estava presente na *República* de Platão, e faz parte de uma política de seleção eugenista dos mais aptos. Até mesmo a última observação do autor “*ficava na boa vida da lavoura*” é um resquício do pensamento que coloca o camponês, ou na linguagem de Monteiro Lobato, o “Jeca”, como um eterno preguiçoso, que busca a vida fácil.

Apesar de algumas passagens que flertam com concepções eugênicas, no geral, *Zanzalá* é um avanço com relação a outras obras de FC brasileira da época. A sociedade relatada mantém uma convivência pacífica, integrada à natureza e com respeito à diversidade religiosa. Nesse futuro, as pessoas se dedicam à pesquisa científica e a atividades artísticas e desportivas. Nesse caso, as poucas observações eugenistas de Schmidt, que contrastam no geral com o espírito anarquista do romance e de sua obra, são elementos

---

<sup>112</sup> Afonso Schmidt. *Zanzalá e Reino do Céu*. São Paulo: Clube do Livro, 1949, pp. 39-40.

<sup>113</sup> *Idem, ibid.* P. 4.

importantes, pois revelam a força que o pensamento social eugenista teve na época ao contaminar, mesmo que levemente, até autores mais à esquerda.

O escritor Jerônimo Monteiro, com *3 Meses no Século 81*, é aquele que definitivamente eliminará o espectro da eugenia da ficção científica brasileira, pois construirá uma narrativa de uma sociedade eugênica e higienista, mas com o objetivo de criticá-la.

Monteiro é considerado o “pai” da FC brasileira de acordo com o pesquisador Braulio Tavares, pois “foi com Jerônimo Monteiro que começou a existir no Brasil uma ficção científica nos moldes dos EUA. Com ele, a FC brasileira desligou-se do mainstream, ou literatura propriamente dita, e passou a existir como universo literário à parte, obedecendo a regras próprias e dialogando com um público especializado.”<sup>114</sup>

Já nos anos 1930, Monteiro cria novelas radiofônicas com as aventuras do detetive Dick Peter, obtendo grande sucesso. Mais tarde, essas novelas foram publicadas em livros. Escreve diversos livros infanto-juvenis até começar a se enveredar pela FC, na qual se destacam os seguintes livros: *3 Meses no Século 81* (1947), *Fuga para Parte Alguma* (1961), *Os Visitantes do Espaço* (1963), *A Cidade Perdida* (1948) e *Tangentes da Realidade* (1969, coletânea de contos).

O autor também promovia o gênero em sua coluna “Admirável Mundo Novo”, no jornal *A Tribuna* de Santos. Foi editor do *Magazine de Ficção Científica*, da editora gaúcha Livraria do Globo, e foi um dos fundadores do primeiro fã-clubes do gênero no Brasil, a Associação Brasileira de Ficção Científica, em 1965.

O romance *3 Meses no Século 81* é o relato de uma viagem no tempo empreendida pelo jornalista Campos. Devido a não existência de uma tecnologia que possibilite a sua viagem, ele recorre a uma junta de médiuns espíritas que conseguem fazer com que o jornalista, através de uma viagem psíquico-espiritual, projete sua consciência no corpo de um indivíduo do século LXXI que acaba de falecer.

---

<sup>114</sup> Conforme citado por Cláudio Tsuyoshi Suenaga. “Jerônimo Monteiro: Pai da Ficção Científica Brasileira”. *Jornal do Bibliófilo*. Ano I, N.º 2, maio de 2006, p. 6.

De posse do corpo de Loi, Campos começa uma empreitada para conhecer aquela sociedade, e a primeira coisa que descobre é que o corpo humano mudou muito biologicamente, tanto que não possui mais os dentes e os pés e que as pernas são um todo, que servem para deslizar. Essas mudanças corporais, vistas pelos homens do futuro como benéficas, são entendidas por Campos como um retrocesso biológico.

Alguns órgãos, como estômago e intestinos, haviam caído em desuso, já que o homem, uma vez tendo dominado e submetido completamente a natureza, passa a se alimentar apenas de injeções de nutrientes.

É um mundo em que o governo controla rigidamente a natalidade, em que o sexo é escolhido pelos pais e existe uma rígida hierarquia de castas:

- Qual a população do globo?
- Três bilhões. Dois bilhões de funcionários, trabalhadores e operários de das usinas e fábricas, e, um bilhão de dirigentes, mentores orientadores técnicos — pessoal de administração, enfim.
- E os dois bilhões de trabalhadores residem na África?
- Sim, ao Oeste da Afrásia.<sup>115</sup>

Nesse mundo, enquanto operários vivem em uma junção entre África e Ásia, os dirigentes e cientistas vivem na América, Europa e Austrália. Divididos por funções e pela geografia. E, mesmo entre os dirigentes, existe a superespecialização, sendo que o personagem Mui, que deve ajudar Loi a recuperar a memória, se espanta com o fato do herói ter conhecimento do passado, algo que não é sua especialidade.<sup>116</sup>

Os sentimentos também são vistos como sinal de fraqueza, sendo que certas glândulas dos recém-nascidos, as responsáveis pelo amor, são extirpadas. Entretanto, todo o processo de eugeniação e higienização visando desenvolver corpos perfeitos e uma civilização organizada encontra seus percalços. Nesse futuro, todos os germes e micróbios foram eliminados, em uma mostra da higienização absoluta, mas o resultado não foi o esperado:

A vida humana é cada vez mais curta. Descobrimos, tarde de mais, que a perfeita higiene é fatal para o homem. Eliminando todas as espécies de micróbios tiramos do corpo humano a capacidade de

---

<sup>115</sup> Jerônimo Monteiro. **3 Meses no Século 81**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1947, p. 115.

<sup>116</sup> Na história, Campos ao substituir a consciência de Loi passa a fingir ter perdido a memória, a fim de justificar sua falta de conhecimento sobre aquele mundo, mas a todo o momento se trai, fazendo comparações com o século XX.

resistência à luta. E o organismo se torna, cada século, mais fraco (Monteiro, 1947, p. 161).<sup>117</sup>

Como resultado dessa política, a própria existência humana está em risco:

- Imagino. Qual é a média de duração da vida humana?
- É de cinqüenta anos, e tende a diminuir.
- Quer dizer que diminuirá constantemente?
- Se os nossos sábios não encontrarem o meio de atalhar o mal, assim acontecerá. Já calculamos que a humanidade não resistirá a mais mil anos de vida.<sup>118</sup>

No decorrer do romance, a nova humanidade tenta conquistar Marte e, em uma inversão de *A Guerra dos Mundos* (1898), de H. G. Wells, são os humanos que morrem em decorrência dos germes marcianos. Posteriormente, um grupo rebelde, com o qual o homem do século xx se alinha, usa esses germes para conseguir a vitória dos insurgentes sobre a nova civilização humana.

Os rebeldes ocupam, então, o único lugar onde a natureza ainda sobrevive, a Amazônia. E nela pretendem voltar ao modo de vida antigo: readaptando seu corpo paulatinamente aos líquidos e alimentos, cultuando o amor, o trabalho em contato com a natureza e a vida comunitária.

Com essa obra de Jerônimo Monteiro, tanto a eugenia como a higienização – ao contrário do que vimos em Monteiro Lobato, Aldazira Bittencurt, Berilo Neves e, ainda que não tão acentuado, em Afonso Schmidt – não são vangloriadas como solução para os problemas do país e do mundo, mas, responsáveis por seus piores males. Monteiro nos fala, em sua distopia, das consequências de um mundo que usa as teorias eugênicas e higiênicas em políticas de planejamento social, e o resultado é o pior possível, podendo acarretar o fim da nossa espécie.

Quando Jerônimo Monteiro escreve *3 Meses no Século 81*, a eugenia, após as revelações sobre sua implementação pela Alemanha nazista, é definitivamente abandonada como ciência, ainda que, segundo Edwin Black (2003), diversos cientistas eugenistas tenham trocado o termo eugenia por genética. Seja como for, não sendo mais considerada ciência, a eugenia deixa

---

<sup>117</sup> Jerônimo Monteiro. *3 Meses no Século 81*. P. 161.

<sup>118</sup> *Idem, ibid.* P. 162.

de ser usada pelo menos na construção de utopias pelos escritores de ficção científica. No Brasil, é Monteiro quem dá essa virada, pois a partir de sua obra a eugenia é agora um instrumento de construção de distopias político-biológicas.

## Considerações Finais:

No primeiro capítulo deste trabalho, o esforço foi no sentido de demarcar os campos do conhecimento que exploraríamos no decorrer de todo o texto: eugenia, ciência e ficção científica. Visando um melhor entendimento da ciência, não mais como retratos da realidade, abandonamos uma pretensa hierarquização epistemológica do conhecimento e, recorrendo a Khun e Serres, tentamos buscar uma compreensão da ciência como um saber, entre outros possíveis, inclusive a ficção científica. Nessa perspectiva, buscamos, ao longo deste texto, ver como os escritores de ficção científica tornaram cultural o saber científico (eugenia) de seu tempo.

A fim de fornecer elementos para uma compreensão dos discursos em análise neste trabalho, apresentamos um breve histórico do discurso da ficção científica, definições e temas (Cap. II). No capítulo III, realizamos uma análise do discurso darwinista e eugenista, bem como do encontro entre esses discursos científicos do século XIX e do racismo (já presente na sociedade ocidental anteriormente ao darwinismo e a eugenia). Procuramos nesse momento, demarcar os limites conceituais entre darwinismo, eugenia e racismo.

Em decorrência das análises anteriores, trabalhamos no capítulo IV com o mito do super-homem americano, assim pudemos compreender a eugenia como discurso científico capaz de, através da literatura de ficção científica, tornar-se parte da cultura literária de seu tempo. Para tanto, estudamos a ficção científica americana da primeira metade do século XX, mais voltada ao público jovem e ao consumidor de revistas *pulps*, que em geral não foram os mesmos consumidores dos textos científicos produzidos pelos eugenistas.

A eugenia, entretanto, não foi um discurso monolítico sobre a realidade, mas multifacetado e passível de incorporações teóricas conforme as ideias já existentes nas culturas em que esse saber vinha sendo propagado. Nesse caso, no capítulo V, tentamos demonstrar como o saber eugênico recebeu o aporte de ideias lamarckistas e de teorias de branqueamento, então muito populares na elite intelectual brasileira. Com isso, pudemos concluir que a eugenia foi um saber plural, presente de diferentes formas em diferentes culturas, como os Estados Unidos, Japão, México e Brasil.

E foi nessa especificidade plural do discurso eugênico que pudemos entender sua incorporação ao discurso literário brasileiro de então, nossa ficção científica (Capítulo VI). Se nos Estados Unidos, como vimos no capítulo IV, a eugenia foi justificativa científica para narrativas que contemplassem o aperfeiçoamento do indivíduo, mais que do coletivo; no Brasil, a confluência das narrativas eugenistas, higienistas, nacionalistas e racistas, deram ensejo a obras de ficção de caráter coletivo, em que não o indivíduo, mas a coletividade nacional, através do processo eugênico, atinge uma almejada utopia eugenista.

Esses escritores tornaram a eugenia um saber cultural de seu tempo, e ofereceram-nos uma forma de entender o movimento eugênico no Brasil, não como um discurso científico importado, mas como uma narrativa científico-nacionalista. Eles almejavam poder extrapolar os resultados das políticas eugenistas que defendiam, um futuro esperado, mas nunca realizado (uma utopia nacional).

Essa utopia foi múltipla. Se Bittencourt, por exemplo, idealizava um caminho para a ascensão política da mulher, Berilo Neves via na eugenia um caminho para o desaparecimento do gênero feminino. Ambos recorrem ao mesmo substrato conceitual da eugenia, mas os resultados de suas extrapolações são perpassados por outras motivações, além da eugenia.

No capítulo VII, que encerra este trabalho, a fim de fornecer maiores elementos quanto à recepção do pensamento eugenista na ficção científica brasileira, identificamos que a eugenia não era apresentada sempre de forma positiva, como um caminho a ser trilhado para o desenvolvimento da nação. Na novela futurística *Zanzalá*, de Afonso Schmidt, localizamos eugenismo contrastando com ideias anarquistas do escritor, em uma tentativa de assimilação de ideias contraditórias.

Já em *3 meses no Século 81*, a eugenia leva o homem à decadência corporal e moral. Aqui Jerônimo Monteiro demarca o abandono de ideias eugenistas por parte dos escritores brasileiros de ficção científica, que salvo engano nosso, nas próximas décadas não mais defenderiam posições eugenistas. Não mais reconhecida como ciência pela comunidade científica após a II Guerra Mundial (resultado da política eugenista nazista), que passou a adotar o novo paradigma da genética, a eugenia também deixa de ser referência para romances futuristas de ficção científica.

## Referências Bibliográficas:

### 1. Fontes Primárias (Ficção):

BITTENCOURT, Aldazira. **Sua Excia. A Presidente da República no ano 2500**. São Paulo: Schmidt, 1929.

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro ou O Choque das Raças**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

MONTEIRO, Jerônimo. **3 meses no século 81**. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1947.

NEVES, Berilo. **A Costela de Adão**. 5<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

\_\_\_\_\_. **Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1934.

\_\_\_\_\_. **A Mulher e o Diabo**. 3<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1936.

SCHMIDT, Afonso. **Zanzalá e Reino do Céu**. São Paulo: Clube do Livro, 1949.

### 2. Bibliografia Geral:

ALLEN, L. David. **No Mundo da Ficção Científica**. Tradução de Antonio Alexandre Faccioli & Gregório Pelegi Toloy . São Paulo: Summus Editorial, [s.d.].

ASIMOV, Isaac. **No mundo da ficção científica**. Trad. Thomas Newlands Neto. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

AZEVEDO, Fernando de. **As ciências no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

BARRETO, Pereira. **Soluções Positivas da Política Brasileira**. São Paulo: Editora Escala, 2007.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. Trad. Marco Estevão Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1999.

BLACK, Edwin. **A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante**. Trad. Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2003.

BAUDOU, Jacques. **A Ficção Científica**. Trad. Carlos Nunes. Mem Martins/Portugal: Publicações Europa-América, 2008.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Trad. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURGUIGNON, Marco A. M. **Catálogo de Ficção Científica Brasileira**. Disponível em: <http://www.scarium.com.br/catalogo/catalogo.html>. Acesso em: 05 de junho de 2005.

BRANCO, Marcello Simão. **Tendências e Desafios da Ficção Científica Brasileira**. MEGALON. Publicação da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. Ano XVI, nº 70, Dez., 2003. pp. 11-14.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **A ficção científica, imaginário do século XX: uma introdução ao gênero**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2004.

CARNEIRO, André. **Introdução ao estudo da “science fiction”**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Imprensa Oficial do Estado, 1967.

CAROZZI, María Julia (Org.). **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e forma Cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. **Apontamentos Historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia**. Revista Episteme. Porto Alegre, V. 3, n.º 5, p. 23-48, 1998.

CASTRO, Faria L. de. **Antropologia: escritos exumados 2: dimensões do conhecimento antropológico**. Niterói: EdUFF, 1999.

CAUSO, Roberto de Sousa (org.) **Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica**. São Paulo: Devir, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil -1875 a 1950**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

CAUSO, Roberto de Sousa. **VIAGEM EXTRAORDINÁRIA – Ficção científica hard de Verne criou plataforma para a afirmação de autores como Michael Crichton e Willian Gibson, e gêneros como o steampunk e cyberpunk**. Revista CULT . São Paulo: Editora Bregantini, Março de 2005. Ano VII, nº 90.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores)

CORRÊA, Mariza. **As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil**. 2<sup>o</sup> ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

CORRÊA, Mônica Cristina. **Literatura científica ou ciência literária?** Revista Scientific American: Exploradores do Futuro – Júlio Verne: A incrível Viagem. São Paulo: Segmento-Duetto, 2005 (01): p. 98-99.

CUNHA, Fausto. A Ficção Científica no Brasil. In: ALLEN, L. David. **No Mundo da Ficção Científica**. Tradução de Antonio Alexandre Faccioli & Gregório Pelegi Toloy. São Paulo: Summus Editorial, [s.d.].

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies – Esboço de 1842**. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. **A origem das espécies**. Trad. Eduardo Fonseca. São Paulo: Hemus, [S. D.].

\_\_\_\_\_. **Autobiografia: 1809-1882**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DESMOND, Adrian; MOORE James. **DARWIN: A vida de um evolucionista atormentado**. Trad. Cynthia Azevedo. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

DIWAN, Pietra. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto, 2007.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

DURANT, Will. **A História da Filosofia**. Trad. Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Penadores)

FIKER, Raul. **Ficção Científica: Ficção, Ciência ou uma Épica da Época**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985.

FREIRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49<sup>o</sup> ed. São Paulo: Global, 2004.

GALTON, Francis. **Eugenics: its definition, scope, and aims**. The American Journal of sociology. Volume X; July, 1904; Number 1. Disponível em: <http://www.mugu.com/galton> (Fac-símile).

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelune. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Interpretação das Culturas**. Trad. Fnyy Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **OBRAS E VIDAS: O antropólogo como autor**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GINWAY, M. Elizabeth. **Ficção Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro**. Trad. De Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

GOLDSCHMIDT, Vitctor. **Tempo Histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos**. In: A religião de Platão. Trad. Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. P. 139-147.

GOLISZEK, Andrew. **COBAIAS HUMANAS: a história secreta do sofrimento provocado em nome da ciência**. Trad. Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Lance de dados: a idéia de evolução de Platão a Darwin**. [ S. T. ]. Rio de Janeiro: Record, [S. D.].

\_\_\_\_\_. **Darwin e os grandes enigmas da vida**. Trad. Maria Elizabeth Martinez. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os Dentes da Galinha**. Trad. David Dana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HUXLEY, Julian. **O pensamento vivo de Darwin**. Trad. Paulo Samaya. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.

HUXLEY, Thomas Henry. **Darwiniana: a origem das espécies em debate**. Trad. Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2006.

JAMESON, Fredric. **Arqueologías del futuro: El deseo llamado utopia y otras aproximacions de ciência ficción**. Madrid/España: Ediciones Akal, 2009.

JONES, Gerard. **Homens do Amanhã: geeks, gangsteres e o nascimento dos gibis**. Trad. Guilherme da Silva Braga e Beth Vieira. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

KEHL, Renato. **Tipos Vulgares: Introdução a Psicologia da Personalidade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1940.

\_\_\_\_\_. **Psicologia da Personalidade: Guia de orientação psicológica**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1945.

\_\_\_\_\_. **Bio-Perspectivismo: Dicionário Filosófico**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.

\_\_\_\_\_. **Através da Filosofia: 6 preleções**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São paulo: Perspectiva, 1989.

\_\_\_\_\_. **Paradigmas da evolução científica**. In: A filosofia Americana: Conversações. Org: Giovanna Borradori. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LEAKEY, Richard E. **A evolução da humanidade**. Trad. Norma Telles. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

LECOUTEUX, Claude. **História dos Vampiros: Autópsia de um mito**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

LIMA, Nísia. SÁ, Dominichi de. **Um Mestre da Ciência para Todos**. Revista Nossa História. Ano 2, n.º 17 de março de 2005. Rio de Janeiro: Editora Vera Cruz. p. 72-75.

LEPENIES, Walf. **As Três Culturas**. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957(a).

LOBATO, Monteiro. **Problema Vital**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957(b).

MACHADO, Carlos Alberto. **Contribuições da Ficção Científica para o conhecimento e a aprendizagem**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000. (Dissertação de Mestrado em Educação)

MAI, Lilian Denise. **Análise da Produção do Conhecimento em Eugenia na Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn, 1932 a 2002**. Tese de Doutorado. USP – Ribeirão Preto, 2004.

MERCIER, Paul. **História da Antropologia**. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Teorema, 1986.

MESQUITA, André Campos. **Darwin: o naturalista da evolução das espécies**. São Paulo: Editora Escala, 2011. (Coleção Pensamento e Vida, V. 02)

MONTELEONE, P. **Os cinco problemas da eugenia brasileira**. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Medicina de São Paulo, 1929.

NASCIMENTO, R. C. (Org). **Quem É Quem na Ficção Científica Volume I: A coleção argonauta**. São Paulo: Scortecci, 1985.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Quem É Quem na Ficção Científica Volume II: Catálogo de Ficção Científica em Língua Potuguesa: 1921 - 1993**. São Paulo: Qnat Fantasia e Ficção Científica, 1994.

OTERO, Léo Godoy. **Introdução a uma história da ficção científica**. São Paulo: Lua Nova, 1987.

PEREIRA, Fabiana da Camara Gonçalves. **Fantástica Margem: O cânone e a ficção científica brasileira**. Dissertação de Mestrado. PUC – Rio de Janeiro, abril de 2005.

PEIRANO, Mariza. **A Teoria Vivida e outros ensaios de antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PONTES, Heloisa. **Círculo de Intelectuais e Experiência Social**. RBCS.Vol.12, n° 34, p. 57-69, jun. 1997.

QUINLAN, Susan C; SHARPE, Peggy. **Duas Modernistas Esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: Visões do Passado, Previsões do Futuro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFG, 1996.

RANGEL, Jorge Antonio. **Edgard Roquette-Pinto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

REIS, José R. F. **Higiene mental e eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)**. Dissertação de mestrado, São Paulo, IFCH/Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_. **De pequenino é que se torce o pepino: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental**. Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos v.7, n.º 1, Rio de Janeiro mar./jun. 2000.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Ensaio de Antropologia Brasileira**. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. Universidade de Brasília, 1982. (Coleção temas brasileiros, V. 37)

RUBIM, Chistina de Rezende. **Antropólogos Brasileiros e a Antropologia no Brasil: A era da Pós Graduação**. Campinas: Unicamp. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH / Unicamp, 1996.

SAGAN, Carl. **O Mundo Assombrado Pelos Demônios: A Ciência Vista Como Uma Vela no Escuro**. São Paulo, Companhia de Letras, 1996.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. **Quem é bom, já nasce feito? Uma leitura do eugenismo de Renato Kehl (1917-1937)**. Revista Intellectus / Ano 04. Vol. II – 2005.

\_\_\_\_\_. **Lobato, os jecas e a questão racial no pensamento social brasileiro.** Acheugas, [www.acheugas.net](http://www.acheugas.net), número 7, 2003.

SANTOS, Ricardo Ventura. MAIO, Marcos Chor. (org.). **Raça, Ciência e Sociedade.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/CCBB, 1996.

SCAVONE, Rubens Teixeira. **Templários, Frankenstein, Buracos Negros e outros temas.** São Paulo: Editora Hemus, [S.D.].

SHELLEY, Mary. **Frankenstein: ou o moderno Prometeu.** Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SCHOEREDER, Gilberto. **Ficção Científica.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **O Espectáculo da Miscigenação.** In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertaol (Org.). **A Recepção do Darwinismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 165-180.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a Ciência: A formação da comunidade científica no Brasil.** Rio de Janeiro: Março, 2001. Disponível em: < [http://www. Schwartzman.org.br/simon/portuguese.html](http://www.Schwartzman.org.br/simon/portuguese.html)>. Acesso em: 05 de out. 2003.

SERRES, Michel. **Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo.** Trad. Mônica Cristina Correa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SEYFERTH, Giralda. **A antropologia e a teoria do Branqueamento da Raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda.** Revista do Museu Paulista. Nova Série / Vol. XXX: São Paulo, 1985.

SIEBENMANN, G. **Sobre a problemática relação entre literatura e ciência.** Trad. Elsa M. de Jesus e Ernilda J. Stein. Revista de Letras. Assis, V. 13, p. 39-65, 1970 / 1971.

SILVA, Marcos Virgílio da. **Detritos da Civilização: eugenia e as cidades no Brasil.** Revista Arquitectos. Texto Especial 235, maio de 2004. Acesso em: 20/11/2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp35.asp>

SILVA, Mozart Linhares da. **Eugenia, Antropologia criminal e prisões no Rio Grande do Sul.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SIMPSON, G. G. Haverá plano e finalidade na natureza?. In: MUSSOLINI, Gioconda. **Evolução, raça e cultura: Leituras de antropologia física.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro**. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SKORUPA, Francisco Alberto. **Viagem às Letras do Futuro: Extratos de Bordo da Ficção Científica Brasileira: 1947-1975**. Curitiba: A Quatro Ventos, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A Ficção do Tempo: Análise da Narrativa de Science Fiction**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **Uma análise do conceito antropológico do “outro” na obra do escritor Augusto Emílio Zaluar**. Marília, SP: UNESP/FFC, 2007.

\_\_\_\_\_. **Viagens no Tempo na Ficção Científica Brasileira** In: Ademir Pascale (org.). **TIME OUT – OS VIAJANTES DO TEMPO**. Belo Horizonte/MG: Estronho, 2011. pp. 108-119.

\_\_\_\_\_. **Ficção Ufológica no Brasil: literatura e ufologia construindo caminhos para entender o fenômeno ÓVNI**. In: Ademir Pascale (org.). **UFO: Contos não identificados**. Praia Grande/SP: Editora Literata, 2010. pp. 15-19.

\_\_\_\_\_. **Zumbis e Mortos-vivos: elementos para a gênese de um mito literário moderno**. In: Georgette Silen (org.). **Zumbis: Quem disse que eles estão mortos**. São Paulo : All Print, 2010. pp. 117-123.

SOEIRA, Renato Souza Pinto. **A Contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o Esporte Nacional: 1933 a 2000**. Dissertação de Mestrado em Motricidade Humana. Universidade Castelo Branco, UCB-RJ. Disponibilizada em <http://www.esefex.ensino.eb.br/esefex/historiaprincipal.htm>. Acesso: 05/12/2007.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Em nome da raça: a propaganda eugênica e as idéias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920**. *Revista de História Regional* 11 (2): 9-70, Inverno, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Eugenia no Brasil: Ciência e Pensamento Social no movimento eugenista brasileiro do entre-guerras**. Acesso em: 01/12/2007. Disponível em:

STEPAN, Nancy Leys. **A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

\_\_\_\_\_. **Eugenia no Brasil: 1917-1940**. In: Gilberto Hochman (org.). **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. Pp. 331-391.

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. **Jerônimo Monteiro: Pai da Ficção Científica Brasileira**. *Jornal do Bibliófilo*. Ano I, n.º 2, maio de 2006, p. 6.

SVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. (2ª ed.). São Paulo: Companhia das letras, 2003.

TAVARES, Braulio. **O Que É Ficção Científica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Rasgão no Real: Metalinguagem e Simulacros na Narrativa de Ficção Científica**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

\_\_\_\_\_. **Fantastic, fantasy and fiction literature catalog**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1992.

VAX, Louis. **A arte e a literatura fantástica**. Tradução de João Costa. Lisboa: Arcádia, 1972.

WELLS, Herbert George. **A Guerra dos Mundos**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2000.

\_\_\_\_\_. **Tono-Bungay**. Trad. Mara Elizabeth. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1990.